

Princípios de Programação com Exemplos em C

Aleardo Manacero Jr.

Notas de Aula - 2010

Dedico este texto aos meus filhos (Gustavo e Miguel) e minha esposa (Ciça), por permitirem minhas horas adicionais de trabalho.

Prefácio

Quando esse texto começou a ser escrito o objetivo era simplesmente o de ter um material de boa qualidade que apresentasse os conceitos introdutórios sobre programação na ordem que considerava adequada. Com o início da empreitada foi possível perceber que escrever um texto introdutório sobre programação de computadores é uma tarefa extremamente complexa, como mostrarei a seguir. Mesmo assim a qualidade do material, após muitas revisões e correções, melhorou a ponto de torná-lo publicável e assim o objetivo passou de minhas próprias aulas para o apoio ao ensino de programação segundo uma abordagem baseada em algoritmos e linguagens imperativas. É esse o texto que o leitor encontra a seguir. Antes, porém, é preciso apontar alguns aspectos relevantes sobre o texto, seu uso e sua aplicabilidade.

Primeiro, temos que entender porque escrever um texto introdutório sobre programação de computadores (e provavelmente sobre vários outros assuntos) é algo muito complexo. O principal problema na elaboração do texto é explicar cada assunto num nível de detalhamento que permita ao leitor compreender corretamente aquilo que está escrito. A dificuldade nisso é que os tópicos tratados neste texto são, há muito tempo, parte integrante da forma de pensar de quem atua no ensino de programação. Isto resulta em que grande parte dos assuntos tratados parece ser óbvia quando na realidade não o são (pelo menos não tão óbvias quanto parecem). Assim, em alguns momentos as explicações parecem ser exageradas e desnecessárias. Em alguns momentos elas realmente são desnecessárias e nesse ponto reside a difícil decisão de identificar o que realmente é necessário e o que apenas gerará tédio ao leitor (como talvez esse parágrafo esteja fazendo).

Outro problema a ser resolvido é definir o foco do texto. Esse problema, felizmente, depende mais das preferências do autor, embora possa levar leitores incautos a considerarem que faltam tópicos ao texto. O foco do texto define, em última análise, o uso do mesmo e sua aplicabilidade. Assim dedico os próximos parágrafos ao exame deste assunto.

O foco deste texto

A arte ou ciência de programar máquinas já existe desde o início do século XIX, quando foram desenvolvidos os primeiros teares programáveis. Nesses mais de duzentos anos a atividade de programação deixou os cartões dos teares para ir aos modernos computadores digitais, em que os programas são constituídos por informações armazenadas em meios magnéticos e podem fazer com que bilhões de operações sejam realizadas num piscar de olhos. Durante essa evolução ela passou de uma arte para uma ciência, em que os comandos a serem executados pelos computadores podem ser modelados e planejados com precisão e confiabilidade.

É exatamente essa mudança de arte para ciência que determina o foco deste texto. Nosso entendimento é de que a aprendizagem de programação deve ser feita através de métodos formalmente definidos, em que o uso de uma ou outra linguagem de programação não faça diferença alguma. Assim, o conteúdo aqui apresentado parte do princípio de que a essência da programação está na ciência da modelagem do problema e definição dos algoritmos. Assim, este é o foco do texto e não a implementação de programas em uma linguagem qualquer.

A definição do foco sobre aspectos conceituais de programação e não sobre aspectos técnicos da mesma faz com que diversos aspectos relativos à linguagem fiquem de fora do texto. O que se quer aqui é fornecer um texto que permita ao leitor escrever programas a partir de uma boa definição de conceitos de estruturas de dados e de modularização do problema. A inclusão de exemplos em linguagem C (junto com os conceitos básicos dessa linguagem) ocorreu apenas para tornar o texto menos entediante. Não se pretende apresentar aqui um curso de linguagem C (muito menos fazer uso nos exemplos de técnicas mais elaboradas de codificação, que aproveitem recursos não usuais da linguagem). Para esse fim existem bons livros e os excelentes manuais da linguagem, que são perfeitamente acessíveis para quem já compreendeu os mecanismos da boa programação.

A distribuição de conteúdos

Os conceitos de programação de computadores apresentados nesse texto aparecem numa sequência lógica de complexidade e aplicabilidade. O texto inicia com uma rápida introdução sobre os conceitos fundamentais de computação, mostrando como o computador funciona e como programas devem ser desenvolvidos. Nesse sentido são brevemente descritos alguns conceitos de hardware e de aspectos relativos a algoritmos, modelos para solução de problemas e programação estruturada. Nesse capítulo inicial apresenta-se também os conceitos preliminares de linguagem C.

Após essa introdução se faz uma pequena incursão ao estudo de tipos de dados, com foco nos tipos mais fundamentais de uma linguagem de programação (tipos numéricos simples e tipos caracteres).

Na sequência do texto se faz um exame cuidadoso de estruturas de controle de fluxo em programas. No capítulo 3 examinam-se os testes de decisão, deixando os laços de repetição para o capítulo 4. Deve-se deixar claro, entretanto, que o exame dessas estruturas de controle (testes e repetição) é precedida por um breve estudo dos conceitos sobre testes de condição, operadores condicionais e operadores lógicos, uma vez que esses são a base para as estruturas de controle.

Tendo o conhecimento sobre as estruturas de controle é possível passar-se ao uso de estruturas de dados mais elaboradas. Assim, o capítulo 5 trata da apresentação de estruturas homogêneas de dados (os vetores). Nesse ponto também é apresentado o uso de endereços como um tipo simples de dados (mais precisamente o uso de ponteiros para endereços), uma vez que os mesmos serão necessários para determinadas passagens de parâmetros para funções nos exemplos em linguagem C do capítulo seguinte.

Nesse ponto do texto já é possível resolver problemas mais complexos, o que torna necessário modularizar nossos programas. Assim no capítulo 6 são apresentados os subprogramas. São examinados com cuidado os conceitos sobre escopo de variáveis e passagem de parâmetros. O uso de recursão e de programas recursivos é deixado para um capítulo posterior. O leitor pode, entretanto, adiantar esses conceitos se considerar mais conveni-

ente. Na sequência aqui imaginada o mecanismo de recursão apenas se torna obrigatório na manipulação de listas, servindo então como sua introdução.

O capítulo anterior praticamente encerra a apresentação das técnicas de programação disponíveis. No restante do texto o que se faz é apresentar progressivamente novas estruturas de dados. Assim, no capítulo 7 são apresentadas as estruturas de dados heterogêneas e, aproveitando a sua aplicabilidade, a manipulação básica de arquivos de dados.

O falta fazer para virar um livro

No momento o material está concentrado na parte mais fundamental das técnicas de programação. Para que fique em condições de virar um livro é preciso completar o texto com capítulos sobre estruturas dinâmicas de dados, listas e suas especializações (listas circulares, pilhas, filas, etc.) e árvores binárias. Estruturas de dados para armazenamento secundário (árvores B, entre outras) não devem ser tratadas, mesmo na versão completa do texto.

Outro aspecto a ser melhorado no texto diz respeito aos exemplos e listas de exercícios. Hoje eles aparecem numa quantidade mínima necessária e precisam ser ampliados ainda mais para ampliar seu aspecto didático.

Tudo isso deve ser feito em breve, com a colaboração dos alunos que experimentam esse material ano a ano. Por isso meu muito obrigado a todos eles.

Sumário

Prefácio	ii
1 Introdução	1
1.1 O computador	2
1.2 Programas e linguagens de programação	3
1.3 Algoritmos e programação estruturada	6
1.3.1 Programação estruturada	10
1.4 A linguagem C e alguns aspectos de legibilidade de código	13
1.4.1 Uso de nomes simbólicos	14
1.4.2 Atribuição de valor	15
1.4.3 Definição de constantes	16
1.4.4 Uso de bibliotecas	16
1.4.5 Lendo e escrevendo informações	17
1.4.6 Operadores aritméticos básicos	18
1.4.7 Delimitadores e comentários	18
1.4.8 Funções e a função <i>main</i>	19
1.4.9 Um (<i>outro</i>) programa completo em C	19
2 Tipos de dados fundamentais	21
2.1 Tipos de dados	21
2.2 Tipos numéricos	22
2.2.1 Inteiros	22
2.2.2 Reais	23
2.2.3 Precisão e intervalos de validade em C	23
2.2.4 Operadores numéricos	24
2.2.5 Funções sobre tipos numéricos	25
2.2.6 Precedência entre operadores	26
2.3 Tipos caracteres	27
2.3.1 Caracteres em C	28
2.4 <i>Casting</i> de tipos	30
3 Estruturas de decisão	32
3.1 Expressões condicionais	33
3.1.1 Operadores lógicos	33
3.1.2 Combinando expressões lógicas	34
3.1.3 Operadores lógicos e relacionais em C	35
3.2 Estruturas de decisão simples	36

3.2.1	Testes de decisão simples em C	36
3.2.2	Encadeamento de testes de decisão	38
3.3	Estrutura de decisão de múltipla escolha	39
3.3.1	Testes de decisão múltipla em C	40
3.3.2	Aninhamento de testes de decisão múltipla	41
4	Estruturas de repetição	42
4.1	Estrutura de repetição enumerável	42
4.2	Estruturas de repetição não-enumeráveis	44
4.3	Estruturas de repetição em C	45
4.3.1	Repetição enumerável - o comando <i>for</i>	45
4.3.2	Repetição não-enumerável - O comando <i>while</i>	45
4.3.3	Repetição não-enumerável - O comando <i>do-while</i>	46
4.4	Exemplos no uso de laços de repetição	46
4.5	Cuidados com laços de repetição	49
4.6	Aninhamento de estruturas de repetição	49
4.7	Laços não estruturados: o comando <i>goto</i>	50
5	Tipos de dados compostos	52
5.1	Tipos estruturados homogêneos	52
5.2	Estruturas homogêneas em C	53
5.3	Cadeias de caracteres	58
5.4	Tipo endereço: os ponteiros	61
5.4.1	Ponteiros em C	62
6	Subprogramas	65
6.1	Parâmetros e escopo de variáveis	68
6.1.1	Passagem de parâmetros	69
6.1.2	Cuidados com uso de parâmetros	72
6.1.3	Outras formas de passagem de parâmetros	73
6.2	Parâmetros e escopo de variáveis em C	74
6.2.1	Definição de protótipos	76
6.3	Tipos de subprogramas	77
6.4	Subprogramas recursivos	83
6.4.1	Problema da Torre de Hanói	85
6.4.2	Problemas recursivos clássicos	89
7	Estruturas heterogêneas de dados	94
7.1	Aplicações de estruturas heterogêneas	94
7.2	Estruturas heterogêneas em C	96
7.2.1	Declaração de uma estrutura	96
7.2.2	Manipulação de estruturas	97
7.2.3	Estruturas heterogêneas especiais	99
7.3	Arquivos de dados	102
7.3.1	Leitura e escrita	102
7.3.2	Abertura	102
7.3.3	Fechamento	103
7.3.4	Arquivos em C	103

Lista de Figuras

1.1	Componentes básicos de um computador.	2
1.2	Programa para zerar posições de memória (processador 8085)	4
1.3	Programa para zerar posições de memória (assembly para 8085).	4
1.4	Programa para zerar posições de memória (pascal).	5
1.5	Blocos usados em fluxogramas.	9
1.6	Algoritmo para cálculo de fatorial.	10
1.7	Programa na linguagem C para cálculo de fatorial.	11
1.8	Modularização de tarefas.	11
1.9	Unicidade de acesso e saída em módulos de decisão.	12
1.10	Unicidade de acesso e saída em módulos de repetição.	13
1.11	Estrutura básica de um programa em C	20
2.1	Indicativo de como os espaços são alocados na memória.	21
3.1	Algoritmo para tirar uma roda de um carro, ilustrando o uso de estruturas de controle.	32
3.2	Exemplo do uso do comando <i>if</i>	37
3.3	Exemplo do uso do comando <i>if-then-else</i>	37
3.4	Exemplo de <i>if-then-else</i> com vários comandos nos ramos.	38
3.5	Múltiplas escolhas com encadeamento de testes de decisão	39
3.6	Múltiplas escolhas com testes de decisão de múltipla escolha	40
3.7	Uso de testes de decisão de múltipla escolha aninhados.	41
4.1	Fatorial usando estruturas de repetição enumerável	43
4.2	Exemplo genérico de uso de laços de repetição	47
4.3	Modelos para aninhamento de estruturas de repetição	50
4.4	Algoritmo para soma de matrizes	50
5.1	Algoritmo para soma de matrizes usando estruturas homogêneas	53
5.2	Indexação de estrutura bidimensional	55
5.3	Programa em C para a soma de matrizes	56
5.4	Algoritmo para problema da média das notas	57
5.5	Código C para o programa da média de notas	58
5.6	Uso de um ponteiro para acessar um endereço na memória	62
6.1	Visão conceitual da execução de subprogramas	66
6.2	Visão de fluxos da execução de subprogramas	66
6.3	Parâmetros em subprogramas: (a) Com passagem de cópias. (b) Com passagem de endereço	70

6.4	Subprograma para troca de variáveis. Versão incorreta.	70
6.5	Subprograma para troca de variáveis. Versão correta.	71
6.6	Estado da memória nas diferentes formas de passagem de parâmetros	72
6.7	Passagem de parâmetros por nome.	74
6.8	Sintaxe geral de uma função em C	74
6.9	Programa para solução de sistemas com duas ou três equações	80
6.10	Programa correto para solução de sistemas com duas ou três equações	82
6.11	Função recursiva para o cálculo do fatorial.	84
6.12	Torre de Hanói com disco 1 já movimentado.	85
6.13	Torre de Hanói após seis movimentos.	86
6.14	Torre de Hanói iterativa	87
6.15	Torre de Hanói recursiva	88
6.16	Execução da Torre de Hanói para 4 discos	89
6.17	Problema das N rainhas.	90
6.18	Algoritmo da função <i>leiaToken</i> para conversão da notação infixa para posfixa.	91
6.19	Função para localizar elemento mais a direita em uma árvore	92
7.1	Estrutura para registro de um empregado	95
7.2	Estrutura (simplificada) para registro de um empregado	96
7.3	Manipulação de campos com vetores	98
7.4	Ordenação de elementos num vetor de estruturas heterogêneas	100
7.5	Algoritmo de conversão de dados	105
7.6	Código C para o programa de conversão de dados	106

Lista de Tabelas

2.1	Algumas funções da biblioteca matemática do C	25
2.2	Ordem de precedência entre operadores em C	26
3.1	Tabela-verdade do operador de conjunção	33
3.2	Tabela-verdade do operador de disjunção	34
6.1	Diferenças entre subprogramas com e sem retorno de resultado	77
7.1	Tabela de funções para manipulação de arquivos	104

Capítulo 1

Introdução

Este texto foi escrito com o objetivo de criar o primeiro contato entre um futuro programador de computadores e os computadores e as linguagens que permitem sua programação, considerando inicialmente o paradigma imperativo de programação e, conseqüentemente, uso de uma linguagem imperativa. Com isso em mente, esse primeiro capítulo faz uma breve introdução ao que se entende por programação estruturada de computadores. Isso inclui a apresentação de alguns aspectos da máquina (o computador) para que se possa ter uma compreensão mais adequada de como os programas são executados. Inclui também uma introdução ao método estruturado de programação, passando por sua modelagem, construção dos algoritmos e respectiva implementação.

Essa introdução aos conceitos de programação estruturada deve ser vista com muito cuidado. Isso porque apesar de ser uma metodologia aparentemente natural, muitos acabam tendo dificuldades na atividade de programação por não seguirem seus conceitos de forma sistemática. A escolha por usar-se uma estratégia baseada no paradigma imperativo é que quando seu aprendizado é sólido, fica muito mais simples mover-se para outros paradigmas de programação, em especial, quando se usam ambientes de programação modernos, em que o trabalho de projeto muitas vezes é negligenciado.

Nos próximos capítulos são apresentados aspectos particulares da programação de computadores. Esses aspectos surgem dentro de uma sequência em que a complexidade dos programas e problemas resolvidos aumenta progressivamente. Assim, no capítulo 3 são apresentadas as principais estruturas que permitem controlar o fluxo de execução de um programa (isto é, a ordem em que os comandos presentes serão executados). Essas estruturas de controle são essenciais na implementação de qualquer programa, uma vez que mesmo problemas simples envolvem a realização de processos repetitivos (uma ação executada várias vezes) ou de escolha por caminhos alternativos (a partir de um critério de decisão qualquer).

Uma vez apresentadas as principais estruturas de controle passamos ao exame dos tipos de valores que podem ser tratados por um computador no capítulo 2. Apesar de na prática o computador entender apenas os sinais ligado/desligado, podemos criar estruturas que representam valores inteiros, reais e caracteres, entre outros, na forma de sinais ligado/desligado. Na prática, o uso do computador apenas faz sentido através da manipulação de valores desses tipos, organizados tanto de forma individual como coletiva.

Conhecendo então as estruturas de controle e os tipos de dados fundamentais temos que ao longo do capítulo 6 apresenta-se um conceito essencial para que se resolva problemas mais complexos. Esse conceito é o de dividir o problema em partes menores, mais fáceis de se resolver. Essa técnica resulta na criação de subprogramas, que existem em várias formas nas

diversas linguagens de programação.

Finalmente voltamos, ao longo do capítulo 7, ao exame de como representar valores no computador. Agora, entretanto, nos preocupamos com a representação de valores mais complexos, que incluem a composição de valores distintos como nomes e números através de um único nome simbólico. Isso inclui o uso de tais valores em locais de armazenamento externos à memória, que chamamos arquivos.

Ao final desses capítulos espera-se que o leitor tenha condições de escrever programas relativamente complexos. Programas escritos a partir desse material falham apenas por não executarem necessariamente de modo eficiente. Essa eficiência surge através do exame de métodos para busca e ordenação de informações, que são tipicamente parte de cursos de estrutura de dados.

Vamos então iniciar nosso estudo de programação através do exame de como o computador funciona e de quais são os aspectos principais de programação estruturada. Antes de prosseguir devo deixar claro que as siglas usadas ao longo deste texto seguem um padrão que o autor considera mais comumente usado, com alguns termos usados no seu original em inglês e outros traduzidos, quando a tradução tiver uso amplo na literatura técnica brasileira.

1.1 O computador

Um computador nada mais é do que uma máquina que quando devidamente preparada, através de seus programas, pode realizar tarefas relativamente complexas. As tarefas que podem ser cumpridas são sempre manipulações numéricas e/ou simbólicas sobre conjuntos de dados, isto é, manipulações sobre informações. Foi nesse contexto que ocorreu, na realidade, a origem do termo *informática*.

Para realizar estas manipulações um computador necessita de certos componentes, alguns para se comunicar com o mundo externo (chamados dispositivos de entrada e/ou saída), outros para armazenar dados e programas (as memórias) e ainda uma unidade de processamento (a **CPU**, de *Central Processing Unit*). A figura 1.1 ilustra a organização destes componentes para que o computador funcione, segundo a chamada “arquitetura de Von Neumann”.

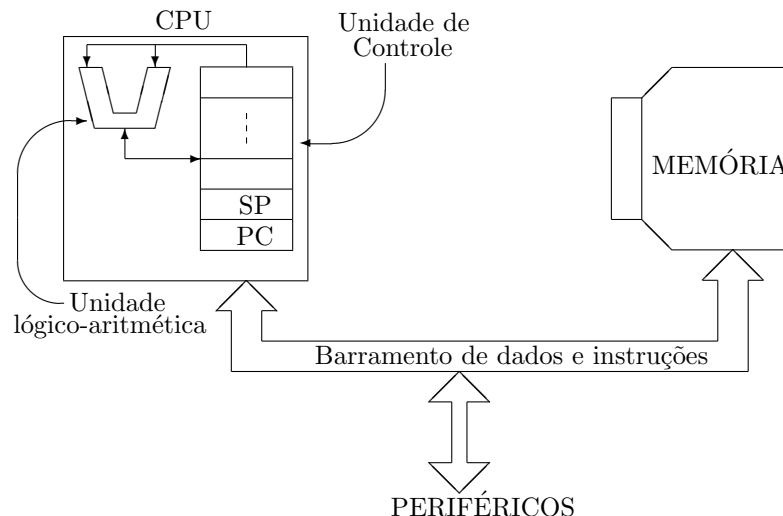


Figura 1.1: Componentes básicos de um computador.

A execução de um programa ocorre de forma bastante simples. Os procedimentos apresentados a seguir representam corretamente, embora de forma simplificada, como ocorre a execução de um programa no computador. Deve-se ressaltar que esses procedimentos são praticamente os mesmos desde os primeiros computadores até hoje, exceto por aspectos técnicos que permitem um melhor aproveitamento dos ciclos de relógio da máquina.

1. Inicialmente as instruções para a execução de um programa ficam em algum dispositivo de armazenamento externo, como um disco rígido (o HD), ou CD-ROM, ou outro dispositivo qualquer. Para que o programa possa ser executado é preciso que ele seja levado para a memória do computador, numa operação definida como carregamento do programa, realizada pelo carregador ou *loader*.
2. Uma vez carregados os programas podem ser executados pelo sistema operacional (que é quem controla todo o funcionamento do computador). Isso ocorre através da passagem, sequencialmente, das instruções que compõem o programa para a CPU, onde elas serão efetivamente executadas na unidade lógico-aritmética (ULA).
3. Para a execução na ULA a instrução é previamente decodificada na unidade de controle (UC), quando se determina qual a ação a ser executada e quais os dados necessários para a sua execução. Os dados necessários são trazidos então da memória ou lidos a partir de algum periférico, como teclado, disco rígido ou qualquer outro que permita a entrada de dados.
4. Uma vez concluída a execução de uma instrução a UC define qual a próxima instrução a ser executada, a partir do resultado obtido e do valor do chamado contador de programas (PC). Essa instrução é então trazida para a CPU e o processo se repete até que se chegue ao final do programa.

Durante a execução do programa, sempre que necessário, instruções específicas dirigem o computador a transferir informações armazenadas na memória para dispositivos periféricos, tais como arquivos e monitores, entre outros dispositivos de saída de dados. Podem também trabalhar em sentido contrário, isto é, solicitar que dispositivos de entrada de dados (arquivos, teclado, *mouse*) passem informações para a memória, onde ficariam armazenadas e disponíveis para uso na CPU.

As ações descritas aqui representam os passos básicos para a execução de programas em computadores digitais. O entendimento dessas ações permite que se compreenda a razão para que os vários comandos e tipos de dados existentes em uma linguagem resultem nos objetivos pretendidos pelo programador. Podemos agora passar para o exame de como são os programas e as linguagens de programação.

1.2 Programas e linguagens de programação

Como dito anteriormente, um computador é apenas uma máquina que precisa ser preparada para funcionar. Esta preparação nada mais é do que um conjunto de instruções mostrando o que deve ser feito a cada instante. Esse conjunto de instruções é chamado “programa”.

Entretanto, como o computador é uma máquina, as instruções devem seguir um formato compreensível por ele. Este formato consiste em sequências de sinais elétricos que representam cada instrução usando os estados “ligado” e “desligado” representando valores lógicos (verdadeiro ou falso) como padrão de referência. Assim, o trecho de programa da figura 1.2 representa as instruções para colocar o valor zero em algumas posições de memória de computadores equipados com o processador 8085 (usado nos primeiros PCs).

```
00000110010100001010111101110010001100000101
1100001000000011000000000110000110000110000000000
```

Figura 1.2: Programa para zerar posições de memória (processador 8085)

Cabe aqui abrirmos um parenteses para definir alguns nomes usados para os uns e zeros que aparecem nessa figura. Cada dígito desses recebe o nome de **bit**, que vem de **binary digit**, sendo que o computador trabalha com conjuntos de bits chamados **palavras**. Um tamanho especial de palavra é o de oito bits, que é a unidade convencional de medida de armazenamento conhecida por **byte**. As instruções apresentadas na figura 1.2 ocupam portanto 12 bytes, ou 96 bits.

Claro que este monte de ‘uns’ e ‘zeros’ é completamente ilegível para um ser humano (pelo menos para os normais). O primeiro passo para contornar este problema foi a criação de linguagens de montagem (*assembly*), com as quais o mesmo programa seria escrito na forma da figura 1.3.

```
lxi h, ender
mvi b, comp
zera: xra a
      mov m, a
      inx h
      dcr b
      jnz zera
```

Figura 1.3: Programa para zerar posições de memória (assembly para 8085).

Esse programa, entretanto, continua a parecer um hieróglifo para quem não tem o conhecimento sobre o funcionamento do processador (CPU) específico. Além disso, cada tipo (ou família) de processador possui um conjunto de instruções diferente, que torna praticamente impossível transportar um programa escrito em *assembly* de um tipo de CPU para um computador que use um outro tipo de CPU.

O ideal seria que fosse possível escrever programas em nossa linguagem que fossem compreensíveis pelo computador. Isso ainda é impossível pela natureza intrinsecamente complexa da gramática presente nas chamadas linguagens naturais (português, inglês, etc.). A solução encontrada é o uso de linguagens intermediárias, com uma gramática e vocabulário bem mais

restrito, que permitam a escrita de um programa com relativa facilidade e que possam ser facilmente traduzidas para a linguagem de máquina específica.

O processo de tradução é feito com o uso de programas especiais, que convertem um programa escrito numa linguagem pré-definida (o programa ou código fonte) na linguagem da máquina (código executável). Estes programas especiais são de dois tipos: os **interpretadores**, nos quais o programa é convertido no momento em que é executado; e os **compiladores**, nos quais é feita uma conversão prévia do fonte para a linguagem de máquina, sendo que o resultado dessa conversão é armazenado num arquivo chamado de binário, ou executável, que poderá ser ativado (executado) quantas vezes for preciso.

As linguagens nas quais serão escritos os programas são mais próximas de expressões matemáticas perfeitamente compreensíveis para seres humanos. Dentre as muitas linguagens de programação existentes podemos citar pascal, fortran, C, Java, lisp, prolog, smalltalk, cobol, etc. A seguir, na figura 1.4, aparece escrito em pascal o programa para zerar 50 posições de memória, propositadamente com erros de sintaxe (a declaração de ARRAY) e de lógica (a comparação feita no comando WHILE).

```
PROGRAM zeramem;

VAR
  INTEGER  mem;
  mempos: ARRAY [1..50] of INTEGER;

BEGIN
  mem := 1;
  WHILE (mem < 50) DO
    BEGIN
      mempos[mem] := 0;
      mem := mem + 1;
    END;
  END.
```

Figura 1.4: Programa para zerar posições de memória (pascal).

Nem todas as linguagens funcionam da mesma maneira, uma vez que problemas diferentes exigem técnicas de solução também diferentes. Assim, as muitas linguagens de programação podem ser classificadas segundo vários critérios. Um deles é o nível de abstração da linguagem, em que temos linguagens de alto nível como o pascal e linguagens de baixo nível, como o C. O nível de abstração é a medida da proximidade entre a linguagem do programa e da máquina, sendo que as de alto nível estão mais distantes da máquina.

Uma outra maneira de classificar linguagens é segundo seu grau de estruturação. Uma linguagem estruturada é aquela que possui mecanismos (comandos da linguagem) capazes de organizar suas ações através de padrões que podem ser logicamente formalizados. O pascal e o C são exemplos de linguagens estruturadas, enquanto o fortran (em sua forma original) não é estruturado.

Finalmente, uma última forma de classificar uma linguagem é através de seu paradigma de

programação, isto é, como programas em uma determinada linguagem devem ser “pensados”. Nessa classificação temos essencialmente os paradigmas:

- imperativo (pascal, C, fortran, entre muitas), em que os programas são compostos por listas de comandos ou ordens de como fazer as coisas, que são executadas de forma linear, adequando-se fortemente ao conceito da arquitetura de Von Neumann;
- funcional (Lisp, scheme, haskell, ML), em que os programas são compostos por funções (aplicações) que traduzem o que deve ser feito, em geral através de uma formulação matemática aplicada aos elementos de um determinado conjunto;
- lógico (prolog), em que os programas são compostos por séries de proposições lógicas, associadas a regras de predicados em lógica de primeira ordem, sendo que sua execução não é linear, dependendo de quais regras são verdadeiras a cada momento da busca pela solução;
- orientado a objetos (smalltalk, C++, Java, C#), em que os programas executam ações, ou métodos, sobre objetos que representam eventos e elementos do mundo real, sendo que as linguagens desse paradigma são originadas em grande parte de linguagens imperativas.

Alguns autores ainda acrescentam os paradigmas concorrente (Ada) e modular (Modula-2), mas esses podem ser entendidos como especializações, para aplicações específicas, dos paradigmas anteriores.

1.3 Algoritmos e programação estruturada

Até agora, falamos de programas apenas de forma bastante genérica, sem nos preocupar em como um programa é escrito. Pois bem, antes de termos um programa nas mãos é necessário que executemos alguns passos iniciais, indo do problema a ser resolvido até o programa escrito numa linguagem de computação qualquer. A seguir temos a descrição desses passos.

Definição do problema

Se existe algum problema a ser resolvido temos que defini-lo de forma bastante clara antes de fazer qualquer outra coisa. Esse processo faz parte do que se chama engenharia de requisitos, que é a atividade de determinar com precisão o que o usuário deseja e como isso pode ser fornecido pelo programa. A arte de definir corretamente o problema nos economiza muito tempo de desenvolvimento, pois citando C.F. Kettinger, “Um problema bem definido é um problema metade resolvido”.

Apesar de ser uma etapa aparentemente irrelevante, a definição do problema não é tão simples quanto parece. Ao longo de muitos anos de prática pude observar que a maioria dos problemas enfrentados no desenvolvimento de projetos é o entendimento do que precisa ser feito. Casos simples, como os que aparecem nos exemplos desse texto, de fato não representam um obstáculo à definição do problema e de sua solução. Entretanto, o aumento da complexidade do problema faz com que seja mais difícil defini-lo de modo correto e, conseqüentemente, encontrar o modelo que o resolva.

Apenas para exemplificar, considere que um astrônomo deseja calcular quanto tempo levaria para três planetas, hoje com suas órbitas alinhadas em relação ao sol, terem novamente suas órbitas alinhadas. Para resolver corretamente este problema falta definir a que alinhamento ele se refere, isto é, se é na mesma posição atual ou não. São questões como essa que devem ser completamente resolvidas antes de se dar qualquer outro passo na criação de um programa computacional.

Geração de um modelo

O segundo passo no processo é criar um modelo que defina de forma única o problema em questão. Modelos bem construídos facilitam o projeto do programa, uma vez que permitem restringir nosso trabalho ao que é realmente necessário e ainda nos guiam na geração de soluções. Em linhas gerais podemos pensar no modelo de um programa como sendo equivalente à maquete de um prédio, que permite identificar como ele ficará (e corrigir eventuais erros de projeto) a um custo muito pequeno e num tempo bem menor do que sua real construção.

De modo geral, bons modelos usam equações matemáticas para representar o problema a ser resolvido. O uso de modelos matemáticos se explica pois é mais fácil transformar equações em instruções de uma linguagem de programação do que fazer o mesmo com enunciados abstratos em formulações puramente textuais. O formalismo matemático é usado mesmo em situações aparentemente fora desse contexto, pois sempre é possível transformar um problema em uma representação simbólica que permita algum grau de equacionamento matemático.

Voltando ao exemplo do astrônomo, é na definição do modelo que aparece toda a diferença entre o alinhamento ser na mesma posição ou não. No primeiro caso o modelo é muito simples, bastando que se calcule o mínimo múltiplo comum entre os períodos das órbitas dos três planetas. No segundo caso o alinhamento ocorrerá muito antes, devendo ser calculado a partir um sistema de equações para as posições angulares dos três planetas, sendo que o alinhamento ocorrerá no primeiro instante em que todos tenham o mesmo momento angular.

Criação de um algoritmo

Um algoritmo nada mais é do que uma receita para a transformação do modelo num conjunto de ações que possam ser reescritas em linguagem de programação. Idealmente, um algoritmo em sua versão final é quase o programa escrito em linguagem natural. O processo de criação de um algoritmo segue uma abordagem de refinamentos sucessivos (chamada de **top-down**), em que se parte de um algoritmo muito rudimentar, tal como “*para ir até a biblioteca vá até a biblioteca*”, do qual refinam-se as instruções até que todas sejam facilmente executáveis, como “*para ir até a biblioteca siga pela rua X até o cruzamento com a rua Y, vire a direita na rua Y e siga por dois quarteirões, até o número Z, que é onde fica a biblioteca*”.

Voltando mais uma vez ao problema do nosso astrônomo, o algoritmo teria que descrever, passo a passo, como resolver todas as equações e cálculos para o respectivo modelo. Para o caso simples, teríamos um algoritmo de alto nível dizendo, por exemplo: encontre os períodos das órbitas dos três planetas numa unidade pré-definida (dias, anos), calcule o m.m.c desses períodos, que será o tempo necessário, na unidade pré-definida, para se ter o novo alinhamento na mesma posição.

O algoritmo detalhado teria que explicar como se obtém os períodos na tal unidade, depois como se calcula o m.m.c de três números a partir de sua decomposição em primos

(explicando como se faz essa decomposição) e depois definir ainda como o resultado final será apresentado.

Implementação do algoritmo

A partir do algoritmo passamos a escrever o programa na linguagem de programação desejada. A escolha entre as várias linguagens disponíveis deve ser feita segundo critérios como eficiência, familiaridade e disponibilidade da mesma. A etapa de implementação é extremamente mecânica, sendo que existem até programas que geram código fonte numa determinada linguagem a partir de uma especificação formal¹.

Apenas para confirmar isto, dentro da engenharia de software se considera que esta etapa é a que deveria consumir a menor parte do tempo de projeto e, de fato, se torna a mais curta se as demais forem bem feitas.

Como se pode ver, a criação de um programa não é uma tarefa complexa se seguirmos uma estrutura organizada de passos (**um algoritmo !!**), a partir do problema até o programa.

Na implementação de sistemas mais complexos existem técnicas específicas de modelagem, originadas a partir da engenharia de software, tais como os modelos baseados em diagramas de fluxo (DFD) e, num nível mais alto o padrão UML por exemplo. Esses modelos, além de criarem uma sistemática para o desenvolvimento de softwares, permitem a associação gráfica para que ações o programa irá executar.

Numa escala mais simples de modelagem temos os fluxogramas, que podem ser usados para problemas menos complexos. Um fluxograma é, na realidade, uma alternativa também ao algoritmo do programa, uma vez que também pode descrever todos os passos do algoritmo de forma gráfica. Um fluxograma utiliza sinais gráficos específicos (“blocos”) para representar classes de ações a serem tomadas em cada passo. Na figura 1.5 são apresentados os principais blocos usados em fluxogramas. Esses blocos incluem o de processo, que representa a execução de comandos (explicitados no bloco) para alguma ação; o de decisão, que representa comandos para a escolha entre dois ou mais caminhos; o de entrada de dados e o de saída de dados (impressão, gravação em arquivos), entre outros.

O processo completo de geração do programa depende muito pouco da linguagem a ser utilizada na implementação. Da definição do problema ao algoritmo o que mais importa é o paradigma a ser usado (lembrem-se que paradigma pode ser entendido como a forma de pensar o programa). Apenas na etapa de implementação é que surge a dependência da linguagem. Assim, se temos um algoritmo (ou fluxograma) bem detalhado, fica bastante simples escrever-se um programa que resolva nosso problema em quase qualquer linguagem (claro que tomando-se o cuidado com eventuais restrições oriundas do paradigma utilizado).

¹Especificação formal é uma técnica de se especificar as ações de um programa a partir de critérios algebricamente consolidados. Isso equivale, de certo modo, à escrita de um algoritmo usando uma linguagem baseada em relações algébricas e, permite grandes ganhos na construção de programas funcionalmente corretos.

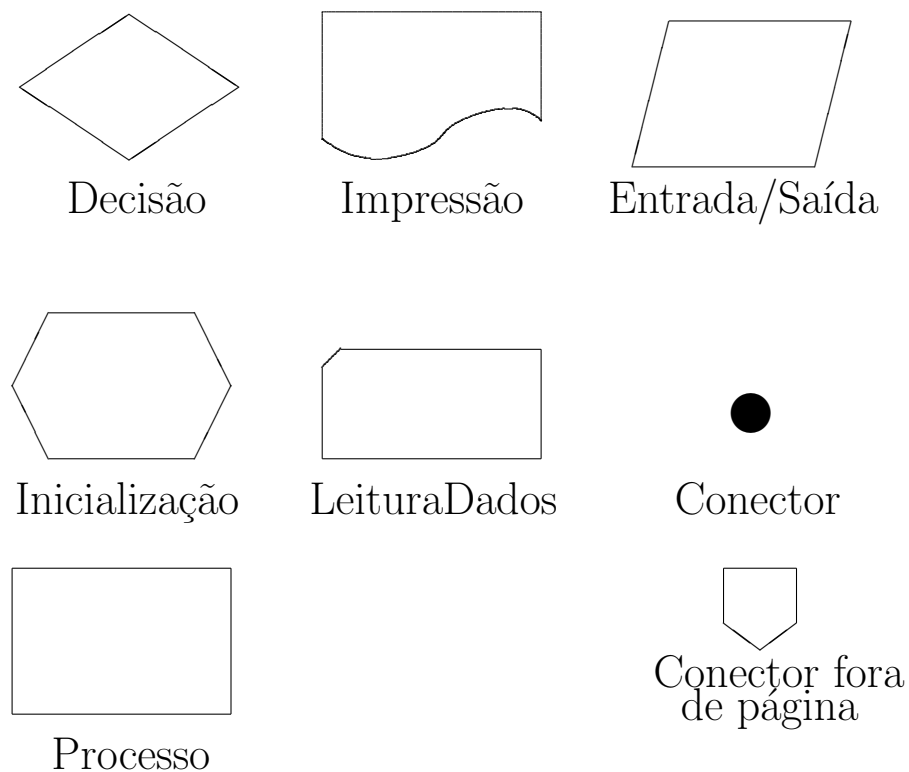


Figura 1.5: Blocos usados em fluxogramas.

Exemplo

Considere que lhe solicitem um programa que calcule o fatorial de um número natural qualquer. As etapas de geração desse programa são as seguintes:

1. Definição do problema

Nesse caso essa etapa é bastante ‘natural’. Nosso problema é apresentar um programa que calcule o fatorial de um número natural, lembrando que os naturais são formados pelos inteiros maiores ou iguais a zero.

2. Geração do modelo

O cálculo do fatorial pode ser representado pelas seguintes equações matemáticas:

$$n! = 1, \text{ se } n=0 \text{ ou } n=1$$

ou

$$n! = n \times (n-1) \times \dots \times 3 \times 2 \times 1, \text{ se } n > 1$$

3. Criação do algoritmo

Considerando a equação apresentada no modelo, um possível algoritmo aparece na Figura 1.6, mais adiante. Para chegar até aquele algoritmo pode-se pensar inicialmente num algoritmo base como sendo a equação dada pelo modelo. A partir dela podemos imaginar que antes de calcular o fatorial temos que saber qual o número desejado (óbvio!!), portanto temos que ler esse número, acusando um erro caso não seja um

natural. Depois temos que saber se ele é igual a zero ou um. Se for, a resposta é imediata (fatorial = 1). Se não for, temos que usar a segunda parte da equação, ou seja, calcular o produto indicado. Para fazer isso podemos repetir a operação de multiplicação k vezes (sendo k igual ao número menos 1), da forma como aparece na equação.

```
LEIA um número
FAÇA fatorial igual ao número
SE número menor que zero
    ENTÃO escreva que não existe fatorial de inteiros negativos
SE número igual a zero ou número igual a um
    ENTÃO
        FAÇA fatorial igual a um
    SENÃO
        DECREMENTE o número
        ENQUANTO número for maior que zero
            REPITA DAQUI:
                FAÇA fatorial igual a fatorial vezes o número
                DECREMENTE o número
        ATÉ AQUI
ESCREVA o valor de fatorial
```

Figura 1.6: Algoritmo para cálculo de fatorial.

4. Implementação do algoritmo

Com o algoritmo detalhado da Figura 1.6 é possível gerar o código fonte para o programa em qualquer linguagem do paradigma imperativo (e para muitas outras linguagens de outros paradigmas). Em nosso exemplo usaremos a linguagem C.

1.3.1 Programação estruturada

Uma vez definidos os passos a serem executados para a criação de um programa, temos que nos preocupar com o estilo a ser utilizado no processo. A *programação estruturada* é o caminho correto a ser seguido em termos de estilo, pois assegura ao programador a clareza necessária para a construção de programas corretos e eficientes.

Para se escrever um programa de forma estruturada é necessário seguir algumas regras fundamentais que dizem respeito ao fluxo de execução do programa. Estas regras podem ser melhor entendidas de forma gráfica, usando os blocos básicos de fluxogramas para indicar os fluxos de execução a serem seguidos pelo processador durante o atendimento das regras. Temos então:

1. Regra da modularização:

```
#include <stdio.h>

main( )
{int num, fatorial;

    puts ("Digite um numero");
    scanf ("%d", &num);    // faz a leitura do numero
    if (num < 0)    // testa se e negativo, se for encerra
        { puts("Nao existe fatorial de numero negativo");
          exit(0);
        }

    fatorial = num;
    if ((num == 0) || (num == 1))    // testa para n=0 e n=1
        fatorial = 1;
    else    // se for diferente calcula o fatorial pela regra
        { num = num - 1;
          while (num > 0)    // repete as multiplicacoes para
                          // calculo do fatorial
          { fatorial = fatorial * num;
            num = num - 1;
          }
        }
    // apresenta o resultado do fatorial
    printf (" O fatorial e %d \n", fatorial);
}
```

Figura 1.7: Programa na linguagem C para cálculo de fatorial.

Deve-se **modularizar** o programa. Isso significa particionar um problema em sub-problemas menores e de solução mais simples, como feito na criação de um algoritmo. Este processo muitas vezes recebe o nome de “dividir para conquistar” em outras áreas de trabalho. O diagrama da figura 1.8 apresenta claramente esse conceito.

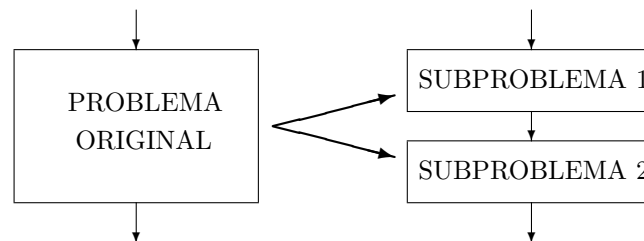


Figura 1.8: Modularização de tarefas.

2. Regra da unicidade de caminhos

Cada módulo **deve ter precisamente uma entrada e uma saída**. Isso implica, em termos gerais, que todo programa deve ter um início e um final. Essa regra é útil para determinar como um programa se comporta durante sua execução, uma vez que em qualquer momento teremos sempre um único caminho a seguir a partir de um dado módulo.

Isso aparentemente não é verdade para o bloco de decisão em um fluxograma, em que a partir dele partem dois caminhos (um quando o resultado do teste é verdadeiro e outro quando é falso). Nesse caso temos que o módulo por ele definido deve conter necessariamente os dois ramos que saem do bloco, de forma a garantir que haverá apenas uma saída, como visto na 1.9. Esta estratégia é conveniente pois assim teríamos formas bastante simples de controlar o fluxo do programa, podendo prever com exatidão quais seriam os caminhos a serem percorridos e também se esses serão aqueles que realmente deveriam ter sido percorridos.

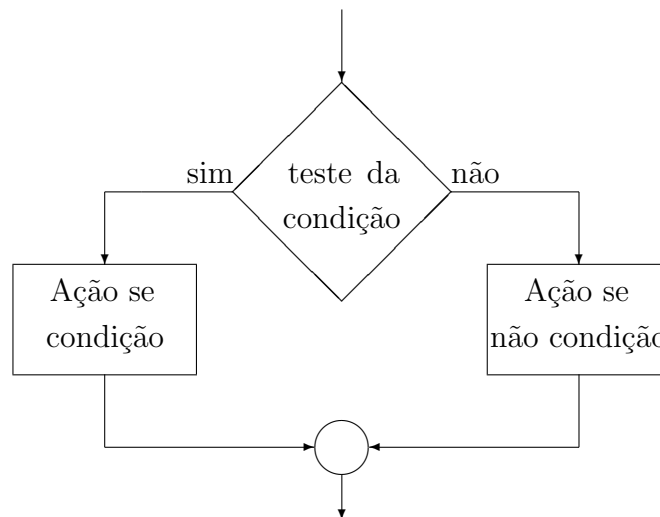


Figura 1.9: Unicidade de acesso e saída em módulos de decisão.

Essa prática se repete com os módulos de repetição, que são aqueles usados para controlar atividades repetitivas, como as multiplicações do exemplo de fatorial. Na prática as repetições são construídas a partir de um teste de decisão (devo ou não continuar a repetir) e um corpo de atividades (aquilo que estou repetindo).

No caso de blocos de decisão existe ainda uma diferenciação quanto ao momento em que o teste de decisão pela primeira vez. Isso resulta em dois tipos distintos de blocos de decisão: aqueles em que o corpo é executado pelo menos uma vez, e aqueles em que isso pode não ocorrer. A Figura 1.10 apresenta os dois tipos de módulos de repetição e como os módulos são construídos para atender a regra de unicidade de acesso e saída.

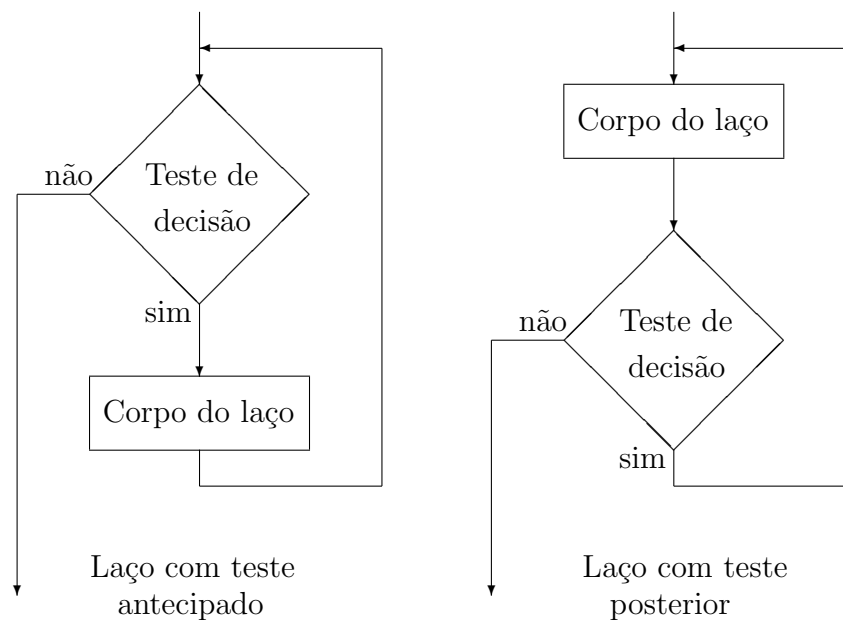


Figura 1.10: Unicidade de acesso e saída em módulos de repetição.

As chances de obter um programa funcionalmente correto aumentam substancialmente quando um programador utiliza essas regras básicas no momento de especificar o algoritmo que resolve seu problema. Além disso, como programas seguindo essa filosofia acabam por ser bastante legíveis, a manutenção (ato de acrescentar ou modificar tarefas executadas pelo programa) e a obtenção de programas corretos ficam muito mais simples. Essa facilidade aumenta ainda mais se o programador tomar o cuidado de colocar comentários significativos, acrescentar linhas em branco separando módulos e colocar espaços de tabulação (chamados de indentação) para visualizar o grau de aninhamento entre módulos, como ocorre com o exemplo da figura 1.7.

Como uma nota adicional, existem métodos exatos para verificar se um programa está correto. O uso dos chamados métodos formais é baseado em lógica de primeira ordem e álgebra, sendo essenciais em áreas de computação em que o rigor das respostas fornecidas pelo computador seja elevado (com possíveis prejuízos de vida ou materiais se assim não forem).

1.4 A linguagem C e alguns aspectos de legibilidade de código

Embora já seja uma linguagem relativamente antiga, do início dos anos 70, a linguagem C ainda é intensamente utilizada. Do ponto de vista de aprendizagem C tem suas vantagens e desvantagens. Primeiro se trata de uma linguagem com gramática base bastante simples, seguindo muito a estrutura de um algoritmo. Uma segunda vantagem em aprender C como a primeira linguagem reside no fato de já se aprender uma linguagem de uso profissional, o que não ocorre por exemplo com Pascal, que é mais didática porém tem pouco uso nos dias de hoje. Do lado das desvantagens temos o fato de ser largamente dependente do uso de bibliotecas para que o programa funcione e de não fazer previamente a verificação de conflitos

e exceções, o que dificulta a identificação de problemas de consistência do programa.

Como o essencial num curso introdutório é a apresentação do estilo correto de programação, ou seja, estruturação de programas, construção de algoritmos e modelagem de problemas, nos preocuparemos apenas com as construções mais elementares da linguagem C, deixando para depois o uso de comandos e estruturas mais complexas e poderosas. Entre as estruturas que serão inicialmente deixadas de lado estão os chamados ponteiros para endereços de memória e seu uso em estruturas dinâmicas. Procuraremos, ao longo dos próximos capítulos, nos limitar a apenas aquilo que for necessário para compreender e usar eficientemente as idéias de modularização e unicidade de caminhos.

Agora faremos uma breve excursão até as características mais básicas do C, as quais podem ser transportadas (com as devidas correções gramaticais) a qualquer outra linguagem de programação estruturada.

1.4.1 Uso de nomes simbólicos

Nome simbólico (ou nome de variável ou simplesmente variável) é o nome que o programador usa para identificar posições de memória que contenham determinada informação. Por exemplo, no programa que calcula o fatorial, nós usamos o nome simbólico “fatorial” para representar a posição física, na memória do computador, em que estava armazenado o valor do fatorial durante o seu cálculo.

Numa analogia bastante simplista, poderíamos dizer que a memória seria um escaninho e que cada posição do escaninho é identificada externamente por um nome afixado nela (esse seria o nome simbólico da posição). Assim, o programa pode ser visto como sendo um conjunto de operações, tais como leitura de valores, comparações e escrita de valores, sobre os conteúdos deste escaninho.

Para que a associação entre nomes e espaços da memória funcione corretamente é preciso, antes, definir como as posições de memória serão alocadas, ou seja, quantos bytes são necessários para armazenar cada tipo de informação. Diferentes tipos de variáveis ocuparão quantidades de memória também distintas, ou seja, se a variável estiver representando uma letra (ou caracter), o espaço ocupado será menor do que se o valor representado fosse um número inteiro ou real.

C admite vários tipos básicos de variáveis, representando caracteres, números inteiros e reais com diferentes precisões. Assim, quando precisamos reservar espaço para um valor inteiro devemos declarar isso explicitamente no programa, através de um comando de declaração de variáveis. Os tipos mais básicos em C são *int* (representando valores inteiros), *float* (reais), *double* (reais com precisão dobrada) e *char* (caracteres). Além desses tipos básicos as variáveis numéricas apresentam modificadores de tamanho (*long* e *short*) ou de sinal (*unsigned*). No capítulo 2 voltaremos a tratar com mais detalhes os tipos básicos da linguagem.

A declaração de um nome simbólico para um dado qualquer segue uma sintaxe bastante simples, consistindo simplesmente em algo do tipo:

TIPO_DA_VARIÁVEL nome_da_variável ;

ou

TIPO_DA_VARIÁVEL nome_da_variável_1 , nome_da_variável_2, ... ;

Observe-se que toda declaração deve terminar com um ponto-e-vírgula, enquanto listas de variáveis de mesmo tipo têm os nomes dessas variáveis separados por vírgulas.

Apesar de aceitar infinitos nomes diferentes, C (como qualquer linguagem de programação) apresenta algumas limitações nos nomes possíveis. Assim, temos três regras a serem obedecidas na formação de um nome de variável, que são:

1. Um nome pode conter combinações de letras, números e o caracter '_' (*underscore* ou sublinhado), sem espaços em branco entre cada caracter. Vale observar que existe distinção entre letras maiúsculas e minúsculas.
2. Um nome deve sempre começar com uma letra, que pode ser seguida por qualquer dos caracteres da regra 1.
3. Um nome não pode ser uma das palavras reservadas da linguagem, tais como *if*, *else*, *while*, *do*, *for*, *char*, *int*, *float*, *double*, *long*, *short*, *switch*, *case* e *default*, entre outras. Essa lista depende do compilador C utilizado e deve, portanto, ser verificada nos manuais para os casos menos usuais.

Ao atender essas regras as declarações a seguir são válidas em C:

```
int var1, nome_complicado, v14432, c;  
float var2, era_uma_vez, a_;
```

Enquanto que os nomes a seguir não são válidos:

```
int 4var, zu*mm;  
double nome.errado, _a;
```

1.4.2 Atribuição de valor

Atribuir um valor a uma variável nada mais é do que dizer que a posição de memória ocupada por aquela variável conterá aquele valor. Por exemplo, no programa para cálculo de fatorial apresentado na figura 1.7, atribuímos o valor do número lido à variável **fatorial** antes de iniciarmos o seu cálculo. Toda linguagem de programação possui uma sintaxe particular para realizar operações de atribuição. No caso do C a sintaxe é a seguinte:

$$\text{VAR_QUE_RECEBE} = \text{VALOR_ATRIBUIDO};$$

Em que VAR_QUE_RECEBE é sempre uma variável e VALOR_ATRIBUIDO pode ser uma constante (valor imediato), o conteúdo de uma outra variável ou ainda o resultado da avaliação de uma expressão. Por exemplo, as atribuições a seguir são válidas:

```
VAR1 = 47;  
VAR2 = VAR1;  
VAR3 = VAR1 + VAR2 * VAR1;
```

Enquanto estas não são válidas

```
2 = 2;                \\ VAR_QUE_RECEBE é uma constante
VAR1 + VAR2 = VAR3;   \\ VAR_QUE_RECEBE é uma expressao
```

1.4.3 Definição de constantes

Um tipo especial de nome simbólico é o referente a posições de memória que terão valor fixo durante a execução do programa, isto é, que não podem ser alterados pelo programa depois de definidos. Estes nomes são declarados como “constantes”, e tem valores atribuídos no momento de sua definição. A sintaxe da definição de uma constante em C pode ser vista a seguir:

```
#define a 0
#define b 20.00
#define pi 3.14159265
```

1.4.4 Uso de bibliotecas

Uma das principais características da linguagem C é de que o programador deve dizer explicitamente tudo o que deve ser usado dentro de um programa. Assim, ele deve fazer uso de comandos **macro** que incluam bibliotecas de funções que serão usadas pelo programa. Isso é feito através de chamadas do tipo:

```
#include "nome_da_biblioteca"
#include <nome_da_biblioteca>
```

A diferença entre o uso de “...” ou <...> está na definição de quais diretórios (ou pastas) são examinados na busca pelo arquivo correspondente a ‘nome_da_biblioteca’. No caso de “...” o caminho de busca parte do diretório atual, passando pelos diretórios especificados na linha de comando do compilador, terminando com os diretórios padrões do sistema. Já no caso de <...>, o caminho não passa pelo diretório atual, começando direto naqueles especificados ao compilador.

Em geral os nomes das bibliotecas seguem o padrão *nome.h*, quando são arquivos com as definições das estruturas de dados e nomes de funções, ou, excepcionalmente, *nome.c*, quando se tratarem de arquivos contendo código C de fato. Alguns exemplos de bibliotecas padrões relevantes em C incluem:

<i>stdio.h</i>	→	deve estar presente em qualquer programa, contendo as definições básicas de entrada e saída de dados
<i>math.h</i>	→	contém funções matemáticas não elementares, como as trigonométricas, logarítmicas, etc.
<i>time.h</i>	→	funções para manipulação de tempo

1.4.5 Lendo e escrevendo informações

Um programa é inútil se não produzir nem consumir dados. Logo, toda linguagem deve prover mecanismos com os quais o programa possa interagir com o ambiente. Isso é feito por operações de leitura de dados, quando queremos passar uma informação para ser consumida pelo programa, e operações de saída de dados, que ocorrem quando o programa está produzindo alguma informação que possa ser utilizada fora do programa.

Tanto a entrada como a saída de dados podem ser feitas de formas distintas, de acordo com a fonte ou o destino da informação. Um programa pode ler dados a partir de arquivos, do teclado ou mesmo de dispositivos especiais de aquisição de dados. Da mesma forma, ele pode produzir dados para uma impressora, um arquivo ou mesmo para dispositivos de acionamento de outros sistemas ligados ao computador. O tratamento de cada um destes dispositivos é feito de forma bastante semelhante, inclusive com comandos muito semelhantes, tomando-se apenas o cuidado de direcionar (indicar qual) o dispositivo de entrada/saída que será usado.

No caso do C, a leitura de dados é feita através de vários comandos diferentes, dos quais se destaca o comando *scanf*. Já a escrita também pode ser feita por outros tantos comandos, com destaque para os comandos *printf* e *puts*. A sintaxe destes comandos é dada por:

```
printf ( "descrição da formatação de saída", dados de saída ) ;  
puts ( "descrição da formatação de saída" ) ;  
scanf ( "descrição da formatação de entrada", variáveis de entrada ) ;
```

A descrição da formatação, no caso de saída, é uma composição entre comandos da linguagem e textos que queremos ver impressos. Na descrição de entrada são comandos que descrevem a formatação dos dados que serão lidos pelo programa. Alguns dos comandos que podem ser usados para essa descrição incluem:

%d	indica a leitura ou escrita de um valor inteiro
%i	indica a leitura ou escrita de um valor inteiro
%ld	indica a leitura ou escrita de um valor inteiro longo
%f	leitura ou escrita de um valor real (<i>float</i>)
%lf	leitura ou escrita de um valor real de precisão dupla (<i>double</i>)
%c	leitura ou escrita de um símbolo caracter (<i>char</i>)
%s	leitura ou escrita de uma cadeia de caracteres (<i>string</i>)

Outros caracteres de formatação (tabulação, linha, etc.) ainda podem ser usados, como:

\n	indica que se deve saltar para a linha seguinte
\t	indica que se deve fazer uma tabulação
\v	indica que se deve fazer tabulação vertical
\b	indica que se deve retroceder um caracter
\r	indica que se deve retroceder ao início da linha

Os dados de saída são compostos por nomes de variáveis ou expressões que terão seus valores (ou resultados) apresentados na saída definida pelos comandos *printf* ou *puts*. Esses nomes, quando mais de um valor será apresentado, são separados por vírgulas. Já as variáveis de entrada são nomes de variáveis, também separadas por vírgulas se mais de uma, que receberão os valores a serem lidos pelo programa. A ordem de aparição das variáveis e expressões (quando for o caso) deve seguir exatamente a ordem definida na descrição de

formatação.

Exemplos de comandos de entrada/saída

```
scanf ("%d %s", &alfa, letra); // le um inteiro e depois uma palavra
puts ("Digite um inteiro e depois uma palavra"); // escreve essa mensagem
printf ("%f = massa e %lf = velocidade\n", massa, velInicial);
    // escreve um float e um double, em conjunto com a frase especificada
printf ("%d", alfa); // escreve um inteiro
```

Uma nota adicional deve ser feita ao comando *gets()*. Embora bastante poderoso no que diz respeito ao que consegue fazer, esse comando **deve** ser evitado como alternativa para entrada de dados. Seu modo de operação permite a criação de brechas muito perigosas no acesso e manipulação das informações na memória. Isso faz com que diversos compiladores emitam uma mensagem de aviso de perigo quando encontram o comando *gets()* em algum programa.

1.4.6 Operadores aritméticos básicos

Embora a entrada e saída de dados sejam operações importantes na execução de um programa, o processamento ocorre, de fato, através de comandos de manipulação dos dados lidos. No caso de valores numéricos existem operadores básicos e funções complexas (que serão tratadas apenas no capítulo 2). Os operadores básicos são:

- + soma de dois operandos
- subtração de dois operandos ou “negativação” de um operando
- multiplicação de dois operandos
- / divisão de dois operandos, resultando num valor real para operandos reais ou num valor inteiro (o quociente da divisão inteira) para operandos inteiros
- ++ incremento (em uma unidade) de um operando
- decremento (em uma unidade) de um operando

Em expressões que envolvam vários operadores aritméticos deve-se seguir a ordem de precedência definida matematicamente, podendo, é claro, fazer-se uso de parênteses para forçar precedências diferentes da norma.

1.4.7 Delimitadores e comentários

A clareza e legibilidade de um programa estão fundamentalmente ligadas a dois parâmetros. O primeiro deles é o forte uso de programação estruturada em sua implementação, o que resulta nas vantagens já descritas na seção 1.3.1. O segundo parâmetro que facilita a legibilidade é o uso de comentários sobre o que cada trecho do programa realiza. Assim, um programa bem escrito deve estar sempre bem comentado, para que qualquer outro programador o possa ler, entendendo com rapidez qual sua função e como executa tal tarefa.

Entretanto, as informações contidas nos comentários não podem ser compiladas e executadas pelo computador. Isso ocorre pelo simples fato de que as mesmas estão no programa apenas para que nós, humanos, possamos entender o que está sendo feito, não fazendo sentido algum para o computador. Logo, devemos deixar esses comentários de lado no momento de fazer a compilação, o que é obtido introduzindo-se certos caracteres que indiquem ao com-

pilador que determinados trechos não devem ser compilados. Estes são os caracteres de delimitação de comentários, que existem em todas as linguagens de programação. No caso do C os caracteres usados são:

```
// comentario      , usado em comentários de apenas uma linha, e
/* comentario */    , usado em comentários que ocupem uma ou mais linhas.
```

Além de comentários existem outros delimitadores em C que são bastante importantes, tais como:

;	→	indica o final de um comando ou expressão
,	→	separa elementos de uma lista
()	→	servem para compor expressões ou funções
{ }	→	indicam o início e fim de um conjunto de comandos sequenciais, que tenham mesmo nível hierárquico

1.4.8 Funções e a função *main*

Um programa em C é construído a partir de um conjunto de funções, que ao serem executadas permitem a realização de alguma tarefa. Todo programa em C deve ter uma função denominada ‘*main*’, que o compilador reconhece como sendo o ponto de partida do programa, ou seja, o ponto em que o computador começará a sua execução quando for requisitado.

A sintaxe de uma função, inclusive da função *main* segue o seguinte padrão:

```
TipoDaFunção  nomeDaFuncao  ( listadeparametros )
{ //            indica o início da função
    declarações de variáveis locais
    comandos da função
} //            indica o final da função
```

Detalharemos a sintaxe de funções mais adiante, no capítulo sobre subprogramas. Assim, nesse momento apenas damos mais atenção à função *main*, que tem a seguinte sintaxe:

```
main  (int argc, char *argv[] )
{ Declarações de variáveis da função main
  Código principal do programa
}
```

Em que *argc* é uma variável de tipo inteiro que diz quantos parâmetros foram passados ao programa em sua chamada, enquanto *argv* é a lista efetiva desses parâmetros, em que o primeiro membro da lista é o próprio nome do programa. Os parâmetros da função *main* são opcionais, podendo ou não aparecer num programa.

1.4.9 Um (*outro*) programa completo em C

Apenas para reforçar os comandos apresentados nas últimas páginas apresentamos a seguir, na figura 1.11, um outro exemplo de um programa escrito na linguagem C.

```
/* Programa que ao ler um inteiro retorna o proprio
   numero ou ele diminuido de uma unidade */

#include "stdio.h"

main ( )

{int num;

    puts (" Escreva um numero menor que 3");
    scanf ("%d", &num); // le um valor inteiro e armazena na variavel num
    if ( num == 1) // se num for 1 executa o proximo comando
        printf (" Voce escolheu %d \n", num);
    else // senao executa esse comando
        printf (" Voce nao escolheu %d \n", num - 1);
}
```

Figura 1.11: Estrutura básica de um programa em C

EXERCÍCIOS:

1. Quais os dois aspectos fundamentais em programação estruturada?
 2. Qual a importância do uso de comentários em um programa?
 3. Porque usar indentação em seus programas?
 4. O que você entende como clareza em um programa?
 5. Que aspectos você considera importantes no momento de se definir qual o problema que será resolvido através de um computador?
 6. Descreva, com o máximo de detalhes possível, como ficariam os modelos para os seguintes problemas:
 - (a) Identificar palavras iguais a um certo valor em uma lista de palavras
 - (b) Identificar se existem duas palavras iguais em uma lista de palavras
 - (c) Ordenar alfabeticamente uma lista de palavras
 - (d) Calcular o determinante de uma matriz 3×3
 - (e) Determinar quantos metros de arame são necessários, no mínimo, para cercar um pomar em que as posições das árvores são dados por coordenadas geográficas
 - (f) Criar um jogador computadorizado para o jogo da velha
 7. Escreva algoritmos para os modelos definidos no exercício anterior.
-

Capítulo 2

Tipos de dados fundamentais

Como transpareceu do capítulo anterior, é muito importante a identificação dos tipos de conteúdos (valores) tratados pelos programas. Neste capítulo examinaremos inicialmente as condições para definição de tipos e variáveis do ponto de vista da resolução computacional de um problema qualquer. Depois serão apresentados os detalhes de como isso é feito em C.

2.1 Tipos de dados

No primeiro capítulo indicou-se que uma variável é, na realidade, um nome simbólico atrelado a um espaço na memória, que fica reservado para armazenar um determinado valor. Na maioria das linguagens exige-se que os nomes simbólicos sejam pré-declarados para que possam ser utilizados. Isso significa, na prática, que o computador precisa saber antecipadamente quanto de memória ele deverá reservar para armazenar o valor representado por um dado nome simbólico¹. Neste texto nos ateremos ao caso mais geral, exigindo que as variáveis sejam declaradas antes de seu primeiro uso, como é o caso da linguagem C.

A definição de que tipo de valor pode ser armazenado em cada espaço de memória ocorre, na maioria das linguagens, através de declarações feitas antes do uso da variável. O número de bytes necessário em cada caso depende de padrões definidos pelo hardware da máquina. O grau de liberdade sobre quais faixas de valores são admitidas depende ainda de qual a linguagem é usada, embora algumas faixas sejam relativamente padronizadas.

A figura 2.1 mostra a alocação de espaço para duas variáveis (*num* e *maior*), supostamente declaradas como valores numéricos do tipo inteiro. O computador, ao iniciar a execução desse programa reserva 4 bytes (a partir de um certo endereço na memória) para a variável *num* e, na sequência, reserva mais 4 bytes (consecutivos aos primeiros) para a variável *maior*.

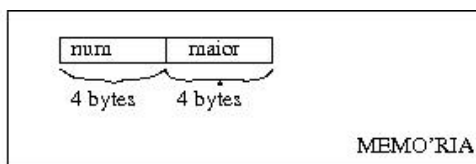


Figura 2.1: Indicativo de como os espaços são alocados na memória.

¹Devemos observar que algumas linguagens permitem a ausência de declarações, como o LISP, e outras permitem a não declaração caso o nome simbólico esteja restrito a um certo padrão, como o Fortran.

Ao declararmos uma variável como sendo de um dado tipo fazemos mais do que a simples demarcação sobre o tamanho do espaço e do local que ocupará em memória. Associado a essas operações definimos também quais operações podem ser realizadas sobre aquela variável. De acordo com a complexidade das operações que podem ser realizadas sobre um certo tipo de dado podemos pensar em classificá-los como simples ou estruturados (também chamados compostos). Para os dados simples as operações são usualmente bastante simples e imediatas. O mesmo não ocorre para os dados compostos, para os quais as operações precisam ser especificadas de forma mais complexa.

Antes de examinar as questões relativas às operações sobre dados simples e compostos, é importante diferenciar o que é cada um deles, o que é feito a seguir:

- Dados simples são, na realidade, aqueles com quem estamos acostumados a trabalhar, ou seja, inteiros, reais e caracteres;
- Dados compostos são aqueles em que se combinam posições de memória relativas a vários dados simples, como se fossem pertencentes a apenas um nome simbólico (dado), permitindo-se acesso diferenciado entre as várias posições que o compoem.

Ainda para o caso dos dados compostos é possível dividi-los em dois grupos distintos, segundo os tipos de dados simples que estão associados para formar o dado composto. Esses grupos de dados compostos são:

- Estruturas homogêneas, em que os dados simples associados para formar o dado composto são todos do mesmo tipo básico, ou seja, ou são todos reais, ou são todos inteiros, e assim por diante;
- Estruturas heterogêneas, em que os dados associados são de diferentes tipos básicos, formando um novo tipo. As estruturas heterogêneas, por associarem tipos diferentes, têm tratamento mais elaborado do que as estruturas homogêneas, o que faz com que seu estudo aconteça separadamente, no capítulo 7.

Nesse capítulo nos ateremos ao exame dos tipos simples e dos compostos homogêneos, apresentando, sempre que oportuno, a sintaxe correspondente em C. Inicialmente apresentamos os tipos numéricos simples, passando para os tipos caracteres simples e compostos, finalizando com os tipos compostos.

2.2 Tipos numéricos

Os tipos numéricos são aqueles com os quais temos trabalhado até o momento, isto é, inteiros e reais. Esses tipos podem ser encarados como básicos dentro de qualquer sistema computacional, e por isso devem ser examinados com um carinho especial.

2.2.1 Inteiros

São números que representam o conjunto dos inteiros (\mathbb{Z}). Para ser preciso, temos na realidade apenas um subconjunto de \mathbb{Z} , cujo tamanho é determinado pelo tamanho da palavra do computador. Esse tamanho é o número de bits que podem ser armazenados em um único registrador da unidade de processamento (CPU). Por exemplo, temos que processadores

mais antigos como o MIPS R3000, usado em estações de trabalho, e algumas das versões do pentium, usado nos PCs, têm tamanho de palavra igual a 32 bits, o que implica em que os inteiros estão contidos no intervalo $[-2^{31}, +2^{31} - 1]$, enquanto que processadores mais modernos usam 64 bits para representar inteiros, que ficariam então no intervalo $[-2^{63}, +2^{63} - 1]$.

2.2.2 Reais

Como reais podemos representar todo o conjunto \mathbb{R} de números reais, inclusive valores inteiros, desde que sejam representados na forma de um real. A forma de representação de um real exige a presença de um ponto decimal que pode ser deslocado com o uso de potências de dez (por isso operações com reais também são chamadas de operações com ponto flutuante, pois na norma inglesa usa-se o ponto para indicar a parte decimal dos números). A seguir vemos alguns exemplos de reais:

43.877	-1.0	+2.28	
-3.14159265	43e+3 (=43000.0)	(=43000)	1E-1 (=0.1)

Em particular, a representação de um número real no computador segue um padrão diferente daquele que estamos acostumados a ver escritos. Como os reais são armazenados na forma de números de ponto flutuante, então os bits que os armazenam são separados em mantissa e expoente. Na prática o número 43.877 seria representado como 43877.10^{-3} . Nele a mantissa é 43877, enquanto o expoente é -3.

2.2.3 Precisão e intervalos de validade em C

Os dois tipos já apresentados tem a precisão e intervalo associados ao tamanho definido para palavra no computador. Entretanto, o C, como também várias outras linguagens, permite que possamos alterar essa precisão se assim desejarmos. Essas alterações de precisão são feitas ou para termos maior precisão numérica ou maior economia de espaço. Assim, num exemplo hipotético (na realidade válido para os antigos processadores com tamanho de palavra de 16 bits, usados até meados da última década do século passado) temos as seguintes precisões:

1. Inteiros:

TIPO	Intervalo de validade	Tamanho em bytes
int	-32768 a +32767	2
unsigned int	0 a 65535	2
short	-128 a +127	1
long int	-2147483648 a 2147483647	4

2. Reais:

TIPO	Intervalo	Tamanho em bytes
float	3.4e-38 a 3.4e+38	4
double	1.7e-308 a 1.7e+308	8

2.2.4 Operadores numéricos

As diversas linguagens de programação permitem várias operações sobre os tipos numéricos, desde que não se misturem tipos conflitantes, isto é, não podemos atribuir um valor real à uma variável inteira, por exemplo. As operações básicas sobre números dentro da linguagem C são nossas velhas conhecidas, sendo compostas basicamente pelas operações aritméticas de **adição**, **subtração**, **multiplicação** e **divisão**, conforme apresentadas a seguir. Além dessas operações, são acrescentadas as operações de **negação unária** (inverte o “sinal” do número, de positivo para negativo e vice-versa), de resto da divisão de inteiros e as de incremento e decremento unitários. Tais operações aparecem resumidas a seguir.

$a + b$	→	soma dois valores. O resultado é do tipo do operando mais complexo;
$a - b$	→	subtração. O resultado é do tipo do operando mais complexo;
$a * b$	→	multiplicação. O resultado segue as regras anteriores;
a / b	→	divisão. O resultado segue as regras anteriores, sendo que se ambos os valores forem inteiros, então o resultado será o quociente da divisão inteira;
$a \% b$	→	resto da divisão inteira de a por b;
$-a$	→	negação unária, invertendo o sinal de a;
$a++$	→	incremento unitário de a, sendo aplicável apenas a tipos discretos;
$a--$	→	decremento unitário de a, sendo aplicável apenas a tipos discretos;

Além desses operadores a linguagem C permite que se otimize a representação de expressões quando um de seus termos é a mesma variável que receberá a atribuição, como por exemplo na contagem de eventos de um determinado tipo ou acúmulo de notas de uma turma. Nesses casos o que se faz é alterar o operador de atribuição, inserindo nele a operação de incremento ou decremento, como em:

```
TotNotas += nota; // equivale a TotNotas = TotNotas + nota
CasosPerd -= QtosCasos; // equivale a CasosPerd = CasosPerd - QtosCasos
Fator *= Multiplo; // equivale a Fator = Fator * Multiplo
```

Nesses casos, a variável que recebe o valor também faz parte da expressão, aplicando-se o operador que acompanha o sinal de atribuição (=). Como por exemplo, a variável *Fator* recebe na atribuição acima o valor de *Multiplo* multiplicado pelo valor inicial de *Fator*. Assim, se inicialmente temos *Fator=2* e *Multiplo=7*, então a execução do comando resultaria em *Fator=14*.

Na realidade existe uma diferença sutil no uso desses operadores, incluindo-se os de incremento e decremento unitários, no que diz respeito ao momento em que se atualiza os valores das variáveis que recebem as atribuições. Essa diferença pode ser percebida ao usar-se o incremento (ou decremento) unitário dentro de uma expressão. Assim temos:

```
a = b++; // atribui b para a e depois incrementa b
a = ++b; // incrementa b e atribui seu novo valor para a
```

2.2.5 Funções sobre tipos numéricos

Além dos operadores numéricos básicos, a maior parte das linguagens de programação oferece a possibilidade de operações mais complexas sobre os tipos numéricos. Tais operadores envolvem funções tais como as trigonométricas e exponenciais entre outras. Dentro da linguagem C essas funções aparecem, em sua maioria, como parte da biblioteca matemática, com suas definições a partir do arquivo “**math.h**”. Na tabela 2.1 temos algumas dessas funções, que chamaremos de intrínsecas por fazerem parte da biblioteca matemática, com indicações sobre o tipo de operando permitido e do resultado obtido em cada uma delas.

Tabela 2.1: Algumas funções da biblioteca matemática do C

Função	Descrição	Argumentos	Resultado
<code>sqrt (arg)</code>	raiz quadrada	real	real
<code>pow (arg1, arg2)</code>	potência ($arg1^{arg2}$)	reais	real
<code>exp (arg)</code>	número natural e elevado a arg (e^{arg})	real	real
<code>exp10 (arg)</code>	10 elevado a arg (não é padrão na biblioteca)	real	real
<code>log (arg)</code>	logaritmo base e de arg (\ln^{arg})	real	real
<code>log10 (arg)</code>	logaritmo base 10 de arg (\log_{10}^{arg})	real	real
<code>fmod (arg1, arg2)</code>	resto (real) da divisão de $arg1/arg2$	reais	real
<code>sin (arg)</code>	seno (arg em radianos)	real	real
<code>cos (arg)</code>	cosseno (arg em radianos)	real	real
<code>acos (arg)</code>	arcocosseno ($-1 \leq arg \leq +1$)	real	real
<code>asin (arg)</code>	arcseno ($-1 \leq arg \leq +1$)	real	real
<code>sinh (arg)</code>	seno hiperbólico (arg em radianos)	real	real
<code>cosh (arg)</code>	cosseno hiperbólico (arg em radianos)	real	real
<code>tan (arg)</code>	tangente (arg em radianos)	real	real
<code>ceil (arg)</code>	menor inteiro maior ou igual a arg	real	real
<code>floor (arg)</code>	maior inteiro menor ou igual a arg	real	real
<code>srand (arg)</code>	gera valor aleatório inicial (semente)	real	real
<code>rand ()</code>	gera um número aleatório	—	real
<code>isgreater (arg1, arg2)</code>	retorna valor diferente de zero se $arg1 > arg2$	reais	real
<code>isless (arg1, arg2)</code>	retorna valor diferente de zero se $arg1 < arg2$	reais	real

Deve-se salientar que os argumentos usados nessas funções podem, eventualmente, ser valores inteiros. Apenas os resultados devem ser valores reais (em C são do tipo *double*), independentemente do tipo dos argumentos usados. Mais adiante veremos que isso pode ser contornado através de conversões explícitas de tipo.

Aqui também deve ficar claro que o uso de funções (matemáticas ou de qualquer outro tipo) simplifica o processo de criação de modelos para o problema a ser resolvido, assim como a geração de seu algoritmo e do código do programa. O próximo exemplo ilustra isso.

EXEMPLO

O cálculo das raízes de uma equação de segundo grau pode ser feito através da aplicação da fórmula de Baskara. Assim, o cálculo dessas raízes usando funções ficaria:

```
....
if ( a != 0 ) // se "a" é diferente de zero executa esses comandos
{
    delta = b*b - 4*a*c;
    if (delta >= 0) // se "delta" é positivo executa esses comandos
    {
        termocomum = sqrt(delta);
        raiz1 = (-b + termocomum) / (2*a);
        raiz2 = (-b - termocomum) / (2*a);
        printf (" Raizes sao: %lf e %lf\n", raiz1, raiz2);
    }
    // se "delta" for negativo imprime esta frase
    else puts (" Nao existem raizes reais");
}
// se "a" for igual a zero imprime esta frase
else printf (" Equacao linear com raiz = %lf\n", -c/b);
```

2.2.6 Precedência entre operadores

As atribuições para *raiz1* e *raiz2* no exemplo anterior nos colocam uma nova questão, que é a ordem na qual cada operação é realizada. Isso é definido, de forma explícita, pelo que chamamos de precedência entre operadores. Na maior parte das vezes (como era de se esperar) a precedência em linguagens de programação segue a ordem de precedência matemática, tal como ocorre em C.

A maior precedência de um operador indica que a operação apontada por ele deve ser realizada antes daquelas apontadas pelos operadores com menor precedência. No caso de operadores de igual precedência será executado antes aquele que aparecer primeiro na expressão, isto é, estiver mais à esquerda (ou próximo do sinal de atribuição).

O uso de parênteses pode alterar a precedência dos operadores, assim como ocorre em expressões aritméticas. Quando temos um par de parênteses, o computador irá executar primeiro a expressão interna ao par, sempre obedecendo localmente as regras usuais de precedência. Apenas depois de concluídas todas as operações internas ao parênteses ele executará o restante da expressão. A tabela 2.2 apresenta a relação de precedência entre os vários operadores.

Tabela 2.2: Ordem de precedência entre operadores em C

OPERADOR	PRECEDÊNCIA
'(', ')', funções intrínsecas	máxima
- (unário), ++, --	alta
, /, %	média
+, -	baixa

EXERCÍCIO

A partir dos atribuições iniciais abaixo, encontre o valor final da variável x em cada atribuição:

```
{int a, b, c, d, x;
  a = 5;   b = 4;   c = 3;   d = 2;
```

- | | |
|----------------------------|----------------------------|
| 1) x = a*b+c \% d; | 2) x = a*(b+c) \% d; |
| 3) x = a*((b+c) \% d); | 4) x = (a*(b+c)) \% d; |
| 5) x = a*(b+c \% d); | 6) x = a*(b+c) \% d * c; |
| 7) x = a*(b+c) \% (d * c); | 8) x = a*((b+c) \% d) * c; |
-

2.3 Tipos caracteres

Tipos caracteres são usados para armazenar e manipular informação não-numérica, isto é, dados como nomes de pessoas, endereços, etc. É importante que existam tipos não-numéricos em qualquer linguagem que deseje ter a manipulação simbólica como uma de suas virtudes. Isso é uma demanda importante porque fica difícil imaginar programas que não contenham uma única manipulação simbólica, nem que seja para o uso de chaves em bancos de dados internos ao programa, ou mesmo como simples respostas do tipo “sim” ou “não”.

De imediato podem ser imaginados dois tipos diferentes de elementos de tipo caracter. Um em que existam apenas caracteres individuais e outro em que os caracteres estão reunidos em coleções ordenadas, formando palavras ou algo parecido. Os primeiros são tratados simplesmente por caracteres, enquanto que os últimos são conhecidos como **strings de caracteres** ou simplesmente **strings** ou, em bom português, **cadeias de caracteres**.

Do ponto de vista de memória, variáveis do tipo caracter (individual) ocupam apenas 1 byte, sendo que cada símbolo diferente é representado por códigos especiais, como EBCDIC (em desuso) e ASCII (quase sempre). A codificação em ASCII (*American Standard Code for Information Interchange*) usa os oito bits que formam cada byte para representar até 256 símbolos diferentes. Em ASCII, por exemplo, o dígito '5' é representado pelo byte 00110101, enquanto a letra 'c' é representada por 01100011. Deve-se observar que o dígito '5' é totalmente distinto do inteiro 5, que na memória seria representado pelos bits 0000000000000000000000000000101 (32 bits ao todo).

A forma de tratar tipos caracteres é, na realidade, bastante simples. Basta declarar uma variável como sendo caracter (*char* em C). As atribuições, leituras, comparações, etc., são feitas da mesma forma que os tipos numéricos, sem a necessidade de funções específicas para

isso. A ordem relativa entre caracteres (qual aparece primeiro num dicionário de caracteres) obedece a representação binária deles no código ASCII. Assim, temos por exemplo o fato de que o caracter 'Z' ser considerado anterior “alfabeticamente” ao caracter 'a'.

Já as cadeias de caracteres são representadas no computador como sendo uma coleção de caracteres armazenados lado a lado. Esses caracteres podem ser acessados tanto de forma coletiva quanto cada caracter individualmente. Para o acesso de forma individual os procedimentos são iguais aos realizados para caracteres isolados, excetuando-se a necessidade de identificar inequivocamente qual caracter estamos manipulando. Para acesso de forma coletiva é necessário definir funções específicas para cada tipo de procedimento.

2.3.1 Caracteres em C

Em C os caracteres são tratados de forma bastante simples. Um cuidado importante a ser tomado é lembrar que caracteres maiúsculos são diferentes de caracteres minúsculos e, mais ainda, a ordem entre esses caracteres é definida pela sua ordem dentro do código ASCII e não pela ordem alfabética comum.

A declaração de variáveis do tipo caracter segue a seguinte sintaxe:

```
char umaLetra, nomeComDezLetras[11], umDigito, codigoSeisCaracteres[7];
```

Nesse exemplo, as variáveis *umaLetra* e *umDigito* são caracteres isolados, ocupando um byte cada. Já as variáveis *nomeComDezLetras* e *codigoSeisCaracteres* representam coleções com 11 e 7 bytes respectivamente. Deve ser observado que cada cadeia de caracteres deve incluir um símbolo especial para indicar qual é o último caracter da cadeia. Esse símbolo de marcação de fim da cadeia, em C, é o '`\0`'.² Assim, as variáveis *nomeComDezLetras* e *codigoSeisCaracteres* podem armazenar no máximo 10 e 6 caracteres respectivamente.

Como já mencionado, a manipulação de caracteres é feita de forma diferente quando temos uma cadeia ou um caracter isolado. No caso de caracteres isolados toda manipulação é feita de forma semelhante ao de tipos numéricos, ou seja, as atribuições são feitas de forma direta. Uma única observação é que quando queremos tratar explicitamente um dado caracter, como atribuir a letra *k* à variável *letra*, devemos colocar esse caracter entre apóstrofes (`'`), como `'0'` ou ainda `letra = 'k'` na atribuição descrita.

Já para as cadeias de caracteres existem funções especiais para seu tratamento. Algumas dessas funções (observando-se que a sintaxe aqui apresentada assume que *str1* e *str2* são referências para variáveis do tipo cadeia de caracteres) são:

- `strcmp (str1, str2)` que compara as cadeias *str1* e *str2*, retornando o valor 0 se forem idênticas, um valor negativo se *str1* for lexicograficamente³ menor que *str2*, ou um valor positivo caso contrário. É usado em condições de teste como:

```
if (strcmp (palavra, lido) > 0)
    printf("%s vem depois de %s\n",palavra,lido);
...
while (strcmp(lido, chave)) ...
```

²Ele não é lido a partir do teclado, sendo inserido na cadeia quando o computador entende que a cadeia chegou ao fim, pelo comando `scanf()`

³Observar que para os caracteres ASCII a ordem lexicográfica é a ordem em que os caracteres aparecem no conjunto ASCII, o que implica, por exemplo, nas letras maiúsculas serem anteriores a qualquer letra minúscula.

- `strcpy (str1, str2)` que copia o conteúdo de *str2* em *str1*, como em:

```
strcpy (frase, "Bom Dia");
...
strcpy (resposta, frase);
```

- `strcat (str1, str2)` que anexa o conteúdo de *str2* no final de *str1*, como em:

```
strcat (frase, user); // se frase="Bom dia " e user="Garfield"
// resultaria em frase="Bom dia Grafield"
```

- `strstr (str1, str2)` que retorna a posição da primeira ocorrência da cadeia *str2* dentro da cadeia *str1*, retornando um valor nulo (0) se ela não for encontrada;
- `strlen (str)` que retorna um inteiro com o tamanho da cadeia *str*, sem contar o símbolo `'\0'`;

Nos exemplos acima aparece o conceito de cadeias de caracteres constantes, como no comando `strcpy (frase, "Bom Dia");`. Da mesma forma que caracteres isolados devem aparecer entre apostrofes, as cadeias de caracteres devem aparecer entre aspas (").

Isso cria o problema de como representar as aspas e o apóstrofe como eles mesmos e não como demarcadores. Em C isso é feito usando-se outro caracter de escape, que é o sinal de barra invertida (`\`), como em:

```
simb = '\''; // ou ainda
strcpy (frase, "Frase com aspas no \" meio");
```

Outra observação é que como as cadeias de caracteres são, na verdade, coleções de caracteres isolados, podemos aplicar operações de caracter para os componentes da cadeia, desde que identifiquemos cada caracter de forma individual. Isso é feito usando-se para tanto um índice que diga a posição do caracter na cadeia. A convenção adotada em C para essa identificação marca a primeira posição da cadeia como sendo a posição zero ([0]). Assim, poderíamos escrever comandos como:

```
if (frase[0] = 'A') puts ("Frase começa com A");
...
palavra[4] = '\0'; // força o término da cadeia 'palavra'
...
while (str[i] == comp[j]) j++;
```

Como ainda não examinamos comandos de controle (decisão e repetição) não apresentamos aqui exemplos mais elaborados do uso de cadeias de caracteres (nem dos demais tipos básicos). Isso será feito ao longo do capítulo 5, após o exame detalhado de estruturas de decisão e repetição. Assim, poderemos trabalhar com exemplos mais interessantes.

2.4 *Casting* de tipos

Nem sempre os valores com os quais operamos são do mesmo tipo. Isso ocorre em inúmeras situações, como por exemplo quando queremos calcular a raiz quadrada de um valor inteiro, ou ainda quando temos que somar valores reais e atribuir o resultado para uma variável inteira. Enquanto no primeiro caso a solução é trivial, para o segundo isso não ocorre de forma simples. A linguagem C oferece o mecanismo de *casting* para esse tipo de situação. Veremos agora como isso ocorre.

O que é *casting*?

Casting é a operação em que se transforma um valor, armazenado num determinado tipo básico, no seu equivalente em outro tipo básico. Por exemplo, o inteiro 18, armazenado numa palavra de 4 bytes, é armazenado como 00000012H (em hexadecimal para simplificar). Sua conversão para um valor real implica em armazenar-se o valor 18 como mantissa e o valor 0 como expoente.

Como fazer *casting* em C?

O procedimento é bastante simples. Na prática, o compilador já faz isso de forma automática quando a conversão é de um tipo mais simples para um mais complexo (*int* para *float*, *float* para *double*, etc.). Quando a conversão necessária é de um tipo mais complexo para um mais simples usa-se o que chamamos de *casting* explícito, ou seja, acrescenta-se no comando uma ordem para fazer a conversão de tipos, como em:

```
umaVariavelInteira = (int)(valor_Float * 3.14159265);
```

```
diferenca = (int)umchar - (int)outrochar;
```

Outra aplicação importante de *casting* é para se evitar o truncamento na divisão de inteiros. Por exemplo, sabe-se que se as variáveis inteiras *alfa* e *beta* têm valores 3 e 5 respectivamente, a sua divisão resultará em 0. Isso ocorre mesmo quando o resultado será armazenado numa variável de tipo real (*result*, por exemplo). Para conseguir o resultado correto (0.6 nesse caso) é preciso fazer o *cast* explícito das variáveis inteiras, como em:

```
result = (float)alfa / (float)beta;
```

Outros usos e aplicações de *casting* ficarão mais claros quando a complexidade de nossos programas crescer.

EXERCÍCIOS

1. Como valores correspondentes a um dado elemento são representados no programa?

2. O que significa declarar uma variável e o que isso representa na execução de um programa?
3. Como podemos atribuir valores para uma variável do tipo numérico?
4. Como podemos atribuir valores para uma variável do tipo caracter?
5. Porque temos que diferenciar variáveis inteiras de variáveis reais?
6. Qual a diferença entre "22" e 22?
7. Revise os comandos para tratamento de cadeia de caracteres.
8. Revise as diferenças de tratamento entre cadeias de caracteres e caracteres isolados.

Capítulo 3

Estruturas de decisão

No primeiro capítulo foram apresentadas duas estruturas de controle, representadas pelos testes de decisão e pelos blocos de repetição. Neste, e no próximo, capítulo iremos examinar com detalhes cada uma das variações possíveis nessas estruturas. Antes, porém, é preciso definir o que é uma estrutura de controle e como esse controle pode ser representado.

Uma boa definição para estruturas de controle é dizer que elas são operações específicas capazes de alterar o fluxo de execução de um programa. A decisão sobre qual caminho o fluxo tomará é feito a partir do exame de uma determinada condição.

Numa analogia com um exemplo da vida real, durante a troca de pneu de um carro são tomadas várias decisões. Por exemplo, quando vamos tirar o pneu furado temos que tirar todos os parafusos (ou porcas) que prendem a roda e levantar o carro (não necessariamente nessa ordem!) para então tirar a roda. Deve-se verificar, em certos momentos, se essas ações já foram realizadas, decidindo então qual ação a ser tomada no próximo passo. Um algoritmo para tirar o pneu furado, durante a troca de pneus, pode ser como aquele visto na figura 3.1. No passo 3 desse algoritmo temos uma estrutura de controle que verifica se ainda existem parafusos prendendo a roda. Deve-se notar que não existe um teste para verificar se o carro foi levantado pois assume-se, implicitamente, que as tarefas são sequenciais, isto é, não podemos iniciar uma tarefa sem que a anterior tenha sido concluída.

1. Levantar o carro
 2. Soltar um parafuso (ou porca)
 3. A roda está solta?
SIM : siga adiante
NÃO : volte para o passo 2
 4. Retirar a roda

Figura 3.1: Algoritmo para tirar uma roda de um carro, ilustrando o uso de estruturas de controle.

Nas próximas seções examinaremos com cuidado todos os aspectos importantes no processo de criação de uma estrutura de controle, tais como a definição das condições de controle examinadas e os tipos de fluxo de execução possíveis.

3.1 Expressões condicionais

As estruturas de controle podem ser entendidas como a composição entre um conjunto de comandos, que representam as ações controladas pela estrutura, e uma expressão condicional, que representa o valor a ser verificado para decidir o caminho a ser seguido. As expressões condicionais são, em geral, formadas por expressões lógicas (verdadeiro ou falso) cujo valor resultante indica o atendimento ou não da condição. Tais expressões são, na verdade, o centro das estruturas de controle e serão examinadas agora.

Como enunciado, uma expressão lógica é uma expressão cujo valor é booleano (verdadeiro ou falso). Assim, estamos interessados em expressões do tipo “ $A > B$ ”, “ $C = D$ ”, etc., para as quais o C (e qualquer outra linguagem) oferece operadores específicos para a sua implementação. Logo, para entender a sintaxe das expressões lógicas devemos aprender quais são esses operadores, o que é nosso próximo passo.

3.1.1 Operadores lógicos

1. Operadores *booleanos*

São operadores sobre expressões lógicas, também chamadas *booleanas*, que permitem alterar valores *booleanos* e associa-los em expressões mais complexas. Temos três tipos básicos de operadores *booleanos*:

- (a) Operador de negação (NOT), que faz a negação do valor *booleano* de uma expressão, isto é, inverte o seu valor original.
- (b) Operador de conjunção, em que o resultado da sua aplicação sobre duas expressões é um valor *booleano* segundo a tabela-verdade apresentada na tabela 3.1:

Tabela 3.1: Tabela-verdade do operador de conjunção

<i>expressão 1</i>	<i>expressão 2</i>	<i>RESULTADO (AND)</i>
falso	falso	falso
falso	verdadeiro	falso
verdadeiro	falso	falso
verdadeiro	verdadeiro	verdadeiro

Por essa tabela vemos que o resultado de uma operação de conjunção só será verdadeiro quando todas as expressões envolvidas forem verdadeiras. Basta que uma delas seja falsa para que a expressão RESULTADO também seja falsa.

- (c) Operador de disjunção, na qual o resultado será verdadeiro quando pelo menos uma das expressões sobre as quais é aplicado for verdadeira, como mostra a tabela-verdade da tabela 3.2.

Tabela 3.2: Tabela-verdade do operador de disjunção

<i>expressão 1</i>	<i>expressão 2</i>	<i>RESULTADO (OR)</i>
falso	falso	falso
falso	verdadeiro	verdadeiro
verdadeiro	falso	verdadeiro
verdadeiro	verdadeiro	verdadeiro

2. Operadores relacionais

São operadores sobre expressões não booleanas cujo resultado é um valor booleano. Tais operações verificam relações entre valores diversos e retornam valores booleanos indicando se uma dada relação é ou não verdadeira. Na lista a seguir apresentamos os operadores relacionais matemáticos. Vale observar que cada linguagem apresenta os seus próprios símbolos para representar esses operadores. No caso de C apresentamos ao final desta seção a relação completa de todos os operadores relacionais e lógicos, assim como a sintaxe adotada na implementação das estruturas de controle.

- (a) $expr1 > expr2$, que retorna “verdadeiro” se o valor de $expr1$ for maior que o valor de $expr2$. Caso isso não ocorra o valor retornado é “falso”.
- (b) $expr1 \geq expr2$, que retorna “verdadeiro” se o valor de $expr1$ for maior que ou igual ao valor de $expr2$. Caso isso não ocorra o valor retornado é “falso”.
- (c) $expr1 < expr2$, que retorna “verdadeiro” se o valor de $expr1$ for menor que o valor de $expr2$. Caso isso não ocorra o valor retornado é “falso”.
- (d) $expr1 \leq expr2$, que retorna “verdadeiro” se o valor de $expr1$ for menor que ou igual ao valor de $expr2$. Caso isso não ocorra o valor retornado é “falso”.
- (e) $expr1 = expr2$, que retorna “verdadeiro” se o valor de $expr1$ for igual ao valor de $expr2$. Caso isso não ocorra o valor retornado é “falso”.
- (f) $expr1 \neq expr2$, que retorna “verdadeiro” se o valor de $expr1$ for diferente do valor de $expr2$. Caso isso não ocorra o valor retornado é “falso”.

3.1.2 Combinando expressões lógicas

Todos os operadores apresentados até agora podem ser combinados de forma a obtermos expressões mais complexas, que retornam num único valor a combinação de vários resultados intermediários. Assim podemos, por exemplo, descobrir se um número é maior que zero e menor que 100 numa única expressão, permitindo a redução do número de expressões no programa e, portanto, melhorando sua legibilidade. A seguir temos alguns exemplos do uso dessas combinações:

$(x > z) \text{ AND } (y > z)$
 $(x + y/z) \leq 3.5$
 $\text{NOT flag OR } (y > z)$
 $\text{NOT } (\text{flag OR } (y > z))$

EXERCÍCIO:

Verifique o valor de cada uma das expressões dos exemplos anteriores, assumindo os valores a seguir para suas variáveis:

a) $x = 3$, $y = 4$, $z = 3$, $\text{flag} = \text{TRUE}$

b) $x = 2$, $y = 2$, $z = 1$, $\text{flag} = \text{FALSE}$

c) $x = 1$, $y = 4$, $z = 5$, $\text{flag} = \text{TRUE}$

3.1.3 Operadores lógicos e relacionais em C

Cada linguagem de programação usa diferentes símbolos para representar os operadores relacionais e lógicos. A estrutura funcional desses operadores é a mesma em todas as linguagens, bastando que se tenha a compreensão do que significa cada operador. Em específico para a linguagem C temos os seguintes operadores:

A Operadores lógicos -

- | | | | | |
|--------------|---|-------------------|-----------|---------------------------------|
| a. Negação | → | ! | , como em | <i>! zero</i> |
| b. Conjunção | → | && | , como em | <i>valor1 && valor2</i> |
| c. Disjunção | → | | , como em | <i>valor1 valor2</i> |

B Operadores relacionais -

- | | | | | |
|-------------------|---|--------------|-----------|----------------------------|
| a. Maior que | → | > | , como em | <i>valor1 > valor2</i> |
| b. Menor que | → | < | , como em | <i>valor1 < valor2</i> |
| c. Maior ou igual | → | >= | , como em | <i>valor1 >= valor2</i> |
| d. Menor ou igual | → | <= | , como em | <i>valor1 <= valor2</i> |
| e. Igual | → | == | , como em | <i>valor1 == valor2</i> |
| f. Diferente | → | != | , como em | <i>valor1 != valor2</i> |

Ao longo das próximas seções e capítulos o uso desses operadores deve ficar mais claro. Entretanto, é preciso fazer aqui uma breve descrição de como o C trata os resultados desses operadores.

Na realidade para o C não existem os valores lógicos da forma VERDADEIRO ou FALSO. Assim, em C um valor é assumido como sendo falso se for igual a zero (ou nulo para tipos não-numéricos). Qualquer valor diferente de zero (ou nulo) é considerado como sendo verdadeiro.

Uma implicação imediata dessa condição é que qualquer variável pode ser testada diretamente, sendo o resultado do teste positivo se a variável tiver valor diferente de zero (qualquer que seja ele).

3.2 Estruturas de decisão simples

A estrutura de controle mais usada é o teste de decisão. Isso porque um teste de decisão é aquele que verifica se uma determinada condição é satisfeita e decide, a partir desse resultado, qual de dois caminhos (ou ramos) será seguido. A ideia básica aqui funciona na forma “Se tal coisa for verdade então faça isso, senão faça algo diferente disso”.

Existem, na maioria das linguagens estruturadas, dois tipos de estruturas de decisão. Uma que opera a partir de um único valor, decidindo portanto entre dois caminhos possíveis (atende ou não atende), e outra que opera sobre valores discretizados (enumerados) de uma variável. Examinaremos primeiro o caso mais simples, de dois caminhos, ampliando então sua complexidade e escopo de aplicação até chegar-se ao segundo caso.

Em geral, um teste de decisão simples pode ser construído de duas formas. A diferença entre essas formas está em como o caminho alternativo (quando a condição testada é falsa) é construído. Assim temos:

- Teste sem caminho alternativo –

Aqui o teste faz a escolha entre executar um conjunto de comandos, quando a condição é verdadeira, e não fazer nada quando é falsa. Num algoritmo essa construção ficaria:

SE *condição a ser testada*
 ENTÃO *comandos executados se a condição for verdadeira*

- Teste com caminho alternativo –

Nesse caso executa-se um certo conjunto de comandos quando a condição testada é verdadeira. Caso contrário executa-se um outro conjunto de comandos. Num algoritmo teríamos:

SE *condição a ser testada*
 ENTÃO *comandos executados se a condição for verdadeira*
 SENÃO *comandos executados se a condição for falsa*

3.2.1 Testes de decisão simples em C

O teste de decisão simples é implementado na linguagem C através do comando **if**, cuja sintaxe pode ser vista na seguinte estrutura:

if (*condição testada*)
 comandos executados se a condição for verdadeira

ou ainda

if (*condição testada*)
 comandos executados se a condição for verdadeira
 else
 comandos executados se a condição for falsa

Os pequenos programas das figuras 3.2 e 3.3 ilustram mais claramente como esse comando pode ser utilizado em C. O primeiro deles determina qual é o maior entre dois números lidos,

enquanto o segundo programa multiplica dois números se ambos tiverem sinais diferentes ou os soma caso tenham o mesmo sinal.

```
#include "stdio.h"

main ( )
{int primeiro, segundo, maior_deles;

    puts("Digite o primeiro numero");
    scanf ("%d", &primeiro);
    maior_deles = primeiro; /* assume inicialmente que primeiro
                           e' o maior dos dois numeros */
    puts("Digite o segundo numero");
    scanf("%d", &segundo);
    if (segundo > primeiro) // verifica se segundo e' maior que primeiro
        maior_deles = segundo; // troca maior_deles se for verdade
    printf (" O maior dos numeros e' %d\n", maior_deles);
}
```

Figura 3.2: Exemplo do uso do comando *if*

No caso de termos que executar mais do que um comando dentro de um dos ramos do **if** temos que colocar todos os comandos dentro de um par de chaves (**{ ... }**). Por exemplo, o programa da figura 3.3 poderia ser alterado para que a mensagem da resposta fosse mais significativa, como visto na figura 3.4

```
#include "stdio.h"

main ( )
{int res, num1, num2;

    puts("Digite dois numeros inteiros");
    scanf("%d %d", &num1, &num2);

    if (num1 * num2 < 0) // produto e' negativo se sinais sao opostos
        res = num1 * num2;
    else
        res = num1 + num2;

    printf (" O resultado final e' %d \n", res);
}
```

Figura 3.3: Exemplo do uso do comando *if-then-else*.

```
#include "stdio.h"

main ( )
{int res, num1, num2;

    puts("Digite dois numeros inteiros");
    scanf("%d %d", &num1, &num2);

    if (num1 * num2 < 0) // produto e' negativo se sinais sao opostos
        { res = num1 * num2;
          printf (" O produto desses numeros e' %d \n", res);
        }
    else
        { res = num1 + num2;
          printf (" A soma desses numeros e' %d \n", res);
        }
}
```

Figura 3.4: Exemplo de *if-then-else* com vários comandos nos ramos.

3.2.2 Encadeamento de testes de decisão

Testes de decisão não precisam aparecer de forma isolada. Dentro dos comandos executados num teste de decisão podemos ter um outro teste de decisão. Quando isso ocorre dizemos que o segundo teste está aninhado no primeiro. Esses aninhamentos podem ser arranjados de acordo com as necessidades do programa, sem nenhuma restrição adicional.

O único cuidado a ser tomado quando temos testes aninhados é o emparelhamento dos respectivos ramos *então* e *senão*. Por exemplo, no trecho a seguir qual seria o valor da variável A no seu final?

```
A = 5;    B = 0;    C = -5;
if (B > 0)
if (C > 0)
A = B;
else
A = C;
printf("%d\n",A);
```

A pergunta a ser respondida para se obter o valor correto é “a qual *if* pertence o ramo *else*?” Da forma como esse trecho está escrito não podemos afirmar (ou demonstrar) a qual ramo o *else* pertence. Isso ocorre por uma falha na especificação da gramática do C (e de várias outras linguagens) e é um problema conhecidíssimo em teoria da compilação¹.

Felizmente, a solução (prática) para o problema de ambiguidade do teste de decisão também é conhecida e diz que um *else* sempre se refere ao *if* mais próximo que ainda não

¹Na prática a “falha” é intencional, uma vez que ao deixá-la os projetistas dessas linguagens procuraram diminuir o número de símbolos e regras da linguagem e existe uma forma simples de contorná-la

tenha um *else* associado, exceto quando existirem chaves delimitando os comandos. Assim, o valor final de *A* no nosso exemplo é 5.

Assim, se no mesmo exemplo quiséssemos que o *else* se referisse ao primeiro *if*, porque o modelo de resolução do problema assim exigisse, teríamos que acrescentar um par de chaves cercado o comando *if* mais interno e seu único comando ($A = B;$), como em:

```
A = 5;    B = 0;    C = -5;
if (B > 0)
    { if (C > 0)
      A = B;
    }
else
    A = C;
printf("%d\n",A);
```

Nesse código, além de usarmos a indentação para deixar claro o que queremos, aparece explicitamente o par ‘{’ e ‘}’, indicando que o segundo comando *if* começa e termina entre o par de chaves. Isso, automaticamente, faz com que o *else* esteja ligado ao primeiro *if*, resultando em **A = -5**.

3.3 Estrutura de decisão de múltipla escolha

Quando queremos fazer uma sequência de testes relacionados e que atuem apenas em uma variável podemos seguir dois caminhos distintos. Num deles fazemos uma cadeia de estruturas de decisão (aninhadas para evitar testes cujos resultados já seriam previamente conhecidos), na forma *if-then-else-if-then-...-else*, ou podemos usar os chamados testes de múltiplas escolhas, que são disponíveis em várias linguagens de programação.

A primeira alternativa (encadeamento de testes de decisão) é mais imediata e aparentemente simples. Porém, nem sempre essa é a solução mais elegante do ponto de vista de legibilidade do programa. Suponha por exemplo que queremos fazer um programa que leia um dígito entre 0 e 9 e execute uma ação diferente para cada valor distinto. Se usássemos testes de decisão aninhados teríamos algo do tipo visto no algoritmo da figura 3.5, que é um tanto quanto difícil de ser compreendido.

```
Se num = 0
    entao faca ACAO_ZERO
senao Se num = 1
    entao faca ACAO_UM
senao Se num = 2
    entao faca ACAO_DOIS
senao Se num = 3
    entao faca ACAO_TRES
.....
```

Figura 3.5: Múltiplas escolhas com encadeamento de testes de decisão

Com teste de decisão de múltipla escolha aglutinamos todas as diferentes opções em um único comando, como é visto na figura 3.6. O funcionamento de um comando desse tipo é, na realidade bastante simples. Examina-se inicialmente o valor da variável de controle (*num*, nessa figura), a qual deverá possuir valores discretos (ou enumeráveis) para que se possa enumerar uma série de casos distintos. Em havendo um dos casos em que o valor da variável de controle é equivalente ao valor definido, então a ação deste caso será executada e o comando encerrado. Se nenhum caso combinar com o valor da variável, então nada será executado ou, em certas condições, um caso padrão (*default*) será executado.

```
Caso num
  for igual a 0 entao ACAO_ZERO
  for igual a 1 entao ACAO_UM
  for igual a 2 entao ACAO_DOIS
  for igual a 3 entao ACAO_TRES
  .....
Fim de Caso
```

Figura 3.6: Múltiplas escolhas com testes de decisão de múltipla escolha

3.3.1 Testes de decisão múltipla em C

No caso da linguagem C, a sintaxe para testes de decisão de múltipla escolha é a seguinte:

```
switch ( variavel_discreta )
{ case valor1 : acao_valor1; break;
  case valor2 : acao_valor2; break;
  ...
  default: acao_default;
}
```

A linha com o caso *default* é opcional, sendo usada para definir uma ação que será executada caso nenhuma outra opção satisfizer o valor de *variavel_discreta*.

Aparece também nesse exemplo o comando *break*, que é usado para delimitar quais ações serão executadas para um determinado valor de *case*. Assim, em C é possível definir que determinados comandos serão executados para mais do que um *case*, como em:

```
y = 0;
switch ( x )
{ case 1 : y = 1;
  case 2 : y = y + 1; x = y; break;
  case 3 : x = y; break;
}
```

Nesse caso, caso o valor da variável *x* seja 3, executa-se apenas o comando $x = y$, resultando em $x=0$. Da mesma forma, se *x* for igual a 2, então executam-se os comandos do *case 2*, resultando em $x=1$. Finalmente, se o valor inicial fosse 1, então executariam-se

os comandos dos *case 1* e *case 2*, em sequência, pois não existe um *break* entre eles. Isso resultaria em $x=2$. Deve-se observar ainda que podemos ter ramos *case* vazios, sem nenhum comando executado, com ou sem o *break*, dependendo do que deve ser resolvido.

3.3.2 Aninhamento de testes de decisão múltipla

Da mesma forma em que aninhamos testes de decisão simples, podemos fazer o aninhamento de testes de múltipla escolha. O aninhamento deste tipo de teste é útil em situações em que a ação a ser executada não depende apenas do valor de uma única variável. Assim, poderemos construir soluções em que primeiro selecionamos algo a partir de uma chave primária (estado de um sistema, por exemplo) e depois fazemos a seleção a partir de uma chave secundária (ação desejada sobre o sistema). Isso permite trechos de programa como o algoritmo da figura 3.7.

```
Caso EstadoDoSistema
  for igual a Em_espera entao
    Caso AcaoDesejada
      for igual a Desligue entao ACAO_DESLIGAR
      for igual a Trabalhe entao ACAO_TRABALHAR
    Fim de caso
  for igual a Desligado entao
    Caso AcaoDesejada
      for igual a Trabalhe entao ACAO_LIGAR
      for igual a Desligue entao ACAO_NADA
    Fim de caso
  for igual a Trabalhando entao
    Caso AcaoDesejada
      for igual a Trabalhe entao ACAO_NADA
      for igual a Desligue entao ACAO_DESLIGAR
    Fim de caso
  Fim de caso
```

Figura 3.7: Uso de testes de decisão de múltipla escolha aninhados.

Uma outra situação em que o aninhamento desse tipo de teste é interessante ocorre em servidores de múltiplas finalidades. Nesse caso, o teste mais externo verificaria qual a finalidade do serviço requerido, enquanto o segundo teste decidiria como o serviço seria executado.

Já que estamos falando em exemplos, uma última porém extremamente importante aplicação é o de reconhecimento de objetos em uma frase. Essa é a primeira operação executada em um compilador, identificando nomes de variáveis, constantes, palavras reservadas, etc. Normalmente isso pode ser implementando com um teste múltiplo sobre qual o caracter que acabou de ser lido e, para cada caso possível faz-se um novo teste múltiplo sobre qual o estado anterior da leitura.

Em qualquer situação o cuidado a ser tomado é não misturar os testes. Isso implica em que os casos do teste externo devem estar num mesmo nível e cada teste interno deve ter seus casos nesse nível mais interno.

Capítulo 4

Estruturas de repetição

As estruturas de controle de decisão vistas no capítulo anterior são bastante úteis para definir fluxos de instruções que serão executadas apenas uma vez. Isso, entretanto, é insuficiente na maioria das vezes. No nosso algoritmo da troca de pneu 3.1, por exemplo, é necessário repetir a pergunta se todas as porcas já foram retiradas por várias vezes. Isso nos leva às estruturas de controle de repetição, as quais serão examinadas neste capítulo, partindo do princípio de que em algumas situações já sabemos quantas vezes uma determinada operação será repetida (como o caso da troca de pneu) e em outras isso não pode ser previamente determinado (como jogar um dado até sair o número seis).

4.1 Estrutura de repetição enumerável

Existem situações em que se deseja executar um grupo de comandos de forma repetitiva. Uma solução seria repetir, no código do programa, as instruções correspondentes quantas vezes quiséssemos executá-las. Entretanto isso não é nada inteligente pois cada vez que quiséssemos variar esse número de repetições teríamos que reescrever e recompilar o programa. Para evitar isso existem estruturas de controle que nos permitem repetir um grupo de instruções tantas vezes quanto desejarmos, através de um simples teste para verificar se as instruções devem ou não ser executadas mais uma vez. Esse tipo de estrutura forma um bloco denominado **laço de repetição** (ou simplesmente *loop* em inglês).

Esses laços podem ser construídos de diferentes maneiras, dependendo da forma como o teste de verificação é aplicado. Esse teste de verificação é conhecido como condição de parada do laço, e funciona da mesma forma que os testes de decisão simples examinados na seção 3.2. O que diferencia os vários tipos de blocos de repetição é o momento em que o teste é aplicado e a maneira como o valor da variável de controle é atualizado. Em particular, quando o número de repetições pode ser conhecido *a priori*, quer seja através de uma constante ou pelo valor de uma variável que permaneça inalterado por algum tempo, podemos usar estruturas de repetição enumeráveis, como a definida a seguir:

Para valores de Controle **indo de** *valor_inicial* **até** *valor_final*,
 com incremento/decremento de *tanto*
Faça *Comandos do corpo da repetição*

Em que **Controle** é a variável que enumera as repetições dos comandos da estrutura, sendo limitada pelas constantes *valor_inicial* e *valor_final*. A forma como o valor da variável de controle de repetição evolui de um limite ao outro varia de acordo com a necessidade da

aplicação, podendo ser através de incrementos ou decrementos de valores pré-determinados, definidos pelo valor de *tanto* no comando acima.

Como dito no início desta seção, o uso de estruturas enumeráveis é possível sempre que temos condições de saber quantas repetições executaremos no momento em que entramos no laço. Embora isso nem sempre ocorra, existe uma infinidade de situações em que podemos usar essas estruturas. A vantagem no uso delas é que o código fica mais claro ao especificar quantas vezes o corpo do laço será executado.

Situações em que isso ocorre incluem aplicações sobre matrizes (aquelas vistas em matemática), conjuntos de elementos de tamanho conhecido e várias outras situações similares. A dica sobre quando usar uma estrutura de repetição enumerável é verificar no modelo do programa (ou em seu algoritmo em mais alto nível) se os comandos a serem repetidos podem ser contabilizados antes de serem executados e se a variável que controlará a repetição pode ser discretizada para valores pré-demarcados. Sempre que isso ocorrer usaremos preferencialmente essas estruturas.

No capítulo 1 resolvemos o cálculo do fatorial através de um outro tipo de estrutura de repetição. Na prática as estruturas enumeráveis se prestam bastante bem para casos como o do cálculo do fatorial. Assim, aquele programa pode ser modificado para conter um laço enumerável na sua implementação, como visto na figura 4.1.

```
.... scanf("%d",&num);
    if (num < 0)
        { puts (" Não existe fatorial de números negativos");
          exit (0);
        }
    if ((num == 0) || (num == 1))
        printf (" Fatorial de %d = 1\n", num);
    else
        { fatorial = 1;
          for (i=num; i > 1; i- -)
              fatorial = fatorial * i
          printf (" Fatorial de %d = %d\n", num, fatorial);
        }
....
```

Figura 4.1: Fatorial usando estruturas de repetição enumerável

EXERCÍCIO

Escreva um algoritmo para um programa que calcule a tabela de conversão de graus celsius para fahrenheit num intervalo determinado por dois limites dados por um usuário. Imprima o valor em celsius e seu equivalente em fahrenheit.

4.2 Estruturas de repetição não-enumeráveis

Estruturas enumeráveis funcionam bem quando o número de repetições é conhecido antes do início do laço. Entretanto, nem sempre isso é possível, ou seja, muitas vezes queremos repetir um conjunto de comandos até que uma dada condição seja satisfeita, sendo que esta condição depende de ações internas ao laço.

Por exemplo, se num dado programa desejarmos ler números e calcular o fatorial de cada um deles até cansarmos dessa brincadeira, temos que encontrar uma maneira de fazer com que o computador saiba quando deve parar. Isso pode ser feito através de uma variável de controle, como o número digitado por nós. Assim, quando digitarmos um número negativo, por exemplo, estaremos dizendo ao computador “PARE”. Para fazer isso precisamos de uma estrutura de repetição não-enumerável. Esta estrutura pode ser representada em algoritmos pelo comando **Enquanto**, já visto no exemplo do fatorial no capítulo 1.

Estruturas não enumeráveis podem assumir duas formas distintas de execução, dependendo do momento em que se examina a condição de controle do laço. Numa das formas o corpo do laço é executado sempre antes de se verificar se a condição já foi atendida. Na outra forma a condição é verificada antes e, caso seja atendida, executa-se o corpo do laço. Tais formas seriam representadas, num algoritmo, com a seguinte sintaxe:

Teste antecipado

Enquanto *condição* **for verdade**
Faça *comandos do corpo do laço*

Teste posterior

Faça *comandos do corpo do laço*
Enquanto *condição* **[não] for verdade**

Em especial, na estrutura para o teste posterior, é possível duas construções distintas. Uma em que se repete o conjunto de comandos do corpo do laço até que a condição se torne verdadeira, como é o caso do comando “repeat-until” da linguagem Pascal. Já em outra construção o corpo é repetido enquanto a condição for verdadeira, como é o caso do comando “do-while” do C.

EXEMPLO

Suponha que temos que escrever um programa que examine um conjunto de números, até que encontre um número primo. Um algoritmo (em alto nível) para isso é visto a seguir:

1. LEIA um número
 2. ENQUANTO número não for primo FAÇA
 - 2.1 LEIA um número
 3. Escreva "Número primo foi encontrado"
-

Nesse exemplo fica fácil de observar que seria mais simples usar a estrutura que permite o teste posterior, uma vez que antes de fazer o teste temos que ler o número de qualquer forma e essa é a única operação realizada dentro do corpo do laço de repetição. A troca da

estrutura resultaria no seguinte algoritmo:

1. FAÇA
 - 1.1 LEIA um número
 - ENQUANTO número não for primo
2. Escreva "Número primo foi encontrado"

4.3 Estruturas de repetição em C

As estruturas definidas nas páginas anteriores estão representadas numa linguagem mais algorítmica, sem uma maior dependência para uma ou outra linguagem. Todas as linguagens de programação apresentam algum mecanismo para a implementação dessas estruturas de repetição. No caso da linguagem C temos três diferentes comandos para realizar a implementação de laços de repetição estruturados (existem laços não-estruturados, implementados de uma outra forma, mas que devem ser evitados em um programa bem definido).

A sintaxe dos comandos em C que implementam laços de repetição são vistos a seguir. Deve ficar claro que exemplos da aplicação desses comandos serão vistos na próxima seção (bem como em vários outros problemas ao longo do restante deste texto).

4.3.1 Repetição enumerável - o comando *for*

O comando **for** permite a construção de laços de repetição enumeráveis, isto é, com um controle automático no total de repetições a serem executadas. A sintaxe desse comando é vista a seguir:

```
for ( origem ; condição_limite ; forma_de_avanço )
{   Corpo do laço   }
```

Em que:

<i>origem</i>	é a definição dos valores iniciais para as variáveis que servirão como controle do laço;
<i>condição_limite</i>	define o critério de parada para as repetições do corpo do laço;
<i>forma_de_avanço</i>	define a forma de atualização das variáveis de controle a cada iteração do laço;
<i>Corpo do laço</i>	representa o comando ou conjunto de comandos que serão executados a cada iteração do laço, sendo que quando forem dois comandos ou mais é preciso agrupá-los através de um par de chaves ({ ... }).

4.3.2 Repetição não-enumerável - O comando *while*

O comando **while** permite a construção de laços de repetição em que o teste para continuar ou não a execução do laço é feito antes de se executar o corpo do laço. A sintaxe desse comando é vista a seguir:

```
while ( exp_controle )
{   Corpo do laço   }
```

Em que:

<i>exp_controle</i>	define o critério de parada para as repetições do corpo do laço, através de uma expressão lógica;
<i>Corpo do laço</i>	representa o comando ou conjunto de comandos que serão executados a cada iteração do laço, sendo que quando forem dois comandos ou mais é preciso agrupá-los através de um par de chaves ({ ... }).

4.3.3 Repetição não-enumerável - O comando *do-while*

O comando **do-while** é usado para a construção de laços em que se tenha que executar o corpo antes de se verificar se essa execução deve continuar ou não. Sua sintaxe é apresentada a seguir.

```
do
{   Corpo do laço   }
while ( exp_controle )
```

Em que:

<i>exp_controle</i>	define o critério de parada para as repetições do corpo do laço, através de uma expressão lógica;
<i>Corpo do laço</i>	representa o comando ou conjunto de comandos que serão executados a cada iteração do laço, sendo que quando forem dois comandos ou mais é preciso agrupá-los através de um par de chaves ({ ... }).

OBSERVAÇÃO

Como já dito na seção anterior, os comandos de repetição não-enumeráveis diferem apenas na forma em que a expressão de controle (*exp_controle*) é considerada. No comando **while** a execução do laço ocorre apenas se o valor dessa expressão for verdadeiro (ou seja, diferente de zero ou nulo). Já no comando **do-while** o corpo do laço é executado pelo menos uma vez, sendo repetido enquanto o valor da expressão for verdadeiro.

4.4 Exemplos no uso de laços de repetição

A figura 4.2 apresenta exemplos bastante simples do uso desses tipos de estruturas de repetição disponíveis em C. Nos três laços o objetivo é fazer a soma dos primeiros *num* inteiros. Como esse é um problema enumerável, sua solução é mais simples usando o laço **for**, em que basta usar a variável de controle do laço (*i*) como elemento da soma. Nos laços **while** e

do-while é preciso incrementar explicitamente essa variável a cada iteração executada.

```
#include "stdio.h"

main()
{ int num, i, soma;

    scanf("%d",&num);
    soma = 0;
    for (i=0; i <= num; i++)
        soma = soma + i; // Como se trata de apenas um comando nao
                        // e preciso o uso de chaves
    printf (" A soma pelo for resulta em %d\n", soma);
    soma = 0;
    i = 1;
    while (i <= num)
    { soma = soma + i;
      i++; // AVANCO DO CONTROLE
    }
    printf (" A soma pelo while resulta em %d\n", soma);
    soma = 0;
    i = 1;
    do
    { soma = soma + i;
      i++; // AVANCO DO CONTROLE
    } while (i <= num);
    printf (" A soma pelo do-while resulta em %d\n", soma);
}
```

Figura 4.2: Exemplo genérico de uso de laços de repetição

A diferença principal entre os comandos **for** e os **while** e **do-while** está na forma de avanço do valor da variável de controle. No caso do **for** esse avanço é indicado diretamente no comando, como seu terceiro parâmetro. Já os comandos **while** e **do-while** não apresentam esse avanço explícito. Assim, o programador deve introduzir no corpo do laço alguma forma de avanço sobre a variável de controle. No programa da figura 4.2 isso é feito pelos comandos *i++* marcados pelos comentários “AVANCO DO CONTROLE”.

O uso de cada uma das estruturas de repetição deve ser criterioso, isto é, devemos sempre tomar o cuidado de escolher a estrutura mais adequada para nossos objetivos para o corpo do laço. O mesmo pode ser dito com relação às estruturas de decisão já estudadas (**if** e **switch**). No caso do **do-while** deve ficar claro que o usaremos sempre que for necessária a execução de uma determinada ação pelo menos uma vez antes que se saia do laço.

Um caso em que isso ocorre é a leitura de um arquivo de dados sequencial, em que os dados são lidos um após o outro até o final do arquivo. Existe em C uma função que verifica se foi lido o final de arquivo, que é a **feof (leitor_arq)**. Entretanto, é necessário primeiro que se tente ler algo no arquivo para saber se o mesmo está ou não no seu final. Assim, um

trecho de programa para leitura de arquivo ficaria assim:

```
do
{ fscanf (arq, ".....", .....);
  // fscanf equivale ao scanf, so que para ler arquivos
  ...
} while ( ! feof (arq) )
```

Examinemos agora outras situações em que seja necessário repetir ações.

Caso 1 - considere que o seu problema é fazer a soma dos elementos de dois vetores de tamanho n , guardando o resultado em um terceiro vetor. Como a operação a ser realizada deve ser repetida um número fixo de vezes, então é evidente que a melhor solução é usar o comando **for**. O trecho de código a seguir ilustra essa aplicação.

```
for (i=0; i<n; i++) // faz n somas...
    vet3[i] = vet1[i] + vet2[i];
```

Caso 2 - considere que o seu problema é encontrar um número ímpar em um vetor de tamanho n , parando quando ele for encontrado. Como a operação a ser realizada pode ser repetida uma ou mais vezes, com o máximo de n vezes, então é evidente que a melhor solução é usar os comandos **while** ou **do-while**. O trecho de código a seguir ilustra essa aplicação com o uso do **while**.

```
i = 0;
while ((i < n) && (vet[i]%2 == 0)) // o teste i<n serve como
    i++;                          // limite superior do laço
if (i < n) printf("%d é ímpar\n",vet[i]);
// esse último teste é verdade apenas se o comando while terminou
// porque foi encontrado um número ímpar !!
```

Caso 3 - considere que o seu problema é encontrar o maior valor armazenado em um vetor e apresentá-lo para o usuário. Mais uma vez aqui temos que repetir a operação de examinar o conteúdo de uma posição do vetor um número fixo de vezes. Para cada uma delas temos que ver se o atual maior número encontrado ainda é maior que o valor examinado. Se sim, continuamos a busca, se não fazemos uma atualização no valor do maior número. Então, como o número de repetições é fixo devemos usar o comando **for**. O trecho de código a seguir ilustra essa aplicação.

```
maior = -NUMGRANDE; // algum valor negativo muito grande
for (i=0; i<n; i++) // faz n somas...
{ if (vet[i] > maior)
    maior = vet[i];
}
```

```
printf ("maior = %d\n",maior);
```

4.5 Cuidados com laços de repetição

Laços de repetição formam um mecanismo bastante poderoso em computação. Entretanto, alguns cuidados devem ser tomados para que os mesmos funcionem da forma esperada. Esses cuidados envolvem basicamente a condição de parada do laço, ou seja, não parar antes ou depois do ponto em que se deve parar. Uma lista desses cuidados é apresentada a seguir:

- Ao trabalhar com vetores e matrizes cuidar para que o laço não ultrapasse seus limites. Lembrar aqui que o primeiro elemento tem índice 0 e se a estrutura possui k elementos, então se deve parar na posição de índice $k-1$.
- Em qualquer situação é preciso lembrar de colocar uma condição de parada limite, evitando laços infinitos (a menos que a aplicação exija essa condição).
- Não sei.....

EXERCÍCIO

Refazer o programa fatorial usando **do-while** no lugar de **while**.

4.6 Aninhamento de estruturas de repetição

Até agora vimos apenas estruturas de repetição isoladas. Entretanto, muitas vezes precisamos fazer laços contendo outros laços, isto é, precisamos construir laços aninhados. A implementação de laços aninhados é feita da mesma forma com que aninhamos estruturas de decisão, ou seja, basta colocar, como parte do corpo da estrutura de repetição mais externa, uma segunda estrutura de decisão, que controla as operações de repetição que devem ser aninhadas, como na figura 4.3.

Não existem restrições quanto ao tipo de estrutura que aninharemos, isto é, podemos aninhar **while**'s dentro de **for**'s, **do-while**'s dentro de **while**'s, etc. A única exigência feita é de que não exista o entrelaçamento de laços, ou seja, se um laço B está aninhado dentro de um laço A, então ele deve iniciar e terminar dentro do corpo de A, indicando portanto uma relação de continência. A figura 4.3 apresenta, graficamente, como um aninhamento deve ocorrer (a) e como não deve ocorrer (b) (laços entrelaçados), quando se respeita os preceitos da programação estruturadas vistos no capítulo anterior, em especial o da unicidade de caminhos.

EXEMPLO

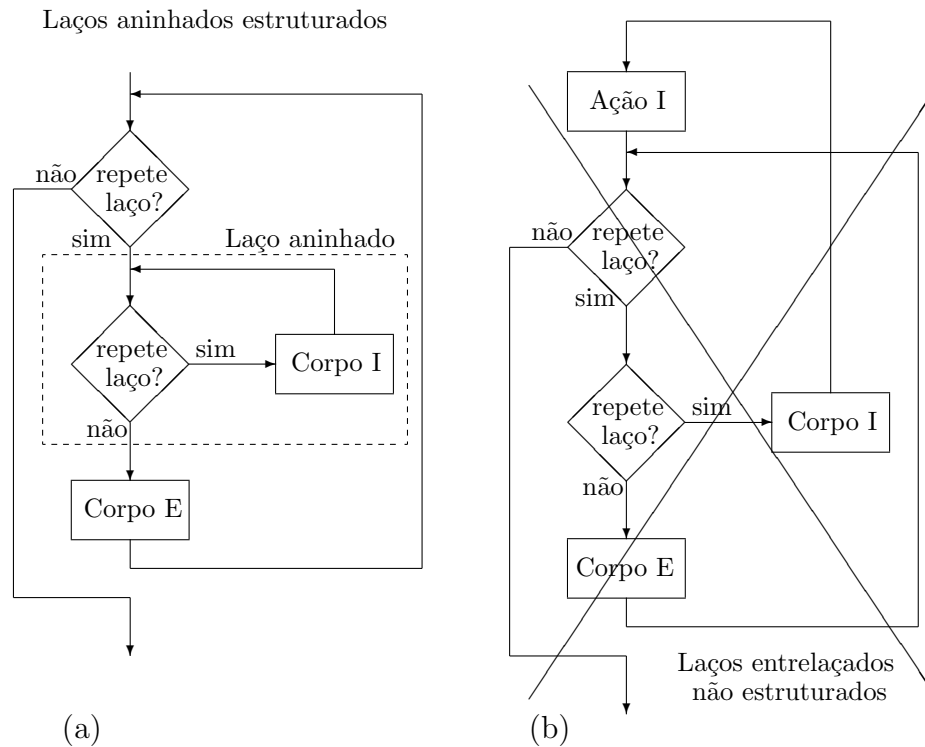


Figura 4.3: Modelos para aninhamento de estruturas de repetição

Um exemplo clássico de aplicação envolvendo o aninhamento de laços é a soma de duas matrizes. Nessa operação devemos ter um laço que percorre as linhas das duas matrizes e outro que percorre suas colunas, como no algoritmo da figura 4.4. Nesse caso, para cada valor da variável i , que representa as linhas das matrizes, deve-se alterar o valor da variável j , variando-o de forma que a operação de soma seja realizada para todas as colunas de uma determinada linha das matrizes. Assim, o **for** (laço) mais interno é executado um número de vezes correspondente ao número de colunas da matriz para cada execução do **for** (laço) mais externo. Este, por sua vez, será executado uma quantidade de vezes igual ao número de linhas das matrizes.

Leia os elementos da matriz A
Leia os elementos da matriz B
Para i valendo da primeira linha **até** a última **Faça**
 Para j valendo da primeira coluna **até** a última **Faça**
 $C_{i,j} = A_{i,j} + B_{i,j}$
Escreva o resultado da soma (matriz C)

Figura 4.4: Algoritmo para soma de matrizes

4.7 Laços não estruturados: o comando *goto*

Além das estruturas de repetição apresentadas até agora, muitas linguagens apresentam formas de criação de laços não estruturados, ou seja, laços que não respeitam ao princípio de

unicidade de caminhos. Comandos desse tipo (o **goto** do C, por exemplo) são essenciais em linguagens não estruturadas, tais como Fortran e o Basic. Em C o seu uso é bastante restrito, devendo ser evitado o máximo possível pois a legibilidade de um programa é prejudicada substancialmente ao acrescentar-se *goto*'s. Assim não apresentaremos aqui sua sintaxe, tentando evitar que se aprenda logo algo que não se considera elegante em programação.

Apenas para finalizar essa apresentação de laços não estruturados, o que ocorre na prática com o comando *goto* é forçar com que o fluxo de execução de um programa mude, passando do atual caminho para outro que é identificado através de um rótulo. Comandos desse tipo foram criados nas primeiras linguagens de programação, incluindo-se linguagens de máquina. Eles eram usados então para construir laços equivalentes aos laços estruturados providos nas linguagens modernas. Assim, não faz sentido usá-los, criando códigos complicados, se temos comandos equivalentes que já vêm prontos e são bastante claros na leitura de um programa.

EXERCÍCIOS

1. Escreva algoritmos para resolver os seguintes problemas:
 - (a) Ler N números e identificar qual é o maior deles.
 - (b) Ler um número, que diga quantos alunos estiveram presentes numa prova e, depois, ler todas as notas, calculando a média da prova.
 - (c) Ler um número e , depois, ler N números procurando identificar se o primeiro número lido aparece entre os demais.
 - (d) Ler uma série de notas no vestibular, apresentando quantas estiveram na faixa de 0-30, quantas na faixa 31-50, quantas na faixa 51-80 e quantas na faixa 81-100.
 - (e) Ler um número qualquer e identificar se ele é primo ou não.
 - (f) Ler um par de números positivos diferentes de zero, necessariamente distintos, calculando C_p^n (combinação de n , tomados p a p), em que n é o maior valor lido e p o menor valor lido.
 - (g) Ler as coordenadas, no plano, dos vértices de um quadrilátero qualquer, calculando sua área.
2. Escreva programas, em C, que resolvam os problemas do exercício anterior.

Capítulo 5

Tipos de dados compostos

Até o momento temos trabalhado com tipos de dados simples, em que cada variável contém apenas um único valor¹. Embora possamos programar usando apenas esses tipos de dados, é bastante interessante que tenhamos a possibilidade de agregar valores relacionados entre si em uma única variável. Ao longo desse capítulo veremos o que isso significa e como pode ser realizado.

Numa seção fora deste contexto, apresentaremos também um outro tipo de dados básico em C, que é o tipo endereço. Embora esse tipo de dados seja muito utilizado na construção de estruturas de dados mais complexas, ele também é usado em determinadas formas de se chamar subprogramas, que é o tema do próximo capítulo.

5.1 Tipos estruturados homogêneos

No capítulo 2 examinamos as chamadas cadeias de caracteres. Tais cadeias são conjuntos de caracteres armazenados sequencialmente para formar um nome (ou algo do tipo) e que podem ser acessados referenciando-se uma única variável. Esse tipo de agregação de dados é também muito útil para tipos numéricos em que os vários valores tenham relação semântica entre si. Para entender isso, imagine como poderíamos declarar (e depois manipular facilmente) uma matriz (segundo a definição matemática de matrizes e determinantes) correspondente a um sistema de equações lineares, tal como o sistema a seguir:

$$\begin{aligned}3x_1 + 2x_2 - 4x_3 &= 10 \\ -x_1 + x_2 + x_3 &= 0 \\ 2x_1 + 4x_2 - x_3 &= 5\end{aligned}$$

Fazer a declaração das variáveis $a11$, $a12$, $a13$, $a21$, $a22$, $a23$, $a31$, $a32$ e $a33$ para armazenar os coeficientes das expressões pode ajudar nesse caso, permitindo o cálculo do determinante e das variáveis x_1 , x_2 e x_3 . Entretanto, se o sistema de equações for maior do que 3×3 , como por exemplo 100×100 , fica absolutamente impossível declarar individualmente cada coeficiente do sistema (seriam 10000 nesse caso).

A solução a ser adotada nos casos em que valores de mesmo tipo básico apresentam relacionamento entre si é o uso de estruturas de dados homogêneas. Essas estruturas são

¹A exceção fica por conta das cadeias de caracteres, em que uma variável contém vários caracteres. Mesmo assim, esses caracteres se referem a um único nome ou frase.

tipicamente chamadas **vetores** e **matrizes**. Elas são úteis em inúmeras situações, como na representação das matrizes de sistemas de equações, ou de listas com notas de uma disciplina, ou armazenamento de conjuntos de nomes de alunos. Nesse caminho ainda podemos entender as cadeias de caracteres como sendo também estruturas homogêneas que armazenam caracteres relacionados (um nome, por exemplo).

Na elaboração de algoritmos que façam uso de estruturas homogêneas iremos considerá-las como sendo matrizes (segundo sua definição algébrica), com seus elementos sendo acessados sempre de forma individual através de índices que os identifiquem inequivocamente. Uma matriz desse tipo pode ser estruturada com várias dimensões, dependendo da necessidade de organização para a resolução do problema (ou mais formalmente, dependendo de como foi definido o modelo para sua solução). Assim temos matrizes de uma dimensão, que são chamadas de vetores, matrizes de duas dimensões e assim por diante².

Podemos agora traçar algumas regras para a definição e manipulação de matrizes:

1. Os elementos de uma matriz são identificados através de índices, que os localizam de forma única dentro da matriz;
2. Não é possível fazer o acesso a vários elementos de uma matriz (uma linha inteira, por exemplo) com uma única operação;
3. Operações sobre elementos de uma matriz são sempre feitas de forma individual (reforçando a regra anterior), através de seus índices.

Um exemplo de manipulação de uma matriz pode ser visto na figura 5.1, supondo que os conteúdos das matrizes *matA* e *matB* foram preenchidos em algum ponto antes da operação de soma das matrizes.

```

Declara matA, matB e matC como matrizes de números reais, de mesma dimensão
      :
PARA cada linha i de matC FAÇA
  PARA cada coluna j de matC FAÇA
     $matC_{i,j} \leftarrow matA_{i,j} + matB_{i,j}$ 

```

Figura 5.1: Algoritmo para soma de matrizes usando estruturas homogêneas

5.2 Estruturas homogêneas em C

Vimos até agora qual o propósito de se criar estruturas de dados homogêneas e como elas são manipuladas nos algoritmos e em programas. Para exercitar melhor o uso de tais estruturas é interessante usar exemplos mais concretos, com implementações em linguagem C. Para tanto dividiremos nosso estudo na definição dessas estruturas para o compilador e na manipulação efetiva das mesmas dentro do programa.

²Algebricamente falando, tem-se o caso bastante particular de uma matriz de dimensão zero, que coincide com a definição de uma variável simples!!

Declaração de estruturas homogêneas

Pela descrição do que é uma estrutura homogênea percebe-se que ela é uma reunião de várias posições de memória, que armazenam valores de mesmo tipo, e que tenham alguma forma de relação entre si. Assim, a declaração de uma variável do tipo estrutura homogênea é feita simplesmente através da declaração de uma variável que tenha o tipo básico da estrutura e do número de posições de memória que devem ser reservadas para ela, como nos exemplos a seguir:

```
int umVetor[20], outroVetor[1000], umaMatriz[10][20];  
double matrizReais[100][100];  
char ooopsUmVetordeCaracteres[20];
```

Nesses exemplos deve-se tomar o cuidado de diferenciar as estruturas numéricas das de caracteres no que diz respeito à quantidade de valores que serão armazenados. Para as cadeias de caracteres é preciso reservar sempre um espaço para o caracter marcador de final da cadeia, enquanto que para as estruturas numéricas isso não é preciso. Assim, as variáveis declaradas no exemplo reservam, respectivamente, posições para 20 inteiros, 1000 inteiros, 2000 inteiros (dispostos em 10 linhas com 20 inteiros/colunas cada), 10000 reais de precisão dupla (dispostos em 100 linhas de 100 colunas cada) e, finalmente, 20 bytes dos quais um deve ser usado para armazenar o marcador de final de cadeia ('\\0').

Uso de estruturas homogêneas

Na discussão geral sobre estruturas homogêneas de dados já se antecipou que o acesso a cada elemento da estrutura é feito de forma individualizada. Assim, para se atribuir um valor para uma posição de uma estrutura deve-se fazer uma atribuição indexada precisamente para a posição desejada. Do mesmo modo, para acessar o conteúdo de outra posição também se deve fazer sua indexação.

Assim, para atribuir o valor zero para a primeira posição da estrutura *umVetor* declarada há pouco devemos usar o comando:

```
umVetor[0] = 0;
```

Observe-se que a primeira posição da estrutura é indexada pela posição 0. Isso é verdade em C e algumas outras linguagens, sendo que em outras existem regras diferentes para essa indexação. Portanto, para programas escritos em C devemos sempre considerar que a primeira posição reservada para a estrutura é a de número 0, sendo as demais sucessivamente indexadas pelos naturais seguintes, até que a última das posições reservadas (a vigésima no caso da variável *umVetor*) terá como índice o tamanho da estrutura menos uma unidade (19 para a variável *umVetor*).

IMPORTANTE!!!

Não existe verificação de limites de estruturas em C. Assim, se você declarar um vetor de dez posições e tentar acessar a décima-primeira, seu programa irá ler o conteúdo de uma posição de memória que não pertence ao vetor, trazendo provavelmente lixo (algum valor inconsistente) para a execução.

No caso de estruturas multidimensionais a regra para identificar a posição também é simples. Por exemplo, para a variável *umaMatriz* declarada anteriormente, as posições de memória são reservadas de forma a aparecerem primeiro todas as posições pertencentes à primeira linha, depois todas da segunda linha e assim sucessivamente. Do ponto de vista de índices teríamos a organização lógica apresentada na figura 5.2. Deve ficar claro, entretanto, que a alocação dos espaços disponíveis em memória para armazenar uma estrutura desse tipo não segue exatamente essa disposição espacial.

Na prática toda estrutura multidimensional é armazenada na memória do computador como sendo uma enorme estrutura unidimensional, em que os espaços são reservados dimensão por dimensão. No caso específico da linguagem C, o armazenamento é feito por linhas, ou seja, primeiro reserva-se espaço para todos os elementos da primeira linha, depois para todos os da segunda linha e assim por diante, até a última linha.

matA[0][0]	matA[0][1]	matA[0][2]	matA[0][19]
matA[1][0]	matA[1][1]			⋮
matA[2][0]	⋮			⋮
⋮	⋮			⋮
				⋮
				⋮
				⋮
				⋮
				⋮
				⋮
matA[9][0]	matA[9][1]		matA[9][19]

Figura 5.2: Indexação de estrutura bidimensional

Outras linguagens podem usar outras formas de armazenamento, como é o caso do Fortran, que armazena as matrizes por colunas. O conhecimento sobre como uma dada linguagem armazena estruturas multidimensionais é importante para a escrita de programas eficientes, que aproveitem a organização espacial dos dados. De forma simplificada, se a linguagem armazena os elementos da matriz por colunas, então é sempre mais eficiente percorrer seus elementos caminhando por colunas. Percorre-la ao contrário pode levar facilmente a tempos elevados para a busca das informações na matriz.

Feitas essas observações sobre o armazenamento e indexação de estruturas multidimensionais já temos condições de voltar ao algoritmo apresentado na figura 5.1 e construir um programa em C que faça a soma de duas matrizes. Diferente do que foi feito lá, agora trataremos também da leitura dos elementos das matrizes. O programa para tanto é visto na figura 5.3. Nesse código deve ser observado que usamos quatro estruturas de repetição. Uma para ler os dados de *matA*, outra para ler os dados de *matB*, uma terceira para efetuar a soma das matrizes e finalmente um quarto laço para apresentar a soma em *matC*.

```
#include "stdio.h"

main()
{ int i, j, matA[10][10], matB[10][10], matC[10][10];

    for (i=0; i<10; i++)        // Para ler a matriz matA
        for (j=0; j<10; j++)
        { printf ("De o valor da linha %d e coluna %d da matriz A\n",i,j);
          scanf ("%d", &matA[i][j]);
        }
    for (i=0; i<10; i++)        // Para ler a matriz matB
        for (j=0; j<10; j++)
        { printf ("De o valor da linha %d e coluna %d da matriz B\n",i,j);
          scanf ("%d", &matB[i][j]);
        }
    // As leituras poderiam ser feitas em um único laço de repetição,
    // lembrando-se que se leria um valor de cada matriz a cada vez.

    // O mesmo pode ser feito para os laços de soma e impressão
    for (i=0; i<10; i++)
        for (j=0; j<10; j++)
            matC[i][j] = matA[i][j] + matB[i][j]; // Faz a soma
    for (i=0; i<10; i++)
    { for (j=0; j<10; j++)        // imprime resultados de uma linha
        printf (" %d ", matC[i][j]);
      puts(" "); // muda para a próxima linha
    }
}
```

Figura 5.3: Programa em C para a soma de matrizes

Uma solução alternativa poderia fazer a leitura das matrizes em um único laço (como aparece em um comentário no código do programa) e a soma e impressão do resultado também em um único laço. Para tanto deveria-se ter um cuidado adicional na leitura dos dados, de forma a que o usuário não confundisse elementos de matrizes distintas. Isso seria feito informando o usuário, de forma bastante clara, sobre qual elemento e de qual matriz se deseja ler o valor.

Entretanto, essa não é uma estrutura lógica para a entrada de dados. Normalmente nos preocupamos com uma das matrizes por vez, o que nos leva de volta ao código da figura 5.3. Já para as operações de soma e de impressão dos resultados não existe nenhum cuidado a ser tomado e, podemos até considerar essa junção como uma atitude lógica. Infelizmente, essa otimização é possível apenas em poucas situações.

EXEMPLO

Construa um programa que leia as notas de uma dada prova, calcule sua média e apresente como resultados a média e o número de alunos que tiraram nota maior ou igual a essa média. Considere que a leitura das notas (máximo de 200 notas) termina com a leitura de um valor negativo.

Do enunciado do problema tem-se que o computador deve inicialmente armazenar as notas em alguma estrutura para depois ter como apresentar quantas estavam acima da média, uma vez que essa é calculada após a leitura de todas as notas. Essa estrutura é claramente um vetor de números reais pois admitimos notas em décimos.

O algoritmo (já otimizado) para essa operação é visto na figura 5.4. Observe-se que ao mesmo tempo em que estamos armazenando as notas já fazemos a sua soma e a contagem de quantas notas foram lidas, economizando alguns laços de repetição.

```
Declare um vetor Notas[200] para valores reais
Declare variáveis reais SomaNotas, Media
Declare variáveis inteiras k, MaiorIgual
Faça SomaNotas = 0.0; k = 0; MaiorIgual = 0;
Leia uma nota e guarde em Notas[k]
Enquanto Notas[k] ≥ 0
    Faça
        SomaNotas = SomaNotas + Notas[k];
        k = k + 1;
        Leia uma nota e guarde em Notas[k]
    Fim enquanto
Media = SomaNotas / (k-1); (lembre-se que a última nota lida era negativa)
k = 0;
Enquanto Notas[k] ≥ 0
    Faça
        Se Notas[k] ≥ Media Então
            MaiorIgual = MaiorIgual + 1;
            k = k + 1
        Fim enquanto
Imprima os valores de Media e MaiorIgual
```

Figura 5.4: Algoritmo para problema da média das notas

Na figura 5.5 temos o programa correspondente, que dispensa maiores comentários, sobre a utilização de vetores.

```
#include "stdio.h"

main()
{double Notas[200], SomaNotas, Media;
  int k, MaiorIgual; // k guarda o número de notas lidas

  SomaNotas = 0.0;    k = 0;    MaiorIgual = 0;
  scanf("%lf", &Notas[k]); // leitura da primeira nota
  while (Notas[k] >= 0.0) // laço para ler, contar e totalizar as notas
  { SomaNotas += Notas[k];
    k++;
    scanf("%lf",&Notas[k]);
  }
  Media = SomaNotas / k; // calcula a média após ler nota negativa
  k = 0;
  while (Notas[k] >= 0.0) // percorre vetor contando notas acima
  { if (Notas[k] >= Media) // ou iguais a média
    MaiorIgual++;
    k++;
  }
  printf ("Media = %lf, com %d notas iguais/acima\n", Media,MaiorIgual);
}
```

Figura 5.5: Código C para o programa da média de notas

5.3 Cadeias de caracteres

No capítulo 2 vimos como cadeias de caracteres podem ser manipuladas e para que elas podem ser usadas. Como indicado naquele momento, exemplos mais elaborados seriam deixados para este capítulo. Examinaremos a seguir um exemplo de uso de cadeias de caracteres para identificação de pedaços de uma cadeia de DNA. Faremos essa identificação por duas abordagens distintas, com resultados diferentes em complexidade e eficiência.

Antes porém, revisemos as principais funções para tratamento de cadeias de caracteres:

```
strcpy(str1, str2); // copia o conteúdo de str2 sobre o conteúdo original
                   // de str1

strcat(str1, str2); // copia o conteúdo de str2 no final de str1

strcmp(str1, str2); // compara os conteúdos de str1 e str2,
                   // retornando 0 se forem iguais

strstr(str1, str2); // retorna o endereço da primeira ocorrência de
                   // str2 dentro de str1 (ou nulo se não ocorrer)
```

EXEMPLO

Nesse exemplo apresentamos um programa que lê uma sequência de bases de uma cadeia de DNA (adeninas, guaninas, tiaminas e citosinas, ou A,G,T,C por simplicidade) e procura pela ocorrência de uma determinada subsequência, com ambas as cadeias lidas a partir de teclado. Uma primeira versão é a seguinte:

```
// Versão 1 - sem uso de funções especiais de comparação
#include "stdio.h"

main ( )
{char dna[1000], cadeia[20];
  int i, j, encontrada=0, tamanhoDNA, tamanhoCadeia;

  puts ("Digite a sequência de DNA original");      scanf ("%s", dna);
  puts ("Digite a cadeia a ser buscada");           scanf ("%s", cadeia);

  // Calcula o tamanho de cada cadeia de caracteres (DNA's)
  tamanhoDNA = strlen (dna);
  tamanhoCadeia = strlen (cadeia);
  // Busca ocorrências de 'cadeia' em 'dna'.
  // O limite da busca é o tamanho da cadeia do DNA original
  // menos o tamanho da cadeia procurada.
  //   Porque??
  j = 0;
  for ( i=0; i < (tamanhoDNA - tamanhoCadeia) ; i++)
  { if (dna[i] == cadeia[j]) // encontrei a primeira base (j=0)
    { do
      j++; // vou verificar o resto das bases da cadeia
      while ( (dna[i+j] == cadeia[j]) && (j < tamanhoCadeia) );
      if (j == tamanhoCadeia)
      { printf (" Cadeia %s encontrada no DNA\n", cadeia);
        i = tamanhoDNA;
        encontrada = 1;
      }
      else // ainda não encontrei a cadeia
        j = 0;
    }
  }
  if (encontrada == 0)
    printf (" Não foi encontrada a cadeia %s\n", cadeia);
}
```

Uma versão mais prática faz uso das funções de manipulação de cadeias de caracteres. Nela usamos a função *strstr()*, que identifica a primeira ocorrência de uma cadeia dentro de outra

cadeia maior. Essa nova versão é apresentada a seguir:

```
// Versao 2 - com uso de funções especiais de comparação
#include "stdio.h"
main ( )
{ char dna[1000], cadeia[20];
  char *inicio; // Marca o endereço inicial de uma cadeia
  int i, j, encontrada=0, tamanhoDNA, tamanhoCadeia;

  puts (" Apresente a sequência de DNA original");
  scanf ("%s", dna);
  puts (" Apresente a cadeia a ser buscada");
  scanf ("%s", cadeia);

  inicio = strstr (dna, cadeia);
  if (inicio) // verdade se encontrou a cadeia
    printf (" Cadeia %s encontrada no DNA\n", cadeia);
  else
    printf (" Não foi encontrada a cadeia %s\n", cadeia);
}
```

Nesse exemplo acabamos de examinar duas formas distintas de manipular cadeias de caracteres. Ter a oportunidade de escolha na forma de tratamento de um problema é sempre interessante. Felizmente é possível verificar que quase sempre existem soluções distintas para o mesmo problema³. Isso ocorre primeiro porque o mesmo problema pode ter sua solução modelada de maneiras distintas, e segundo porque um mesmo modelo pode ter algoritmos diferentes para tratá-lo. Como então escolher a forma em que faremos a implementação do programa?

Essa escolha depende, em parte, de preferências pessoais. Para programação profissional, entretanto, devemos fazer essa escolha baseando-se nos dois parâmetros a seguir:

1. Clareza e legibilidade

Aqui o aspecto a ser considerado é se a solução adotada permite a criação de um programa legível e fácil de se entender. Deve-se destacar que esses são os objetivos primordiais de programação estruturada e devem ser buscados sempre, mesmo que algumas concessões de desempenho tenham que ser feitas.

2. Eficiência

Nem sempre programas legíveis são os mais eficientes em termos de tempos de execução. Então, em situações em que a velocidade de execução seja uma restrição muito importante, acaba sendo necessário usar-se estruturas de comandos como as que aparecem na primeira versão desse exemplo. Tais estruturas são mais rápidas por fazerem diretamente o que a função *strstr* faria, sem a sobrecarga de processamento que aparece com o tratamento de uma chamada de função.

³Observe que isso é verdadeiro para qualquer problema e não apenas para aqueles que tratem de caracteres.

Para concluir o tratamento de cadeias de caracteres em C é bom lembrar que os tipos caracteres permitem o tratamento de símbolos pelo computador, o que não poderia ser feito diretamente considerando-se apenas tipos numéricos. Além disso sabemos agora que existem várias formas de se tratar cadeias de caracteres e que a escolha entre elas depende das necessidades do programa.

EXERCÍCIO

Escreva os algoritmos e respectivos programas para resolver os seguintes problemas, considerando sempre a leitura⁴ pelo teclado e que a indicação do final da entrada de dados, quando não especificada de modo direto, é feita por um par de zeros na forma "00":

1. Ler nomes de pessoas até encontrar um nome começando com a letra Z;
 2. Ler uma frase e contar quantas letras aparecem na mesma;
 3. Ler uma frase, que pode ter vários espaços em branco entre cada palavra, reescrevendo-a com apenas um espaço em branco entre cada palavra;
 4. Ler nomes de animais e trocar todas as ocorrências da letra C pela letra K (maiúsculas e minúsculas);
 5. Ler o nome de um objeto e depois procurar se o mesmo aparece numa lista de objetos;
 6. Ler uma palavra e verificar se a mesma é um palíndromo (palavras que podem ser lidas de qualquer direção, como "ovo", "arara").
-

5.4 Tipo endereço: os ponteiros

Um tipo básico muito especial em várias linguagens de programação é aquele destinado à manipulação direta de endereços de memória. Esses tipos são chamados de **ponteiros** ou **apontadores** (do inglês *pointers*) e são largamente utilizados, principalmente quando se trabalha com reserva dinâmica de espaços na memória para os chamados tipos dinâmicos de dados (que é um tópico mais avançado e não será abordado nesse momento).

Embora tenham uma concepção bastante simples, os tipos ponteiros geram muita confusão no momento de escrever algoritmos e programas. Isso porque eles são, na prática, uma forma de indexação ou redirecionamento, em que ao nos referirmos ao conteúdo de uma variável ponteiro queremos, na realidade, nos referir ao endereço de memória em que está armazenado o valor de nosso real interesse.

Na figura 5.6 apresenta-se o que de fato ocorre na memória, assumindo-se que existe uma variável do tipo ponteiro chamada *X*, que aponta para um endereço correspondente ao da

⁴Observe que para o comando `scanf("%s", ...)` o caracter "espaço" indica ao computador o final da cadeia.

variável A . Assim, ao examinarmos o conteúdo do ponteiro X não encontramos um valor inteiro, real ou caracter. Encontramos sim um endereço de uma posição da memória, que por sua vez conterá um inteiro, real ou caracter (no caso com valor Va).

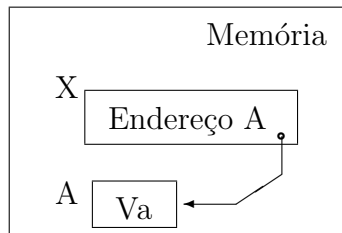


Figura 5.6: Uso de um ponteiro para acessar um endereço na memória

O leitor mais atento deve estar se perguntando agora qual a razão para se complicar aquilo que era simples, ou seja, porque fazermos acessos de forma indireta (ou indexada) se podíamos fazer esse acesso de forma direta? A resposta para essa pergunta aparece nos vários usos que se pode fazer da manipulação explícita de endereços na memória.

O primeiro desses usos é a possibilidade de acessarmos diretamente os endereços que armazenam as variáveis do programa, ignorando seus nomes simbólicos. Isso é a base para os procedimentos de passagem de parâmetros por referência que examinaremos no próximo capítulo⁵.

Um segundo uso é a alocação dinâmica de memória, em que apenas reservamos espaços na memória quando necessitamos deles. Isso é útil, por exemplo, quando temos que armazenar uma quantidade muito grande (e inicialmente desconhecida) de dados para a execução do programa. Vimos que poderíamos armazenar tais dados em estruturas como os vetores. Porém, como declararmos um vetor que pode ter entre 100 e 1.000.000 de elementos, dependendo da base de dados utilizada? A ideia aqui é lançar mão de estruturas dinâmicas, reservando apenas 100 posições se não precisamos mais do que isso ou qualquer outra quantidade se precisarmos de mais. Isso apenas pode ser obtido com a manipulação direta dos endereços ocupados.

Outros usos incluem o acesso a posições específicas de um vetor ou de uma cadeia de caracteres considerando-se apenas o endereço da primeira posição e o deslocamento entre essa posição e a posição desejada. Na realidade, tanto os *strings* quanto os vetores em C já possuem uma definição implícita de ponteiros para suas primeiras posições.

Assim, vemos que o uso de ponteiros é útil em algumas situações, típicas de problemas de grande porte, e que portanto não devem ser encarados como um problema e sim como uma solução. Deve-se tomar o cuidado, evidentemente, de não confundir o conteúdo da variável ponteiro com o conteúdo da variável para a qual ele aponta. Confusões desse tipo podem, em geral, levar a situações de erro na execução do programa, principalmente se os endereços armazenados na variável ponteiro não pertencerem ao espaço definido para o programa.

5.4.1 Ponteiros em C

O uso de ponteiros em C é relativamente simples. Basta definir, na declaração da variável ponteiro, qual é o tipo base do endereço a ser apontado. Isso significa dizer ao computador

⁵Esse uso é, na verdade, a razão para a inclusão dessa seção sobre ponteiros.

que a variável ponteiro estará armazenando um endereço de um inteiro, ou de um real e assim por diante. Implica também que uma variável ponteiro não poderá apontar para um endereço correspondente a um inteiro em um momento e a outro endereço correspondente a um real em outro momento.

A sintaxe de declaração de um ponteiro em C é dada por:

```
Tipo_Basico *nomePonteiro;
```

Em que o símbolo `*` representa o fato de o conteúdo da variável *nomePonteiro* ser um endereço de um valor do tipo *Tipo_Basico*.

A manipulação de ponteiros envolve duas situações distintas. Uma em que queremos acessar o conteúdo da posição de memória por ele endereçada, e outra em que queremos atribuir um dado endereço para o ponteiro. Essas situações aparecem nos trechos de programa a seguir, iniciando-se com a atribuição de um endereço ao ponteiro.

```
...
int umInteiro, outroInt, *apontaInt, *outroPont;
    // umInteiro e outroInt armazenam valores inteiros
    // enquanto apontaInt e outroPont armazenam endereços de
    // posições na memória que armazenam inteiros
umInteiro = 10;
apontaInt = &umInteiro;
...
```

O símbolo `&` no último comando indica ao compilador que se quer atribuir, na realidade, o endereço ocupado na memória pela variável *umInteiro* e não o seu conteúdo (10 no exemplo). Após essa atribuição a variável *apontaInt* armazena o endereço da variável *umInteiro*. Dessa forma a atribuição

```
outroPont = apontaInt;
```

faz com que a variável *outroPont* também armazene o endereço de *umInteiro*.

Por outro lado, a atribuição

```
outroInt = outroPont;
```

provavelmente implicaria em erro de execução (caso não fosse acusado erro de compilação), pela atribuição entre tipos incompatíveis (um endereço atribuído a um inteiro).

Então como poderíamos fazer a variável *outroInt* assumir o conteúdo da variável *umInteiro*? A atribuição a seguir mostra como fazer isso.

```
outroInt = *outroPont;
```

Nesse caso estamos dizendo ao programa para atribuir o conteúdo da posição endereçada através de *outroPont*, que aqui é o conteúdo da variável *umInteiro*, para a variável *outroInt*.

Ponteiros para operações em estruturas homogêneas

Como apresentado no início desta seção, na linguagem C os ponteiros estão implicitamente associados às posições iniciais de cadeias de caracteres e de vetores. A manipulação dessas estruturas a partir de ponteiros é também bastante simples, como mostram os comandos apresentados a seguir. Neles consideramos inicialmente que tenham sido declaradas as variáveis *i*, inteira, e *umVetor*, como sendo um vetor de 100 inteiros.

```
for (i=0; i<100; i++)
    *(vetor + i) = 0;    // atribui 0 para todas as posições do vetor

i = *(vetor+9); // atribui o conteúdo da décima posição
                // do vetor para a variável i
```

Assumindo agora que tenha sido declarada uma cadeia de caracteres *nome*, de forma convencional (`char nome[30];`) e outra cadeia de caracteres chamada *outroNome*, declarada através de ponteiros (`char *outroNome;`), temos os comandos exemplificados a seguir.

```
strcpy(nome, "UmNomeArretado");
outroNome = nome; // atribui o endereço da primeira posição
                  // de 'nome' para o ponteiro outroNome
printf(" O nome e... %s\n", outroNome); // imprime UmNomeArretado
if (*(outroNome+2) == 'N') puts("Terceira letra = N");
```

Vale observar aqui que no caso de *strings* não é necessário indicar que queremos imprimir o conteúdo do endereço armazenado no ponteiro de caracteres. Essa é uma peculiaridade de cadeias de caracteres, em que o endereço da primeira posição é assumido como sendo o início da cadeia e a sua última posição é marcada pelo caracter `'\0'`, como visto anteriormente.

EXERCÍCIOS

Escreva os algoritmos e respectivos programas para resolver os seguintes problemas:

1. Cálculo do determinante de matrizes 3x3.
2. Implementação do jogo da velha.
3. Cálculo da média global dos alunos de uma sala, conhecendo-se as notas dos mesmos em cada uma das disciplinas do curso (por exemplo matemática, português, história, geografia, física, biologia e química). Assuma um máximo de 50 alunos na turma.
4. Para os alunos da sala anterior calcule a média da sala em cada disciplina e conte quantos alunos estão acima da média em pelo menos quatro disciplinas.
5. Cálculo do centro de massa de um conjunto de pontos (x,y) num plano, dado o número de pontos e suas coordenadas.
6. Identificação do ponto mais próximo do centro de massa calculado no exercício anterior.

Capítulo 6

Subprogramas

Até esse momento temos considerado nossos programas como formados de um só corpo, no qual o fluxo de execução segue linearmente, do início ao fim do programa, com alguns poucos desvios causados pelas estruturas de decisão e de repetição. Ocorre muitas vezes que essa estrutura extremamente monolítica se torna exageradamente grande. Por exemplo, um programa para fazer a inversão de matrizes não pode ser escrito em poucas linhas (na realidade, dependendo do método usado, precisaremos de mais do que cem linhas para tanto). Tente então imaginar como seria escrever um programa, da forma como estamos fazendo, em duas ou três mil linhas. É quase impossível ler esse programa, depois de pronto, para tentar descobrir o que é que ele faz e como é que ele atinge seus objetivos.

Para resolver esse problema usa-se a técnica de particionar o programa em partes menores (lembra-se da técnica de modelar o problema em sub-problemas menores e de resolução mais simples?), as quais seriam executadas quando fossem necessárias. Isso é obtido através do uso de chamadas de subprogramas¹ pelo programa principal.

A ideia utilizada no conceito de subprogramas é equivalente ao processo de delegar tarefas a ajudantes. Um exemplo disso envolveria fazer um bolo e deixar alguém encarregado de bater a massa. Assim, ficaríamos encarregados de colocar numa tigela todos os ingredientes da massa. Ao completar essa operação bastaria chamar a pessoa encarregada de bater a massa, passar a ela a tigela com os ingredientes e esperar pela entrega da massa, já batida.

No computador é exatamente isso que ocorre no particionamento do problema através de subprogramas. O programa tem alguém, o tal do subprograma, especializado na execução de uma determinada tarefa, que é chamado no momento em que a execução da tarefa é necessária. O programa fornece ao subprograma todas as informações exigidas para a sua execução, deixando-o então trabalhar até que a tarefa seja concluída. Nesse momento o subprograma devolve, junto com os resultados de sua operação, o controle da execução ao programa, que iria então concluir sua atividade.

Na realidade, a ideia por trás de subprogramas não é simplesmente separar o programa em pequenas partes isoladas e sequenciais. O objetivo é, isso sim, identificar partes do programa que tenham que ser executadas muitas vezes durante a vida do mesmo, isto é, pontos distintos do programa mas que executem a mesma tarefa. Um exemplo interessante disso é um programa que faça o controle de uma biblioteca. Nele, toda vez que quisermos reservar um livro, marcar livros como emprestados ou desmarca-los após a devolução, teremos que ler o nome do livro e achar onde é que está a sua ficha dentro do computador. Pois bem,

¹Subprogramas são chamados de funções, procedimentos, sub-rotinas, tarefas, métodos, etc., conforme a linguagem usada.

se separarmos as rotinas de leitura de nomes de livros e a de busca por fichas do restante do programa, poderemos facilmente fazer com que essas rotinas sejam ativadas toda vez que forem necessárias, mesmo que sejam chamadas de pontos diferentes do programa, como marcação de empréstimos ou verificação de reserva. Isso ocorre ainda com a vantagem de aparecerem fisicamente apenas uma vez em todo o programa.

Uma forma bastante simples, porém inexata, de imaginar como o computador usa subprogramas é imaginar que em cada ponto que um subprograma é chamado, o computador coloca no lugar dessa chamada todo o código correspondente ao mesmo, como apresentado na figura 6.1. Esse raciocínio facilita a visualização do processo de utilização de subprogramas, porém não descreve o que de fato ocorre no computador.

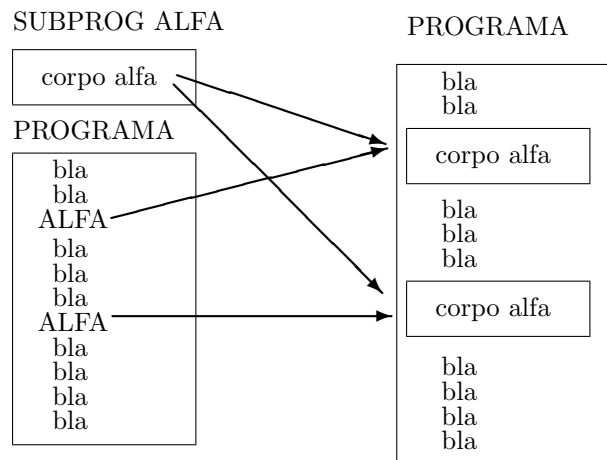


Figura 6.1: Visão conceitual da execução de subprogramas

O processo real, visto na figura 6.2, consiste em fazer com que o fluxo de computação passe do ponto em que ocorreu a chamada para o ponto em que está localizado fisicamente o subprograma, executando-o e retornando depois ao ponto em que se deu a chamada. O controle do fluxo de execução aqui descrito é feito através da Unidade de Controle do processador, mais precisamente pelo valor do registrador denominado Contador de Programa (PC).

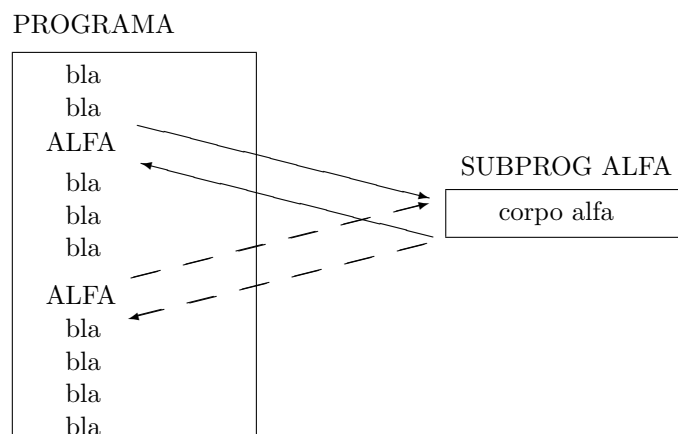


Figura 6.2: Visão de fluxos da execução de subprogramas

Como podemos ver, o funcionamento real do programa durante uma chamada de subprograma proporciona uma grande economia em termos de espaço que o programa vai ocupar na memória. O problema é que essa economia vem com prejuízos ligados à velocidade de execução do mesmo, pois cada vez que o programa é desviado de seu curso original temos que salvar conteúdos de registradores internos da CPU e restaurar valores que sejam úteis para o novo trecho do programa em execução. Isso nos leva a usar o recurso de chamadas de procedimentos e funções de forma criteriosa, ou seja, apenas podemos lançar mão deles quando o seu uso implicar em melhorias no estilo de programação.

A decisão sobre quando usa-los deve ser feita pelo programador no momento da especificação do algoritmo. Infelizmente, os critérios para fazer essa tomada de decisão não são precisos, ficando na maioria das vezes restrito ao modo como o programador trabalha e sua experiência pessoal sobre tais circunstâncias.

Existem vários detalhes que devem ser observados na implementação real de subprogramas, mas os deixaremos para depois por serem dependentes da linguagem em uso. Aqui nos preocuparemos apenas com aspectos gerais do uso de subprogramas, de forma a estabelecer uma metodologia para sua aplicação. Para isso definiremos uma sintaxe algorítmica para subprogramas, que segue o seguinte padrão:

```
SUBPROG  nome_subprograma ( lista_de_parametros )
DECLARA  variaveis_usadas_no_subprograma
         COMANDOS DO SUBPROGRAMA
         (terminando, se necessario, com comando "RETORNE valor")
FIM SUBPROG
```

Este subprograma seria ativado, dentro do programa, por um comando do tipo:

```
nome_subprograma ( lista_de_valores_ou_variaveis );
ou
variavel = nome_subprograma ( lista_de_valores_ou_variaveis );
```

Sobre as lista de valores/variáveis e de parâmetros deve-se observar que:

1. São dados que o programa deve passar ao subprograma como informações necessárias ao seu funcionamento;
2. A ordem em que cada dado aparece deve ser a mesma tanto no subprograma quanto no ponto de sua ativação;
3. Deve haver correspondência entre a quantidade e os tipos das variáveis da chamada para com os parâmetros do subprograma;
4. Os nomes simbólicos das variáveis na lista de parâmetros podem ser completamente distintos daqueles na lista de variáveis;
5. Podem não existir se o subprograma não necessitar de parâmetros.

Examinaremos agora com mais cuidado a existência desses parâmetros e a validade dos mesmos ao longo do programa.

6.1 Parâmetros e escopo de variáveis

Da discussão anterior tornou-se clara a existência de parâmetros, que nada mais são do que argumentos caracterizando o conjunto de informações necessárias para a execução correta do subprograma. Em alguns casos eles também caracterizam resultados produzidos com a execução do subprograma, principalmente nos subprogramas que não retornam respostas de forma explícita a quem os ativou. Esse aspecto, entretanto, será tratado mais adiante, no momento adequado para isso.

Escopo

A necessidade do uso de parâmetros surge apenas porque nem toda posição de memória é acessível (ou está visível) em todo ponto da execução do programa (ou subprogramas). A definição de acessibilidade (ou visibilidade) das posições de memória usadas por um programa (e portanto suas variáveis) é feita através da definição de **escopo** de variáveis. Todas as linguagens apresentam a possibilidade de se trabalhar com escopos diferentes segundo o nível de modularização (blocos e subprogramas) está sendo usado.

O problema é que ao se criarem escopos diferentes estamos também criando a necessidade de se estabelecer pontos de visibilidade dos vários endereços de memória. Mais do que isso, ao ocultar um determinado endereço (contendo um valor usado no programa) em parte da execução do programa, como um subprograma por ele ativado, estamos impedindo que aquela informação seja usada diretamente. Isso implica, finalmente, na necessidade de passagem de parâmetros entre programa e subprograma.

Surge então a questão de porque não termos apenas um escopo para as variáveis, evitando assim a passagem de parâmetros. Existem duas justificativas importantes para isso.

A primeira delas é que ao definirmos nomes simbólicos com validade em apenas um trecho do programa podemos reutilizar o nome, para outras finalidades, em outros trechos do programa. Isso significa que não precisamos criar nomes diferentes para todas as posições de memória que serão utilizadas durante a execução do programa. Essa é, como veremos com o tempo, uma vantagem enorme em relação ao uso de apenas variáveis com escopo global (válido em todo o programa).

Uma segunda justificativa está relacionada à economia de posições de memória obtida com a definição de variáveis apenas quando forem necessárias. A economia surge porque teríamos variáveis seriam visíveis apenas em pequenos trechos do programa, portanto locais a esses trechos. Tais variáveis existiriam (ocupariam espaço) na memória por pequenos intervalos de tempo. Esses espaços poderiam então ser ocupados por outras variáveis, locais a outros trechos do programa, em outros instantes. Já para o caso de variáveis de escopo global temos que o espaço reservado a elas não pode ser liberado em momento algum da execução do programa, resultando em algum desperdício de espaço se a definição de variáveis com esse perfil não for feita com cuidado.

Vemos portanto que é vantajosa a existência de escopos distintos para a manipulação de variáveis. O problema é que caso um subprograma esteja executando em um escopo, ele não terá acesso a variáveis de outros escopos. Para que ele possa usar dados contidos em outros escopos o programa deverá recebê-los na forma de parâmetros, que são transportados entre quem ativa um subprograma e o próprio subprograma.

O transporte das informações entre escopos distintos pode ser feita de várias formas. Elas estão associadas com as maneiras de reservar e acessar posições na memória ou, de outro

modo, associadas com a duração de sua existência. Assim, temos basicamente três tipos de existência de dados, que são na forma de parâmetros, de variáveis locais e de variáveis globais.

O entendimento das relações entre parâmetros, escopo e posições de memória ocupadas pelo programa é fundamental para que se entenda o funcionamento de subprogramas e como eles podem ser usados de forma coerente. Assim, algumas definições são necessárias:

- Variável global:

Trata-se de uma variável cujo endereço na memória é acessível por qualquer parte do programa, usando-se o nome simbólico que foi declarado como sendo global. Isso implica em que os endereços por elas ocupados existem durante toda a execução do programa. A sua declaração deve ocorrer no início da execução, para permitir o seu acesso a qualquer instante. Dependendo da linguagem podem existir conflitos quando se declara alguma variável local com o mesmo nome da variável global, fazendo com que a declaração local oculte a global naquele escopo.

- Variável local:

Trata-se de uma variável cujo endereço de memória é acessível apenas no trecho para o qual foi declarada, sendo que seu nome simbólico pode ser usado apenas durante esse trecho. Normalmente são declaradas, e portanto existem, dentro de subprogramas. O espaço por elas ocupado na memória é liberado (para outros usos) no momento em que o fluxo de execução deixa o trecho em que elas são visíveis (seu escopo).

- Parâmetros:

São valores passados entre um programa (ou subprograma) e o subprograma por ele ativado. Isso implica na necessidade entre o mapeamento entre os nomes simbólicos de quem ativou o subprograma e nomes simbólicos declarados no subprograma. Esse mapeamento pode ser feito através de cópias de conteúdos entre endereços diferentes na memória ou do próprio endereço representado pelo parâmetro, com resultados evidentemente diferentes em cada caso. Veremos adiante como diferentes formas de passagem de parâmetros causam resultados totalmente diferentes em um programa.

Resumindo, temos um conjunto de variáveis que são declaradas no início da execução do programa e podem ser vistas (ter seu valor lido ou alterado) a partir de qualquer ponto do programa. Temos outro conjunto que pode ser declarado a qualquer momento e existe apenas dentro do corpo estrutural (um trecho de programa ou subprograma) em que foi criado. Quando precisamos usar essas variáveis dentro de subprogramas em que elas não sejam visíveis temos que passá-las através de parâmetros, o que pode ser feito pela cópia da informação ou do próprio endereço da informação, como veremos a seguir.

6.1.1 Passagem de parâmetros

Quando definimos os parâmetros passados para um subprograma pode ocorrer duas situações distintas. Numa primeira situação queremos que o subprograma faça uso do parâmetro sem modificá-lo durante sua execução. Na outra queremos que algum parâmetro seja alterado e que essa alteração seja percebida pelo programa que ativou o subprograma. A figura 6.3 ilustra ambas as situações para um algoritmo de cálculo de médias. A partir dela temos então as seguintes diferenças entre as duas formas de passagem de parâmetros:

<pre> SUBPROG media (x, y : reais) DECLARA media : real; FACA media = (x+y)/2; RETORNE valor de media FIM SUBPROG PROG DECLARA a, b, c : reais LEIA a, b c = media(COPIA a, COPIA b) ESCREVA c FIM PROG </pre>	<pre> SUBPROG media (m, x, y : reais) FACA m = (x+y)/2; FIM SUBPROG PROG DECLARA a, b, c : reais LEIA a, b media (c, COPIA a, COPIA b) ESCREVA c FIM PROG </pre>
(a)	(b)

Figura 6.3: Parâmetros em subprogramas: (a) Com passagem de cópias. (b) Com passagem de endereço

- Quando passamos cópias temos que retornar o resultado de forma explícita ao programa, o que não ocorre se passamos o endereço de quem receberia a resposta;
- Temos que deixar explícito quais parâmetros são cópias e quais são endereços;
- Variáveis correspondentes aos valores de resposta precisam ser declaradas explicitamente se os parâmetros forem apenas cópias, enquanto correspondem ao próprio parâmetro se for seu endereço.

Tentemos agora enxergar essas diferenças com um exemplo. Imagine um subprograma que troque os valores de duas variáveis. Na figura 6.4 temos uma versão em que as variáveis são passadas como cópias das variáveis originais. Assim, ao executar o programa imprimiremos (erradamente) os valores 0 e 1, nessa ordem. Isso ocorre pois as variáveis alteradas pelo subprograma eram apenas cópias das variáveis originais, que não foram alteradas portanto.

```

SUBPROG troca (x, y : reais)
  DECLARA temp : real;
  temp = x;
  x = y;
  y = temp; // troca o conteúdo das variáveis locais
FIM SUBPROG

PROG
  DECLARA x, y : reais
  FACA x=0, y=1
  troca (COPIA x, COPIA y)
  IMPRIME x, y
FIM PROG

```

Figura 6.4: Subprograma para troca de variáveis. Versão incorreta.

Para fazer de fato a troca, e preservá-la dentro do programa que ativou o subprograma, é possível usarmos duas técnicas diferentes. A primeira, altamente desaconselhável, seria usarmos apenas variáveis globais, mas isso limitaria o subprograma a trabalhar sempre sobre o mesmo conjunto de variáveis, independente do trecho do programa que o ativasse. A segunda técnica usa parâmetros que sejam o próprio endereço da variável original, como aparece na figura 6.5. Nesse caso a impressão resultará em 1 e 0, nessa ordem, que é o que se esperava desde o início.

```
SUBPROG troca (a, b : reais)
DECLARA temp : real;
    temp = a;
    a = b;
    b = temp;
FIM SUBPROG

PROG
    DECLARA x, y : reais
    FACA x=0, y=1
    troca ( x, y) => poderia ser também "troca (END x, END y)"
    IMPRIME x, y
FIM PROG
```

Figura 6.5: Subprograma para troca de variáveis. Versão correta.

A figura 6.6 mostra o que ocorre na memória nas duas situações. É importante perceber nela que no caso de parâmetros passados por cópia são alocadas novas posições na memória, que recebem cópias dos valores das variáveis iniciais, indicado no quadro referente ao passo *p2*. São essas as posições de memória manipuladas durante a execução do subprograma. Isso ocorre ao longo dos passos *p3* (atribui o valor da variável *x* para *temp*), *p4* (passa o valor de *y* para a variável *x*) e *p5* (faz *y* receber o antigo valor de *x*, que estava armazenado em *temp*). Ao término dessa execução os espaços alocados para as variáveis locais são sumariamente devolvidos ao sistema e seus valores deixam de existir (passo *p6*).

Já para os parâmetros passados por endereços não ocorre a alocação de novos espaços na memória (passos *p1* e *p2*). Na realidade os nomes simbólicos da lista de parâmetros são associados aos endereços das variáveis originais (passo *p2*). Portanto, as alterações feitas pelo subprograma sobre tais variáveis ocorrem, de fato, nas variáveis originais (passos *p3*, *p4* e *p5*, que realizam a operação de troca de conteúdos), embora no subprograma estejam sendo usados nomes simbólicos diferentes daqueles das variáveis originais. Ao final da execução (passo *p6*) as variáveis originais acabam mantendo os valores que assumiram durante a execução do subprograma.

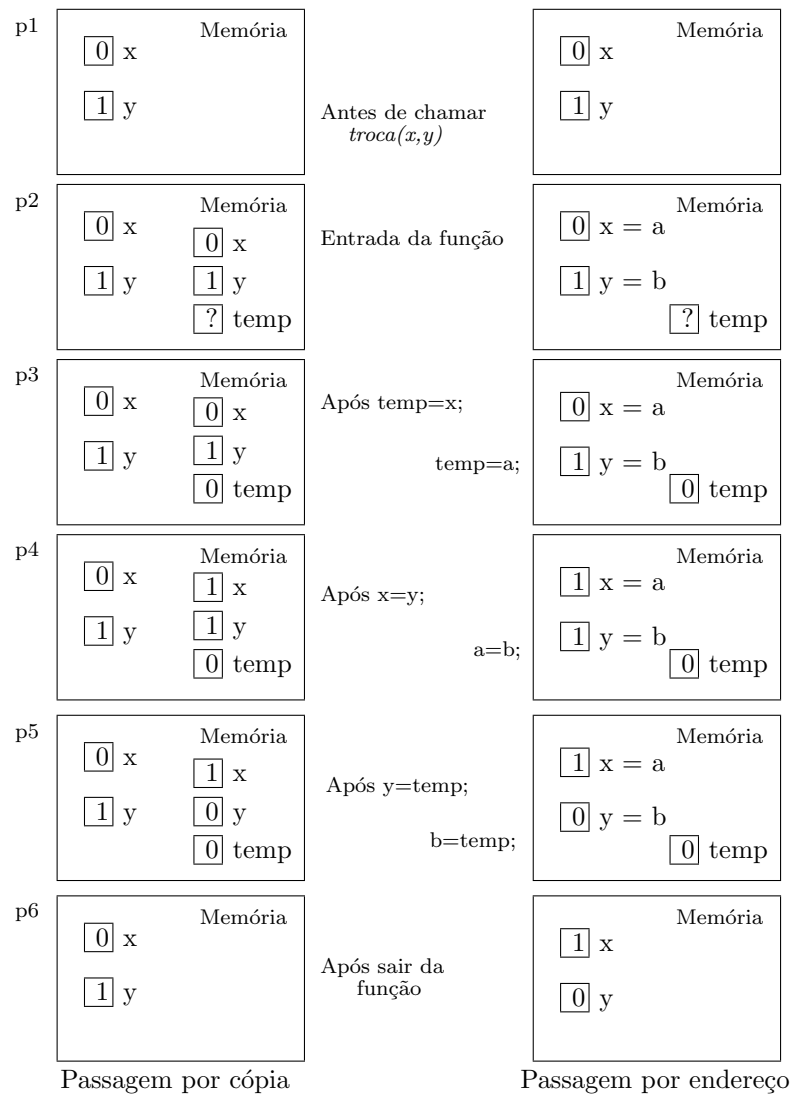


Figura 6.6: Estado da memória nas diferentes formas de passagem de parâmetros

6.1.2 Cuidados com uso de parâmetros

Existem alguns cuidados que devem ser tomados no momento de se fazer a passagem de parâmetros para um subprograma. Esses cuidados estão ligados com a consistência que se deve dar aos conteúdos das variáveis globais e locais. Assim, poderíamos listar as seguintes condições para o uso de variáveis dentro de um subprograma:

1. Deve-se evitar a atribuição, dentro de um subprograma, de valores para variáveis que não sejam locais ao mesmo;
2. Devemos usar, preferencialmente, passagem de parâmetros por cópia de seu valor quando não for necessária a alteração de seu conteúdo;
3. Caso seja necessário alterar-se o conteúdo de uma variável não local, é preferível que se faça através de uma atribuição para um parâmetro passado por endereço que mapeie

essa variável, o que resulta, na prática, em fazer a atribuição para a variável não local desejada;

4. Apenas fazemos passagem de parâmetros através do endereço da variável para aquelas variáveis que tiverem que ter seus conteúdos alterados dentro do subprograma;
5. O uso criterioso de variáveis globais e locais propicia economia de espaço de memória e facilita a denominação de variáveis ao longo do programa;
6. Deve-se lembrar que o uso de nomes de variáveis com declaração global e local implica em ser válido dentro de um subprograma o nome declarado mais recentemente, isto é, se dentro de um subprograma *SubProgA* tivermos uma variável local *var1*, que também foi declarada como sendo global, então toda referência à variável *var1* dentro de *SubProgA* é relacionada com a variável local, declarada dentro dele.
7. Por fim, apesar dos perigos envolvidos com o uso de subprogramas, isto é, alterações (ou falta de alterações) não previstas de variáveis, o resultado do uso desse recurso de programação é extremamente positivo, levando a redução no tamanho dos programas, na melhoria de sua legibilidade e na facilidade para a sua escrita e correção.

6.1.3 Outras formas de passagem de parâmetros

A passagem de parâmetros por cópia e por referência são as mais comuns e usadas. Isso, entretanto, não implica em serem as únicas formas de passagem de parâmetros. Algumas linguagens habilitam a passagem de parâmetros através de outros mecanismos, obtendo resultados e capacidades diferentes daquelas vistas até agora.

O Fortran habilita a passagem **por resultado**, em que um ou mais argumentos são passados para o subprograma sem possuírem valores. Esses argumentos receberão, no término da execução do subprograma, novos valores. Isso é diferente tanto da passagem por referência (não se passa o endereço do argumento) e de valor de retorno do subprograma (não se atribui esse resultado através do operador de atribuição).

Já a linguagem Ada proporciona passagem por **valor**, por **resultado** e por **valor-resultado**, indicando explicitamente quando um parâmetro é passado por valor (*IN*), quando é de resultado (*OUT*) e quando é de valor-resultado (*INOUT*). Essas formas, entretanto, são ainda muito parecidas com as passagem por valor e por referência. A diferença aqui é que na passagem **por resultado** o conteúdo da variável que receberá o resultado é alterado apenas no final da execução do subprograma e não em qualquer atribuição, como ocorre na passagem por referência.

Uma última forma de passagem de parâmetros é a **passagem por nome**. Aqui, os argumentos passados para o subprograma substituem, nominalmente, os parâmetros lá utilizados. Isso funciona aproximadamente como a ideia de **macros** presente em várias linguagens (como o C), embora sua existência como forma de passagem de parâmetros esteja restrita à família de linguagens originada com o Algol. Na passagem por nome ao passarmos um argumento estamos passando uma referência nominal e não um valor ou o endereço do argumento. Isso significa que se algum argumento for alterado no subprograma, sua referência também será alterada. O exemplo apresentado na figura 6.7, escrito em uma notação próxima do C, ilustra o funcionamento da passagem por nome.

```

Function PassBYName (int x, j)
{ // Aqui 'm' assume a posição de 'x' e 'c[m]' a posição de 'j'
  x = x+1;          // Aqui faz m=m+1, resultando em m=2
  j = j+2;          // Faz c[m]=c[m]+2. Como m=2, então faz c[2]=4
}                  // e nao c[1]=3, como na passagem por referência

Function Main()
{ int m, c[20];

  c[1]=1; c[2]=2; c[3]=3; ...
  m = 1;
  PassBYName (m, c[m]);
  printf ("%d, %d, %d, %d, ...", m, c[1], c[2], c[3],...);
  // Imprime 2, 1, 4, 3, ...
}

```

Figura 6.7: Passagem de parâmetros por nome.

6.2 Parâmetros e escopo de variáveis em C

Os problemas tratados até o início da página anterior são genéricos, não referindo-se a alguma linguagem em particular. Ao passar dos conceitos algorítmicos para os de implementação em uma linguagem computacional qualquer, temos que estabelecer algumas restrições que viabilizem o trabalho do compilador. Para a linguagem C temos que as passagens de parâmetros e regras de escopo são relativamente simples. Porém, antes de examina-las é preciso apresentar a sintaxe geral de uma função em C, o que é visto na figura 6.8.

```

TipoFunção NomeFunção ( Lista_de_parâmetros )
{ variáveis internas da função

    Corpo da função

}

```

Figura 6.8: Sintaxe geral de uma função em C

Dessa sintaxe devem ser destacados os seguintes aspectos:

- Todo subprograma em C é uma função, incluindo-se a função *main*, com a qual se inicia a execução do programa;
- 'TipoFunção' se refere ao tipo do valor retornado após a execução da função, podendo ser *int*, *float*, *char*, *double* ou qualquer outro tipo declarado para o programa, incluindo-se o tipo *void* quando não se retorna valor de forma explícita;
- 'NomeFunção' é o nome simbólico pelo qual outros trechos do programa poderão ativar (e fazer uso) da função;
- 'Lista_de_parâmetros' define para a função quais parâmetros ela estará recebendo de quem a ativou, bem como os tipos desses parâmetros, podendo ser vazia caso não se

necessite de parâmetros, como é o caso da função *rand()*, que gera números aleatórios;

- '**variáveis internas da função**' são variáveis declaradas internamente à função, sendo portanto de escopo local a ela;
- '**Corpo da função**' corresponde ao código efetivo da função, contendo todas as ações necessárias para que se realize a sua tarefa. Se houver retorno explícito de um valor para quem ativou a função, então é preciso que exista no corpo da função pelo menos um comando *return (valor)* para fazer esse retorno.

Para a chamada de funções a sintaxe também é simples, consistindo na ocorrência do nome da função, com seus parâmetros, no lado direito de uma atribuição ou como sendo o comando completo, caso não se retorne valor explicitamente. A seguir temos alguns exemplos de chamadas de funções.

```
y = rand();      // chama a função rand e atribui a resposta para y
puts(" Uso da funcao puts"); // chama a função puts sem uso de resposta
alfa = func_beta(tg(x), y, 2) + sin(x) / cos(y); // chama as funções
           // tg, sin, cos e func_beta (que usa tg(x) como argumento)
```

O que se deve observar aqui é que os parâmetros devem sempre vir entre parênteses, podendo ser variáveis, constantes ou mesmo valores retornados por outras funções. Caso não se necessite de parâmetros é preciso fazer a chamada colocando-se o nome da função seguido de um abre-fecha parênteses sem nada dentro. Um exemplo mais bem cuidado de funções será apresentado após o entendimento dos processos de passagem de parâmetros e de escopo.

Escopo em C

As regras de escopo em C são bastante simples. Na realidade C admite três níveis de escopo básicos, que são o global, o de função e o de bloco estrutural². Os aninhamentos de escopo ocorrem estruturadamente, na ordem *global* → *função* → *bloco*, sendo que as regras para definir o escopo de uma variável são as seguintes:

1. Variáveis globais são aquelas declaradas fora do corpo das funções. São visíveis em qualquer parte do programa, sendo possivelmente redefinidas por declarações locais às funções ou blocos estruturais.
2. Variáveis locais às funções são aquelas declaradas no início da função e, quando for o caso, através dos parâmetros passados para a função. Sua visibilidade se restringe ao corpo da função, podendo ser redefinidas por eventuais declarações internas aos blocos estruturais.
3. Variáveis locais aos blocos estruturais são aquelas declaradas no início de um bloco estrutural, tendo sua visibilidade restrita ao próprio bloco.
4. Um nome simbólico definido como global e local assume sempre a declaração mais interna, ou seja, a declaração mais local, retornando para o contexto da declaração mais externa ao término da função ou bloco estrutural.

²Um bloco estrutural em C é qualquer conjunto de comandos cercado por um abre-fecha chaves { ... }

Parâmetros em C

A passagem de parâmetros em C é sempre feita por cópia da variável, quando é denominada como **passagem por valor**. A passagem por referência pode ser simulada através da passagem (por valor) do endereço da variável. Deve-se observar que a passagem do endereço, no contexto do C, é diferente do que ocorre em linguagens com passagem por referência. Em outras linguagens a manipulação da variável passada por referência é idêntica à manipulação de qualquer outra variável (local, global ou passada por valor). Em C uma variável passada como endereço é manipulada explicitamente através de ponteiros (eis aqui a razão para termos introduzido o tipo ponteiro na seção 5.4).

Apesar dessa distinção, trataremos esses dois tipos de argumentos (valores e endereços) como sendo formas distintas de passagem de parâmetros. Dessa forma, podemos nos conceder o direito de uma liberdade poética e chamaremos de passagem por referência ao método de usarmos endereços como sendo argumentos (perdão aos pesquisadores em teoria de linguagens de programação). A sintaxe envolvida na passagem e uso de parâmetros é vista a seguir.

Passagem por valor — na chamada da função os parâmetros devem ser valores representados por constantes, variáveis, ou ainda expressões (envolvendo ou não outras funções), como em:

```
x = func_name (var1, var2, ...);
```

Na definição da função os parâmetros devem ser declarados de forma simples, como sendo variáveis do mesmo tipo das variáveis originais, como em:

```
func_type func_name (type1 copy1, type2 copy2, ...)
```

Passagem por referência — na passagem por referência, como tratamos de endereços das variáveis, é preciso fazer uso dos ponteiros examinados no capítulo anterior. Assim, na chamada da função devem ser passados os endereços das variáveis que passaremos por referência, enquanto que na definição da função os parâmetros devem ser declarados como sendo variáveis que apontam para esses endereços. A sintaxe da chamada, para uma função com apenas um parâmetro, é vista a seguir:

```
x = func_name (&var1);
```

Da mesma forma, a definição dessa função é dada por:

```
func_type func_name (type1 *metavar1)
```

6.2.1 Definição de protótipos

Como C é uma linguagem bastante aberta e baseada na composição de várias (até mesmo milhares) funções, e cada função consegue visualizar (acessar, na realidade) apenas as funções previamente analisadas pelo compilador, é preciso criar mecanismos para aumentar essa visibilidade. Esse mecanismo pode ser obtido através da definição de **protótipos** das funções. Um protótipo de uma função nada mais é do que a declaração do nome e tipo da função,

acompanhado de quantos, e de que tipos, são os parâmetros por ela utilizados. Isso é o que fazemos com a inclusão das linhas `#include <biblioteca.h>`, por exemplo.

A definição dos protótipos ocorre usualmente no início do código do programa, normalmente logo após a definição das variáveis globais. Um protótipo, como especificado no último parágrafo, apresenta apenas a definição do tipo, nome e parâmetros da função, omitindo o seu corpo, que pode então aparecer em qualquer momento do código, na forma definida na figura 6.8. A declaração do protótipo é feita da seguinte forma:

```
TipoFuncao nomeFuncao (TipoParam1, TipoParam2, ..., TipoParamN);
```

O uso de protótipos não é obrigatório, mas facilita muito o processo de compilação e de arranjo da ordem das funções no código. Essa facilitação ocorre porque ao declararmos os protótipos podemos fazer chamadas dessas funções em qualquer ponto do programa, mesmo que seus códigos ainda não tenham sido compilados (o que implicaria que o compilador desconheceria o nome da função e a quantidade e tipo de seus parâmetros).

Observe-se que para gerar o código executável do programa teremos que compilar essas funções em algum momento, mas com os protótipos não precisamos nos preocupar em que momento teremos que fazer isso.

6.3 Tipos de subprogramas

Nossa discussão até aqui indicou que temos subprogramas que retornam um valor explicitamente a quem os ativou e subprogramas que não fazem isso. Boa parte das linguagens de programação apresenta estruturas sintáticas distintas para esses dois tipos de subprogramas. Por exemplo Pascal apresenta *function* e *procedure*, enquanto Fortran apresenta *function* e *subroutine*, respectivamente para subprogramas com retorno e sem retorno explícito.

Por usar apenas funções C não tem essa diferença. Apesar disso é interessante diferenciar funções que retornam um valor explícito daquelas que não o fazem, mostrando as implicações disso no modelo e no algoritmo que resolvam algum problema. A Tabela 6.3 sumariza essas questões, principalmente o formato possível de chamada e a existência de variável de retorno.

Tabela 6.1: Diferenças entre subprogramas com e sem retorno de resultado

Aspecto	Com retorno explícito	Sem retorno
Forma de chamada	Aparece sempre do lado direito de uma atribuição	Aparece sempre como um comando isolado
Tipos de parâmetros	Tipicamente apenas com passagem por valor	Pelo menos um deve ser com passagem por referência
Quantidade de respostas	Apenas um valor é retornado como resultado	Retorna tantas respostas quantos forem os parâmetros passados como referência
Variável de retorno	Usa a variável à esquerda da atribuição para armazenar a resposta	Não usa variáveis de retorno
Variáveis globais	Sofrem modificação caso recebam alguma atribuição	Sofrem modificação caso recebam alguma atribuição

As características listadas na tabela 6.3 são gerais e independem da linguagem usada. Como dito anteriormente, em algumas linguagens esses dois tipos de subprogramas recebem nomes distintos e, portanto, têm sintaxes também distintas. Em outras linguagens essas diferenças não são tão evidentes, ficando mais no aspecto semântico do que sintático (é o caso do C).

Para entender melhor as diferenças entre essas formas de subprogramas, bem como aspectos de escopo e passagem de parâmetros, vamos trabalhar agora sobre um exemplo mais complexo, que é o de resolução de um sistema de equações (limitado a três variáveis e equações), através do cálculo de determinantes pela regra de Cramer.

Exemplo

O problema

Como enunciado, nosso problema aqui é escrever um programa que resolva sistemas lineares de duas ou três equações, usando a regra de Cramer.

O modelo

Para resolver esses sistemas usaremos a regra de Cramer transformando o sistema em determinantes, ou seja, dado:

$$Ax = b \quad \text{em que } A \text{ é uma matriz com os coeficientes do sistema e } b \text{ o vetor com as soluções das equações}$$

temos que o determinante de A (Δ) e os determinantes de A_{x_i} (Δ_{x_i}), devem ser calculados para determinar os valores de x_i ($x_i = \frac{\Delta_{x_i}}{\Delta}$), que são as respostas do sistema.

O valor dos determinantes implicam em restrições ao número de soluções do sistema. Assim, temos:

- O sistema tem solução única se $\Delta \neq 0$;
- O sistema não tem solução se $\Delta = 0$ e $\Delta_{x_i} \neq 0$;
- O sistema tem infinitas soluções se $\Delta = 0$ e $\Delta_{x_i} = 0$, para todo x_i ;

O cálculo de cada determinante pode ser feito através de uma regra simples, como a que multiplica as diagonais da matriz ampliada. Sua aplicação para a matriz dada por:

$$\begin{bmatrix} a_{1,1} & a_{1,2} & a_{1,3} \\ a_{2,1} & a_{2,2} & a_{2,3} \\ a_{3,1} & a_{3,2} & a_{3,3} \end{bmatrix}$$

Resulta em:

$$\Delta = (a_{1,1} * a_{2,2} * a_{3,3}) + (a_{1,2} * a_{2,3} * a_{3,1}) + (a_{1,3} * a_{2,1} * a_{3,2}) - (a_{1,1} * a_{2,3} * a_{3,2}) - (a_{1,2} * a_{2,1} * a_{3,3}) - (a_{1,3} * a_{2,2} * a_{3,1})$$

Além disso, para calcular Δ_{x_i} devemos substituir os coeficientes da coluna i na matriz A pelos valores correspondentes do vetor b .

Os algoritmos

Do modelo definido pode-se observar que serão necessários alguns subprogramas distintos, como leitura do sistema de equações, cálculo de Δ e cálculo dos Δ_{x_i} . Outros pontos, como o cálculo de x_i e impressão dos resultados, podem tanto ser colocados em subprogramas quanto no próprio programa principal. Nossa opção aqui será por deixar o programa principal o mais limpo possível, contendo preferencialmente apenas chamadas para os demais subprogramas (o que é uma técnica muito eficiente, devendo ser usada sempre que possível).

Assim, podemos definir um algoritmo em altíssimo nível dado por:

1. Leia o número de equações (2 ou 3);
2. Leia os coeficientes do sistema de equações;
3. Calcule o determinante (Δ);
4. Se $\Delta = 0$ indique que o sistema não tem solução única e termine a execução;
5. Como $\Delta \neq 0$, então para cada x_i faça:
 - (a) Calcule o determinante Δ_{x_i} ;
 - (b) Calcule $x_i = \frac{\Delta_{x_i}}{\Delta}$
6. Apresente os resultados.

Observando esse algoritmo vemos que necessitam de maior detalhamento as etapas de cálculo do determinante. Esse detalhamento deve ser apresentado a partir da equação apresentada para sistemas com três equações e sua redução para sistemas com duas equações. Como o cálculo do determinante deve ocorrer várias vezes durante o processo de resolução, então podemos deixar esse módulo como um subprograma, ao qual teríamos que passar o número de equações e os coeficientes a serem usados (incluindo as matrizes alteradas com o vetor b). O algoritmo para o subprograma *Determinante* ficaria então:

1. Receba o tamanho da matriz e a própria matriz (Mat)
2. Se tamanho = 2

$$Determinante = (Mat_{1,1} * Mat_{2,2}) - (Mat_{1,2} * Mat_{2,1})$$

3. Senão

$$Determinante = (Mat_{1,1} * Mat_{2,2} * Mat_{3,3}) + (Mat_{1,2} * Mat_{2,3} * Mat_{3,1}) \\ + (Mat_{1,3} * Mat_{2,1} * Mat_{3,2}) - (Mat_{1,1} * Mat_{2,3} * Mat_{3,2}) \\ - (Mat_{1,2} * Mat_{2,1} * Mat_{3,3}) - (Mat_{1,3} * Mat_{2,2} * Mat_{3,1})$$

4. Retorne o valor de Determinante

Da mesma forma faltam também as partes do algoritmo que fazem a leitura das equações e a inserção do vetor b nas colunas da matriz, para o cálculo dos Δ_{x_i} . Não detalharemos aqui esses subprogramas, apresentando-os diretamente no código, uma vez que são simples.

A única observação a ser feita é sobre a troca de uma coluna da matriz pelo vetor b . Se fizermos isso diretamente na matriz original estaremos destruindo o original e, portanto, perdendo os seus valores corretos. Desse modo precisamos inserir o vetor b numa cópia da matriz e passar essa cópia para a matriz que calcula o determinante. Uma estratégia para obter esse resultado é fazer uma chamada para um subprograma *TrocaColuna*, passando-lhe uma cópia da matriz e, a partir desse programa fazer a chamada do subprograma *Determinante*. O valor retornado por esse último seria também repassado para o programa principal.

O programa

A figura 6.9 mostra o programa completo, e comentado, para resolver nosso problema.

```
#include "stdio.h"
float Determinante (float[3][3], int); // prototipo funcao Determinante
float TrocaColuna (float[3][3], float[3], int, int); // prot. TrocaColuna
// Funcao LeSistema nao retorna valor explicito mas sim por
// passagem de parametros por referencia (Mat e Vet)

void LeSistema (float *Mat, float *Vet, int tam)
{int i,j;
 float *Maux=Mat;

 for (i=0;i<tam;i++)
 { Mat = (Maux+i*3);
  for(j=0;j<tam;j++)
  { printf("De o valor do coeficiente %d,%d:\n",i,j);
   scanf("%f",&(*Mat)); Mat++;
  }
  puts("De o valor do vetor b para esta equacao");
  scanf("%f", &(*Vet)); Vet++;
 }
}

float TrocaColuna(float Mat[3][3], float b[3], int col, int tam)
{int i,j;
 float delta;

 for (i=0; i<tam; i++)
  Mat[i][col] = b[i]; // Faz a troca da coluna col na matriz
 delta = Determinante(Mat, tam); // Calcula o determinante p/ Delta[col]
 return (delta);
}
```

Figura 6.9: Programa para solução de sistemas com duas ou três equações

```

main()
{int tamanho, i, j;
 float Matriz[3][3], vetorB[3], Delta, DeltaX[3];

 puts("Qual o tamanho do sistema?"); //
 scanf("%d",&tamanho);                // Passo 1 do algoritmo
 LeSistema(&(Matriz[0][0]), &(vetorB[0]), tamanho); // Passo 2
 Delta = Determinante(Matriz, tamanho); // Passo 3
 if (Delta == 0)
   { puts ("Delta=0, Sistema nao tem solucao"); exit(0); }
 for (i=0; i < tamanho; i++)
 { DeltaX[i] = TrocaColuna (Matriz, vetorB, i, tamanho); // Passo 4
   printf("X[%d] = %f\n",i,DeltaX[i]/Delta); // Passos 5 e 6
 }
}

float Determinante(float Mat[3][3], int tam)
{int i,j;

 if (tam == 2)      return (Mat[0][0]*Mat[1][1] - Mat[0][1]*Mat[1][0]);
 else {float parcial=0.0;
       parcial = Mat[0][0]*Mat[1][1]*Mat[2][2] +
                 Mat[0][1]*Mat[1][2]*Mat[2][0] +
                 Mat[0][2]*Mat[1][0]*Mat[2][1] -
                 Mat[0][0]*Mat[1][2]*Mat[2][1] -
                 Mat[0][1]*Mat[1][0]*Mat[2][2] -
                 Mat[0][2]*Mat[1][1]*Mat[2][0];
       return (parcial);
     }
}

```

Figura 4.9: Programa para solução de sistemas com duas ou três equações - Parte 2

Esse programa, embora aparentemente correto, não funciona da forma esperada. Por exemplo, um sistema com as equações $x_1 + x_2 = 0$ e $x_1 - x_2 = 2$ apresenta como resposta os valores 1 e 0, quando deveria apresentar os valores 1 e -1.

O erro está na forma em que o compilador C trata a passagem de vetores e matrizes para as funções chamadas. Uma primeira hipótese a ser considerada seria um erro na chamada da função *LeSistema*, em que os parâmetros relativos ao sistema de equações (a matriz e o vetor solução) são passados explicitamente por referência e assim esperamos que ao concluir a execução dessa função tenhamos na função *main* os valores corretos nas variáveis *Matriz* e *vetorB*. Essa passagem, entretanto, está correta e não é a causa de nosso erro. Na verdade o nosso problema é considerar que a chamada da função *TrocaColuna* ocorre, de fato, com passagem de parâmetros por valor.

Infelizmente (ou felizmente, dependendo do ponto de vista) os compiladores C tratam estruturas do tipo vetor (de qualquer dimensão) como sendo um ponteiro para a primeira

posição do vetor. Assim, vetores são sempre passados por referência. Isso faz com que a função *TrocaColuna* troque, efetivamente, as colunas da matriz original, destruindo seu conteúdo inicial após o laço em que troca os elementos da matriz pelos do vetor *b*.

Para corrigir esse problema temos que passar explicitamente uma cópia da matriz, o que é feito pela função *main* corrigida, apresentada na figura 6.10. Nela o que se faz é copiar o conteúdo original da matriz contendo os coeficientes do sistema de equações para uma matriz auxiliar, que é então passada para a função *TrocaColuna*, podendo ser alterada sem prejuízo do conteúdo da matriz original.

```
main()
{int tamanho, i, j, k;
 float Matriz[3][3], aux[3][3], vetorB[3], Delta, DeltaX[3];

 puts("Qual o tamanho do sistema?"); //
 scanf("%d",&tamanho);                // Passo 1 do algoritmo
 LeSistema(&(Matriz[0][0]), &(vetorB[0]), tamanho); // Passo 2

 Delta = Determinante(Matriz, tamanho); // Passo 3
 if (Delta == 0)
     { puts ("Delta=0, Sistema nao tem solucao"); exit(0); }
 for (i=0; i < tamanho; i++)
 { for(k=0;k<tamanho;k++) for(j=0;j<tamanho;j++)
     aux[k][j]=Matriz[k][j];
   DeltaX[i] = TrocaColuna (aux, vetorB, i, tamanho); // Passo 4
   printf("X[%d] = %f\n",i,DeltaX[i]/Delta); // Passos 5 e 6
 }
}
```

Figura 6.10: Programa correto para solução de sistemas com duas ou três equações

Assim, devemos tomar bastante cuidado com o uso de variáveis na forma de estruturas homogêneas (vetores, matrizes, cadeias de caracteres) quando passadas como argumentos para funções. Devemos sempre nos lembrar que tais variáveis serão passadas na forma de um ponteiro para a sua primeira posição. Isso implica que na função chamada será perfeitamente possível alterar o conteúdo original da variável. Se quisermos preservar o conteúdo original, apesar de qualquer alteração realizada na função, então teremos que passar uma cópia da estrutura, como feito na figura 6.10.

Para concluir essa discussão sobre a passagem de parâmetros para funções devemos lembrar que o uso implícito do endereço de uma variável ocorre apenas para estruturas compostas. No caso de variáveis simples, como inteiros, reais, caracteres ou mesmo uma posição específica de uma estrutura composta, o argumento passado é o seu conteúdo, caracterizando então a passagem por valor. Nesses casos, se quisermos usar o endereço da variável, então teremos que passar seus endereços de forma explícita, como ponteiros.

6.4 Subprogramas recursivos

Apesar da grande variedade de aplicações que fazem uso de subprogramas na forma em que foram apresentados, existe uma outra forma de se trabalhar com subprogramas. Até agora trabalhamos com subprogramas iterativos, em que a resolução do problema usa técnicas baseadas na repetição estritamente sequencial de chamadas ao subprograma. A outra forma possível de se trabalhar é fazendo uso de subprogramas recursivos.

Subprogramas recursivos trabalham também com a repetição das atividades previstas para o subprograma. A diferença é que aqui se usa a propriedade de recursividade, que é a capacidade de definir a resposta de algum problema a partir de definições que envolvam indução finita e a solução conhecida para um problema equivalente. Isso ocorre, por exemplo, na definição recursiva de funções como a do fatorial, vista a seguir:

$$x! = \begin{cases} 1 & , \text{ se } x = 1 \\ x.(x-1)! & , \text{ se } x > 1 \end{cases}$$

A grande vantagem em definições recursivas é que podemos obter soluções simples para problemas teoricamente ilimitados e complexos. Essas soluções são construídas a partir de uma solução que seja conhecida para um caso limitado e uma regra de recorrência, que defina como o problema pode ser particionado para chegar ao caso limitado. A combinação da regra de recorrência e da solução conhecida permite, então, construir um procedimento simplificado para obter a solução para problemas de qualquer tamanho. Isso é o que ocorre, por exemplo, na especificação recursiva do cálculo de fatorial apresentada acima.

Em programação o conceito de recursividade é extremamente útil. Através de algoritmos recursivos podemos diminuir muito o tamanho dos programas que escrevemos. Para tanto, temos apenas que ter uma definição recursiva para o problema que estamos resolvendo. Essa definição deve ter, como já visto, uma parte para a regra de recorrência e outra para a solução conhecida. Do mesmo modo, um programa construído a partir dessa solução terá que tratar separadamente cada uma dessas partes. Mais explicitamente, um programa recursivo deve ter:

1. Uma parte básica, que define a solução para o caso mais simples do problema a ser resolvido. Para o fatorial, isso seria o caso em que $x = 1$ (considerando que $x = 0$ é inerentemente trivial);
2. Uma parte recursiva, que define a regra de recorrência, ou como a solução para um problema mais geral é definida a partir da parte básica.

Para o exemplo do fatorial, considerando-se que seu cálculo é possível apenas para números naturais, temos que a solução trivial ocorre para os valores 0 ou 1. Em ambos os casos é sabido que o valor do fatorial desses números é igual a 1. Para a parte recursiva temos como regra de recorrência a parte inferior da definição recursiva do fatorial, ou seja, $x! = x.(x-1)!$. Isso implica que uma função para o cálculo do fatorial teria que incluir um teste para saber o valor do fatorial a ser calculado e apresentar as duas soluções possíveis, em que uma faria uso de recursão.

Na figura 6.11 temos o código de uma função recursiva para o cálculo do fatorial.

```
int fatorialRecursivo(int num)
{int fatorial;

    if ((num == 1) || (num == 0))
        fatorial = 1;
    else
        fatorial = num * fatorialRecursivo(num - 1);
    return (fatorial);
}
```

Figura 6.11: Função recursiva para o cálculo do fatorial.

O funcionamento dessa função é o seguinte:

1. A função é ativada de algum ponto do programa, com o parâmetro *num* passado por valor e, nessa descrição, suponhamos que ele seja igual a 3 inicialmente;
2. Testa-se o valor de *num* contra 1 ou 0. No caso de ser igual a um desses valores atribuiria-se o valor 1 para a variável *fatorial*, retornando-se esse resultado para o ponto do programa que fez a chamada;
3. Como *num* é igual a 3, o resultado a ser retornado é igual a 3 vezes o resultado da chamada da função *fatorialRecursivo*, agora tendo como parâmetro o valor 2 (vindo de $num - 1$);
4. A função é ativada agora com o parâmetro *num* igual a 2, repetindo-se o teste e resultando em que o valor a ser retornado é igual a 2 vezes o resultado da função *fatorialRecursivo* com parâmetro igual a 1;
5. Nessa ativação da função o valor de *num* é igual a 1 e com a repetição do teste é retornado o valor 1 para o ponto do programa que a chamou, que é exatamente a instância anterior da função *fatorialRecursivo* (em que *num* era igual a 2);
6. Encerra-se então o cálculo do passo 4, multiplicando o resultado obtido em 5 (fatorial=1) por 2, retornando-se esse produto como o resultado dessa ativação de *fatorialRecursivo* para a instância anterior dessa função (em que *num* era igual a 3);
7. O resultado retornado pelo passo 6 (fatorial=2) é então multiplicado por 3, para finalizar a execução do passo 3, e retorna-se então o resultado desse produto (fatorial=6) como sendo o fatorial para a função que iniciou a primeira ativação de *fatorialRecursivo* (passo 1).

Deve-se observar que o código apresentado para a função fatorial não é tão imediato quanto o código visto inicialmente no capítulo 1. Uma diferença importante é a de que aqui o valor do fatorial é determinado através de uma sequência de chamadas e posteriores retornos da função *fatorialRecursivo*, enquanto que na versão original tínhamos um laço de repetição cujo corpo era executado um certo número de vezes, até termos o valor do fatorial.

Essa é, em última análise, a essência de programas recursivos, em que a ação repetitiva sobre um objeto é feita não através de comandos de repetição, mas sim através de uma definição recursiva da ação.

Desse modo resulta uma primeira impressão, que veremos ser errada, de que o uso de recursão torna mais complicadas as soluções computacionais de problemas. Essa primeira impressão vem, na realidade, pelo fato do cálculo do fatorial possuir uma solução iterativa muito (mas muito) simples. Assim, a solução recursiva, embora elegante, parece exagerada pelo tamanho do problema. Seria como atirar numa mosca com munição de caçar elefantes.

Existem, entretanto, inúmeros problemas para os quais a solução recursiva é, não apenas a mais elegante, mas também a mais rápida e eficiente, principalmente na área de organização e recuperação de informações. Outra categoria de aplicações é a que envolve a solução de problemas de sequência de operações com ordenação lógica (provas de teoremas e alguns jogos). Um desses problemas é o da “Torre de Hanói”, que é um quebra-cabeças em que vários discos de diâmetros diferentes estão colocados em um dos três postes do jogo, como na figura 6.12. O problema inicia-se colocando-se todos os discos no poste da esquerda, em ordem de tamanho, com o maior disco na base e decrescendo até o topo da pilha de discos. O objetivo é colocar todos os discos no poste da direita, através de operações que respeitem às seguintes regras:

1. Apenas podemos movimentar um único disco de cada vez;
2. Em cada poste podemos movimentar apenas o disco que está no topo da pilha;
3. Nunca se pode colocar um disco de diâmetro maior sobre um de menor diâmetro.

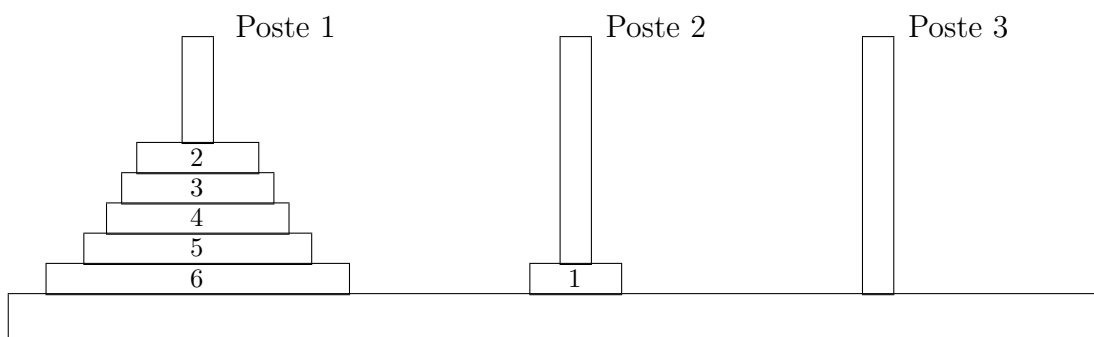


Figura 6.12: Torre de Hanói com disco 1 já movimentado.

6.4.1 Problema da Torre de Hanói

A solução mecânica (humana) para a Torre de Hanói é simples. Para uma torre com n discos renomeamos os postes como sendo os postes **origem**, **destino**, e **auxiliar**, respectivamente como aqueles que contêm a pilha original de discos, que conterão a pilha final e que serão usados temporariamente na movimentação. Como o problema de movimentação é, na realidade, um problema de contagem segundo o binômio de Newton, sabe-se de antemão que o número mínimo de movimentos é igual a $2^n - 1$ para n discos. Sabemos ainda que para um número par de discos, o primeiro movimento deve levar o disco 1 do poste **origem** para

o poste **auxiliar**. Da mesma forma, se temos um número ímpar de discos devemos levar inicialmente o disco 1 para o poste **destino**. Os movimentos seguintes também seguem uma ordem estrita de posições, procurando fazer com que a sequência deles leve até a solução do problema.

No diagrama da figura 6.12 estamos considerando o poste 1 como origem, o poste 2 como auxiliar e o poste 3 como destino. Os próximos cinco passos, considerando a posição disposta naquela figura, seriam levar o disco 2 do poste origem para o destino, seguido de levar o disco 1 do auxiliar para o destino e o disco 3 do origem para o auxiliar, quando então levamos o disco 1 do destino para o origem e, finalmente, o disco 2 do destino para o auxiliar, chegando na configuração apresentada na figura 6.13.

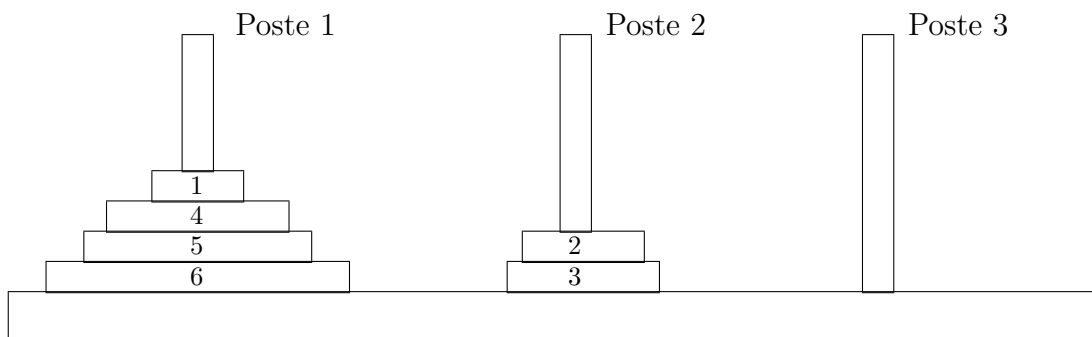


Figura 6.13: Torre de Hanói após seis movimentos.

O problema que aparece nesse momento é como escrever um programa que apresente, por exemplo, a sequência de passos para movimentar n discos do **Poste 1** para o **Poste 3**. Como seria uma solução iterativa para o problema?

A saída a ser apresentada pelo programa é trivial, consistindo basicamente de uma série de mensagens do tipo “Levei o disco k do poste i para o poste j ”. O primeiro movimento também é trivial, bastando saber se o total de discos é par ou ímpar. As coisas começam a complicar a partir do segundo movimento, quando temos que saber qual disco iremos movimentar e entre que postes isso será feito a partir dos movimentos realizados anteriormente.

Um algoritmo para isso considera a paridade do disco movido no passo anterior, resultando nas seguintes opções para o próximo movimento:

1. Se o disco movido era par, então mova um disco do poste não utilizado nesse movimento e o coloque sobre esse disco;
2. Se o disco movido era ímpar, então o movimento não envolverá o poste em que foi colocado, levando um disco de um dos outros postes para o outro, de forma a não colocar um disco maior sobre outro menor.

Esse procedimento prossegue até que todos os discos estejam sobre o poste destino.

A solução iterativa necessita que mantenhamos um registro de quais postes foram usados, quais discos foram movimentados e quantos e quais discos estão em cada poste. Isso aparentemente não é tão complexo e pode ser feito em poucas linhas de código. O programa da figura 6.14 mostra uma possível solução iterativa. Observe-se que essa solução está bastante otimizada e que, com isso, fica bastante confusa quanto aos índices dos vetores que controlam os postes (to , fr , sp). Outra otimização nesse programa diz respeito à macro *ALLO*, que

faz a alocação de posições para os postes, na quantidade de discos a serem usados. Como estruturas dinâmicas estão fora do contexto desse material, acreditemos nesse momento que as chamadas para *ALLO* apenas “definem” os vetores com os tamanhos corretos para o número de discos usados.

```
#include <stdio.h>

#define ALLO(x) { x = (int *)malloc((n+3) * sizeof(int)); }

main(int argc, char *argv[])
{ int i, *a, *b, *c, *p, *fr, *to, *sp, n, n1, n2;

  n = atoi(argv[1]);
  n1 = n+1;    n2 = n+2;
  ALLO(a);    ALLO(b);    ALLO(c); // cria os vetores a, b e c
  a[0] = 1; b[0] = c[0] = n1;
  a[n1] = b[n1] = c[n1] = n1;
  a[n2] = 1; b[n2] = 2; c[n2] = 3;
  for(i=1; i<n1; i++) { // coloca os discos no vetor a
    a[i] = i; b[i] = c[i] = 0;
  }
  fr = a; // diz que o vetor a e' o poste de origem
  if(n&1) { to = c; sp = b; } // verifica se n e' par
    else { to = b; sp = c; }

  while(c[0]>1) {
    printf("move disc %d from %d to %d\n", i=fr[fr[0]++], fr[n2], to[n2]);
    p=sp;
    if((to[--to[0]] = i)&1) { // testa se o disco a ser retirado e' par
      sp=to;
      if(fr[fr[0]] > p[p[0]]) { to=fr; fr=p; } // testa o tipo de
        else to=p; // movimento a fazer
    }
    else { sp=fr; fr=p; }
  }
}
```

Figura 6.14: Torre de Hanói iterativa

Embora existam soluções iterativas eficientes, percebe-se que o raciocínio por trás delas é um tanto quanto confuso. Uma solução recursiva para o mesmo problema é fundamentalmente elegante e não necessita de nenhuma das informações indicadas no parágrafo anterior ou no código da figura 6.14.

A solução recursiva para esse problema parte da identificação de que a solução do problema quando temos apenas um disco é trivial, consistindo apenas na movimentação deste disco do poste origem para o poste destino. Observando-se então que a solução para uma quantidade n qualquer de discos pode ser obtida considerando primeiro que temos que mover

$n - 1$ discos do poste origem para o poste auxiliar, chegando então ao problema trivial de um disco, e depois movimentando os mesmos $n - 1$ discos do poste auxiliar para o destino, podemos chegar à seguinte solução recursiva:

$$torre = \begin{cases} \text{se 1 disco} & \longrightarrow \text{mover do poste atual para seu destino} \\ \text{se } n \text{ discos} & \longrightarrow \begin{array}{l} \text{resolver torre com } n - 1 \text{ discos do poste atual para auxiliar} \\ \text{resolver torre com um disco} \\ \text{resolver torre com } n - 1 \text{ discos do auxiliar para destino} \end{array} \end{cases}$$

Esse pseudo-algoritmo leva, com alguma facilidade, ao programa recursivo para a Torre de Hanói visto na figura 6.15.

```
#include <stdio.h>

hanoi(int n, int o, int a, int d)
{
    if (n == 1) /* se apenas um disco a solucao e' trivial */
/*Passo 0*/ printf ("move disco %d de %d para %d\n",n,o,d);
    else /* senao adota a solucao recursiva */
/*Passo 1*/ { hanoi(n-1, o,d,a);
/*Passo 2*/   printf ("move disco %d de %d para %d\n",n,o,d);
/*Passo 3*/   hanoi(n-1, a,o,d);
    }
/*Passo 4*/
}

main(int argc, char *argv[])
{int n; /* n e' o numero inicial de discos na torre */
  n = atoi(argv[1]); /* converte o parametro passado na linha
                     de comando para um inteiro */
  hanoi(n,1,2,3); /* chama a funcao para mudar n discos do
                  poste 1 para o poste 3 */
}
```

Figura 6.15: Torre de Hanói recursiva

Observando a solução recursiva fica evidente que ela é mais curta e elegante. Uma única nota a ser feita é a de que o segundo passo da solução para n discos (com $n > 1$) foi alterado para já conter imediatamente a movimentação do disco e não uma nova chamada da função *hanoi*. Isso serve como uma economia no número de chamadas da função, embora pudesse ser feita com uma nova chamada sem nenhum problema.

Embora a função *hanoi* seja bastante simples, é interessante fazermos um pequeno rastreamento de seu funcionamento para, por exemplo, uma torre com 4 discos. A primeira metade dos movimentos é mostrada na figura 6.16, incluindo o conteúdo das variáveis da função *hanoi* a cada chamada e as mensagens impressas.

Posicao no programa	valor de variaveis	Saida
main, chamando hanoi	n=4	
hanoi(1), passo 1	n=4, o=1, a=2, d=3	
hanoi(2), passo 1	n=3, o=1, a=3, d=2	
hanoi(3), passo 1	n=2, o=1, a=2, d=3	
hanoi(4), passo 0	n=1, o=1, a=3, d=2	move disco 1 de 1 para 2
hanoi(4), passo 4	n=1, o=1, a=3, d=2	
hanoi(3), passo 2	n=2, o=1, a=2, d=3	move disco 2 de 1 para 3
hanoi(3), passo 3	n=2, o=1, a=2, d=3	
hanoi(4a), passo 0	n=1, o=2, a=1, d=3	move disco 1 de 3 para 3
hanoi(4a), passo 4	n=1, o=2, a=1, d=3	
hanoi(3), passo 4	n=2, o=1, a=2, d=3	
hanoi(2), passo 2	n=3, o=1, a=3, d=2	move disco 3 de 1 para 2
hanoi(2), passo 3	n=3, o=1, a=3, d=2	
hanoi(3a), passo 1	n=2, o=3, a=1, d=2	
hanoi(4b), passo 0	n=1, o=3, a=2, d=1	move disco 1 de 3 para 1
hanoi(4b), passo 4	n=1, o=3, a=2, d=1	
hanoi(3a), passo 2	n=2, o=3, a=1, d=2	move disco 2 de 3 para 2
hanoi(3a), passo 3	n=2, o=3, a=1, d=2	
hanoi(4c), passo 0	n=1, o=1, a=3, d=2	move disco 1 de 1 para 2
hanoi(4c), passo 4	n=1, o=1, a=3, d=2	
hanoi(3a), passo 4	n=2, o=3, a=1, d=2	
hanoi(2), passo 4	n=3, o=1, a=3, d=2	
hanoi(1), passo 2	n=4, o=1, a=2, d=3	move disco 4 de 1 para 3
hanoi(1), passo 3	n=4, o=1, a=2, d=3	
.....		

Figura 6.16: Execução da Torre de Hanói para 4 discos

6.4.2 Problemas recursivos clássicos

Um outro exemplo clássico de jogos com solução recursiva é o da movimentação do cavalo num tabuleiro de xadrez, percorrendo todas as suas casas sem repetição. Aqui a solução também passa por reduzir o problema até uma solução conhecida, que é o de cobrir uma posição do tabuleiro.

Uma das formas de se fazer o caminho é partir de uma dada posição do tabuleiro e, a partir dela, determinar as posições possíveis para um movimento do cavalo, que seriam armazenadas num vetor de soluções. Para uma dessas posições (um método eficiente de escolha é pegar o movimento que leva para a posição mais a esquerda da atual) chama-se a função *moveCavalo(posicao)*, que marca a posição atual na matriz como já percorrida e volta a determinar os movimentos possíveis (que vão para posições ainda não percorridas), chamando recursivamente a função *moveCavalo*, até que se complete todos os movimentos ou se chegue num caminho impossível. No primeiro caso termina-se a execução e no segundo caso realiza-se o chamado movimento de *backtracking*, em que se volta um passo no processo de solução (volta o cavalo para a posição anterior, nesse problema) e tenta-se um movimento diferente daquele que havia sido tentado. O processo de *backtracking* é terminado se todos

os possíveis caminhos forem testados e verificados como impossíveis.

Em mais um exemplo ligado ao xadrez temos o chamado problema das N rainhas, em que se deve colocar N rainhas num tabuleiro $N \times N$ de tal forma que nenhuma das rainhas esteja em posição de ser atacada por (ou atacar) outra rainha. Aqui a técnica recursiva trabalha procurando colocar uma rainha por vez, até conseguir colocar todas as N rainhas. O processo recursivo usa também a técnica de *backtracking* (caminho de volta) para retroceder até uma posição segura toda vez que se chega numa situação de conflito (ataque) entre duas rainhas.

A figura 6.17 apresenta parte da solução recursiva para o problema das rainhas. Nela ficam faltando duas funções, uma para apresentar a solução encontrada (*drawboard*) e outra para verificar se existem rainhas em situação de ataque (*good*).

```
#include <stdio.h>

#define TRUE 1
#define FALSE 0

int board[40][40], boardSize;

try(int n) // funcao recursiva para colocar uma rainha no tabuleiro
{int i;

    for (i=0; i<boardSize; i++)
    { board[n][i] = TRUE; // coloca rainha em (n,i)
      if ((n==boardSize-1) && (good() == TRUE))
        return (TRUE) // encontrou solucao
      else
        if ((n<boardSize-1) && (good()==TRUE) && (try(n+1)==TRUE))
          return (TRUE)
        board[n][i] = FALSE; // faz o backtracking aqui
      }
    return (FALSE); // se nao encontrou solucao
}

main(int argc, char *argv[])
{int i, j; /* n e' o numero inicial de discos na torre */
  boardSize = atoi(argv[1]); /* converte o parametro passado na
                              linha de comando para um inteiro */
  for (i=0; i<boardSize; i++)
    for (j=0; j<boardSize; j++)
      board[i][j] = FALSE;
  if (try(0) == TRUE) // ativa a funcao recursiva
    drawboard();
}
```

Figura 6.17: Problema das N rainhas.

Além de problemas da área de jogos, que acabam sendo tipicamente recursivos com o uso de *backtracking*, o princípio da recursividade é aplicado em uma gama bastante ampla de problemas efetivamente mais “sérios” de computação. Um desses casos é o da mudança de notação para expressões matemáticas.

Estamos acostumados a usar uma notação conhecida como **infixa**, por colocar os operadores entre os operandos, como em $A + B$. Existem, entretanto, duas outras notações que ou colocam os operadores após o par de operandos (**posfixa**) ou antes deles (**prefixa**). Em particular, a notação posfixa também é conhecida como notação polonesa reversa, em contraposição à notação prefixa que é chamada polonesa em homenagem ao seu criador, o matemático polônes Jan Lukasiewicz. A vantagem no uso dessas notações é que elas não necessitam da presença de separadores de precedência, como os parênteses que usamos em expressões complexas. Um exemplo dessa situação é visto a seguir:

$$A+B*(C-D) \equiv ABCD-*+$$

A conversão entre essas notações é importante, por exemplo, nos processos de compilação de um programa ou de tradução textos escritos em linguagens naturais. O processo de conversão nesses caso é tipicamente resolvido através de chamadas recursivas, como mostrado na figura 6.18, em que o procedimento *leiaToken* faz a leitura de um elemento da expressão (o *token*) e, a partir do que for lido pode fazer uma chamada recursiva para ele próprio ou então realizar operações sobre a saída da conversão.

1. Leia *token*
2. Se *token* for um operando escreva-o e chame *leiaToken*
3. Senão faça:
 - (a) Se operador tem precedência mais alta do que aquele que está na pilha ou a pilha está vazia ou for um '(', então guarde o operador na pilha
 - (b) Senão faça:
 - i. Se operador tem precedência menor que aquele que está na pilha, então enquanto isso for verdade, retire o operador que está no topo da pilha escrevendo-o na saída, guardando então o operador lido na pilha
 - ii. Se operador for um ')', então retire todos os operadores da pilha, escrevendo-os na sequência em que forem retirados, até que se chegue ao próximo '(', descartando os parênteses
 - (c) Chame *leiaToken*

Figura 6.18: Algoritmo da função *leiaToken* para conversão da notação infix para posfixa.

Outro problema ligado a estruturas de dados é o de caminhos em árvores. Árvores são estruturas de dados relativamente simples, usadas para reduzir a complexidade de problemas de ordenação e busca de grandes volumes de dados. O nome da estrutura vem do fato de que nela os dados são armazenados numa forma cuja representação gráfica lembraria as ramificações de troncos e folhas de uma árvore real. Uma árvore binária (cada tronco se divide

no máximo em outros dois) típica possui nós que contém um valor (o dado propriamente dito), um indicador para o elemento da árvore imediatamente a direita do nó e outro para o elemento a esquerda.

Assim, se tivermos um procedimento que tente achar o elemento mais a direita da árvore basta começarmos de um ponto conhecido (a raiz) e chamarmos esse procedimento recursivamente com um novo ponto de partida, que seria dado pelo elemento indicado como estando a direita do nó atual. A figura 6.4.2 mostra um trecho de código em C que faz o caminho até o nó mais a direita de uma árvore, usando o tipo ponteiro como método para a indicação dos nós a direita e a esquerda.

```
struct no_arvore { // estrutura de dados para a arvore
    tipo_no elem; // campo com a informacao propriamente dita
    struct no_arvore *no_dir; // ponteiros para outros nos
    struct no_arvore *no_esq; // da arvore
}

tipo_no encontra_no (struct no_arvore *no) // funcao recursiva
// que localiza o elemento mais a direita da arvore
{tipo_no resp; // variavel que armazena a resposta da funcao

    if (no->no_dir) // se ainda tem caminho a direita chama a funcao
        resp = encontra_no (no->no_dir);
    else // senao temos a resposta
        resp = no->elem;
    return (resp); // retorna a resposta para quem chamou a funcao
}
```

Figura 6.19: Função para localizar elemento mais a direita em uma árvore

Com estes exemplos de recursão encerramos esse capítulo. Temos agora condições de escrever programas de qualquer complexidade, se bem que ainda com o uso de alguns modelos não tão eficientes para determinadas situações, como por exemplo para a manipulação de dados que envolvam informações de tipos diferentes, como nome, endereço, peso, altura e data de nascimento, mas que digam respeito ao mesmo elemento (uma certa pessoa, por exemplo).

Nos próximos capítulos passaremos a estudar tipos de dados mais complexos do que os que temos utilizado até então, com o uso de registros e apontadores. Ao usarmos esses tipos em conjunto com subprogramas e as estruturas de controle já apresentadas poderemos escrever qualquer tipo de programa, em qualquer tipo de linguagem do paradigma imperativo, além de termos condições de entender rapidamente os aspectos de programação nos demais paradigmas.

EXERCÍCIOS

1. Reescreva os programas apresentados nos exercícios dos capítulos 2 e 3, usando subprogramas para executar as tarefas requisitadas.

2. Escreva um programa que leia um número inteiro e o escreva por extenso (como uma máquina de preencher cheques faz, por exemplo).
3. Escreva um programa que leia N números, armazene-os em um vetor e depois os ordene, isso é, os coloque em ordem crescente.
4. Escreva um programa que possa ser usado como apoio ao ensino de física do ensino médio (apenas exercícios de cinemática), em que o aluno entraria com o tipo de problema e os dados de entrada. Seu programa deve apresentar a resposta para esse problema. Considere as variações possíveis de problemas e de quais seriam os dados de entrada.
5. Considere o problema do caminho do cavalo, apresentado na seção 4.4.2. Escreva um programa que, dado o tamanho do tabuleiro, apresente uma solução para o caminho (se houver) ou que diga que não existe solução para tabuleiro daquele tamanho.
6. Escreva um programa que, dada uma expressão em notação posfixa, apresente o resultado obtido com a avaliação da mesma.

Capítulo 7

Estruturas heterogêneas de dados

Durante o capítulo 2 apresentamos os tipos básicos de dados e também uma forma mais simples de organização coletiva de dados representada pelas estruturas homogêneas. Embora tais estruturas permitam resolver uma grande quantidade de problemas, existem situações em que precisamos misturar tipos de dados diferentes dentro de uma única estrutura, que seria associada a um único nome simbólico, o que não é possível com as estruturas homogêneas.

Um exemplo típico de situação em que isso ocorre é quando temos que armazenar e manipular dados relativos aos registros de pessoas dentro de uma organização. Tais dados envolvem diferentes tipos básicos, como cadeias de caracteres para armazenar nome da pessoa e partes do endereço, ou tipos numéricos para guardar idade, salário, etc. Esses dados de tipos diferentes não seriam normalmente associados, mas como todos dizem respeito a um mesmo elemento - uma pessoa da organização - então é interessante que tenhamos um mecanismo para associá-los numa única estrutura.

Essa estrutura é usualmente conhecida como estrutura heterogênea, uma vez que é usada para agrupar tipos de dados diferentes. A grande vantagem no uso de tais estruturas é permitir que os dados possam ser organizados de forma mais clara e próxima daquela que nós trabalhamos. No restante desse capítulo nos ocuparemos de mostrar porque necessitamos de estruturas heterogêneas e como podemos construí-las em uma linguagem estruturada (como C). Adicionalmente apresentaremos o conceito e forma de uso de arquivos. De modo simplificado, arquivos são formas alternativas de entrada ou saída de dados que podem ser compreendidos como sendo estruturas heterogêneas. Assim os examinaremos na parte final deste capítulo.

7.1 Aplicações de estruturas heterogêneas

Antes de examinar em que situações é desejável, ou imprescindível, usar estruturas heterogêneas precisamos entender o que elas de fato representam na memória. Quando declaramos uma variável como sendo do tipo de uma estrutura qualquer estamos, na prática, reservando na memória espaço suficiente para acomodar todos os tipos básicos nela definidos. Esse espaço também estaria organizado de forma bem definida, permitindo que o acesso a qualquer dos tipos básicos seja feito de maneira simples e direta.

Essa organização é estabelecida, através de um algoritmo ou código fonte, pela distinção entre a estrutura e seus componentes. O acesso a uma estrutura sempre ocorre através de seus componentes, sempre de forma individual a cada um deles. Esse acesso, assim como o endereço de uma casa (rua e número), ocorre pela nomeação simultânea da estrutura e do

componente a ser acessado.

Com o uso de estruturas heterogêneas criamos todas as condições para escrever programas de qualquer complexidade, operando sobre qualquer tipo de dados e informações.

EXEMPLO

Considere uma empresa que mantém registros de seus empregados, usando-os para calcular sua folha de pagamento considerando número de horas trabalhadas, valor do salário base por hora, horário de trabalho, faixas de desconto de imposto de renda, número de dependentes, estado civil, tabela de descontos extraordinários (pensões, empréstimos, etc.). O programa que faz o processamento da folha de pagamento deve apresentar também o nome do empregado. Que tipos de dados devem ser organizados para gerar o registro de um empregado nessa empresa?

é natural que valores como salário base e faixas de desconto devem ser representados por números reais, assim como os descontos extraordinários. Além dessas variáveis devem ser acrescentadas outras para armazenar valores intermediários e até mesmo o salário líquido do empregado.

O número de horas trabalhadas deve ser um inteiro ou um real (assumindo o pagamento de frações de horas). Da mesma forma temos o número de dependentes e o número de registro (identificação do empregado) como valores inteiros.

O nome do empregado e seu estado civil são cadeias de caracteres. Outros campos com cadeias de caracteres podem envolver datas (nascimento, admissão, pagamento, etc.).

O conceito de estrutura heterogênea permitiria reunir todas essas informações em um único pacote, em que cada um desses dados seriam campos de um registro. A figura 7.1 apresenta alguns dos campos dessa estrutura.

REGISTRO DE FUNCIONÁRIO			
Nome	Registro Funcional		Salário
Nascimento	Estado civil		Dependentes
Horas trabalhadas		Impostos	Descontos
Salário Líquido		

Figura 7.1: Estrutura para registro de um empregado

Deste exemplo podem ser feitas algumas observações, suficientemente gerais, sobre a organização de estruturas heterogêneas. Elas são:

1. O objetivo de reunir dados de tipos distintos em uma única estrutura é o de permitir

concentrar nela todas as informações relativas a algum elemento do sistema;

2. O acesso aos dados individuais dentro de uma estrutura é possibilitado através da alocação de espaços bem definidos na memória;
3. Para permitir uma organização correta dos dados na memória é preciso que cada um deles esteja claramente declarado e denominado, de forma a permitir o acesso individualizado aos mesmos;
4. Os componentes internos de uma estrutura são denominados **campos da estrutura**, sendo que os mesmos podem ser tipos básicos, compostos homogêneos ou mesmo outras estruturas heterogêneas previamente definidas.

Essas observações são essenciais para se entender quando e como devemos usar estruturas heterogêneas. O que resta no momento é apresentar um conjunto de situações em que a aplicação delas se torna a solução mais simples e eficiente. Isso é feito nas próximas páginas, através de alguns exemplos de como estruturas são definidas na linguagem C.

7.2 Estruturas heterogêneas em C

Como apresentado no início desse capítulo, uma estrutura heterogênea é apenas uma forma simplificada e organizada para declarar e usar valores de tipos diferentes que tenham relação entre si. O uso dessas estruturas envolve, portanto, dois momentos distintos. Um, em que se faz a declaração da estrutura (e também de variáveis que serão do tipo dessa estrutura), e outro em que se define formas de manipulação dessas variáveis.

7.2.1 Declaração de uma estrutura

Em C a declaração de estruturas heterogêneas ocorre através da definição de uma **struct**. Em uma *struct* o que temos é a definição de um nome para a estrutura, bem como a definição dos elementos que a compõem e quais são seus tipos. A figura 7.2 apresenta a declaração de uma estrutura em C para parte dos dados listados no exemplo apresentado na figura 7.1.

```
struct funcionario { // define a estrutura chamada "funcionario"
    char nome[50];    // com os campos aqui listados
    int reg;
    char estcivil[8];
    char nasc[15];
    int dependentes;
    float salBase;
    float descontos;
    int horastrab;
} emp, listaemp[2000]; // declara uma variavel do tipo vetor para
// armazenar os registros dos empregados e outra simples p/ um empregado
```

Figura 7.2: Estrutura (simplificada) para registro de um empregado

7.2.2 Manipulação de estruturas

O segundo momento no uso de uma estrutura heterogênea é a manipulação de seus conteúdos. A manipulação de estruturas ocorre somente através do acesso direto aos campos que a compõem. Esse acesso, como mencionado anteriormente, exige a identificação simultânea de qual estrutura se quer manipular e em qual campo dela ocorrerá essa manipulação. Essa dupla identificação ocorre, em C, através do par

NomedaVariavel.NomedoCampo

como por exemplo em:

```
if (listaemp[n].salBase < 300.0) listaemp[n].descontos=0;
```

A manipulação dos conteúdos pode ser feita individualmente, como no exemplo acima, ou globalmente através do endereço da estrutura. Nesse último caso temos que fazer uso de ponteiros, através de uma sintaxe diferenciada. Nesse momento trabalharemos apenas com a forma convencional de acesso, que apresenta as seguintes características para as operações comuns em programas:

Leitura e escrita

As operações de entrada e saída devem ser realizadas de modo individual para cada elemento da estrutura, seguindo a formatação de cada tipo básico lido ou escrito.

```
scanf("%s %d", listaemp[j].nome, &listaemp[j].reg);  
printf("%s %f", emp.nome, emp.salBase);
```

Atribuição de uma estrutura

A atribuição de uma estrutura para uma variável de seu tipo pode ser feita através da atribuição separada de cada um de seus campos ou pela atribuição direta entre variáveis do mesmo tipo de estrutura. Também se pode fazer essa atribuição através da manipulação direta de ponteiros para a estrutura, mas essa forma de trabalho não será tratada neste capítulo. Os exemplos abaixo mostram o tratamento de campos individuais de uma estrutura.

```
emp.salBase = listaemp[j].salBase;  
strcpy (emp.nome, listaemp[j].salBase);
```

Vetores e estruturas heterogêneas

A manipulação de vetores de estruturas heterogêneas deve ter ficado evidente a partir dos exemplos anteriores. Se um vetor é composto por elementos de uma dada estrutura, então cada uma de suas posições é individualmente identificada através de um índice associado ao nome do vetor, como em `listaemp[i].descontos=0`.

Entretanto, é possível também que um campo da estrutura seja um vetor. Nesse caso o índice fica associado ao campo da estrutura. Suponha, por exemplo, que temos uma estrutura *diario*, que armazena as notas dos alunos de uma determinada disciplina. Outros campos nessa estrutura envolveriam média da sala, nome da disciplina e do professor e ano de oferecimento.

O trecho de código da figura 7.3 apresenta como essa estrutura seria declarada e manipulada. Observem que na declaração da estrutura fazemos a declaração de campos como sendo vetores (*notas*) e também de um vetor para armazenar as diversas disciplinas (*curso*).

```
struct diario { // define a estrutura chamada "diario"
    char nomedisc[25];    // com os campos aqui listados
    int coddisc;
    char nomeprof[50];
    float notas[100];
    float media;
    int ano;
} disciplina, curso[50]; // a variavel "curso" armazena os registros
                        // das disciplinas do curso

main()
{int i, j;
    // codigo apagado
    for (i=0; i<totdisc; i++) // laço para recuperar todas disciplinas
        for (j=0; j<numalunos; j++) // laço para notas de uma disciplina
        { scanf("%f",&curso[i].notas[j]);
            if (curso[i].coddisc == disciplina.coddisc)
                disciplina.notas[j] = curso[i].notas[j];
        }
    // mais codigo apagado
}
```

Figura 7.3: Manipulação de campos com vetores

Como a variável *curso* é uma estrutura do tipo vetor, temos que especificar qual de seus elementos queremos acessar (qual disciplina do curso) através de um índice (dado pela variável *i* no exemplo). Caso o campo acessado também seja um vetor (*notas*), então temos que indicar também qual nota estamos referenciando, o que é feito através de um segundo índice (variável *j* no exemplo).

Funções e estruturas heterogêneas

O uso de estruturas heterogêneas em funções segue o mesmo padrão examinado para os tipos básicos de dados. Ao se definir que um (ou mais) dos parâmetros será uma estrutura heterogênea, o compilador instrui ao processador para reservar os espaços necessários para guardar todos os elementos da estrutura. No caso de ser um ponteiro para a estrutura, como ocorre na passagem por referência, o processo é ainda mais simples, pois o que se passa é um endereço para o início dessa estrutura.

Assim, ao usarmos estruturas heterogêneas como parâmetros em funções temos que ter os mesmos cuidados examinados no capítulo anterior, principalmente no que diz respeito à passagem por valor ou por endereços e os efeitos que isso representa no restante do programa. Vejamos alguns exemplos:

```
salario = calc_salario(emp.salBase, emp.horastrab); /* calcula o salario
           usando os parametros salBase e horastrab */
insere_empr(listaemp[pos], emp); /* insere os dados de um empregado (emp)
           na posicao "pos" do vetor de empregados (listaemp) */
```

7.2.3 Estruturas heterogêneas especiais

As estruturas examinadas até agora se limitam a agrupar dados sobre um elemento sob um único nome simbólico. Existem, entretanto, estruturas que permitem a organização de conjuntos de dados que tenham uma maior relação semântica entre si. Exemplos de relações semânticas incluem relações de ordem e precedência, entre outras. Em estruturas que possuam relações semânticas as informações contidas ficam divididas em duas partes: uma com as informações particulares de cada elemento e outra com informações sobre as relações de ordem da estrutura formada.

Estruturas desse tipo são essenciais nas aplicações que envolvam enormes quantidades de dados. Por exemplo, numa empresa com muitos empregados (vários milhares) o sistema com o registro dos mesmos deve apresentar alguma característica que permita facilitar a busca pelos dados de um empregado específico. Assim, uma estrutura para armazenar esses registros funcionais deve mantê-los organizados em algo parecido com uma lista ordenada. Os componentes dessa lista devem conter os mesmos elementos vistos na figura 7.2 para armazenar os dados dos funcionários. Além deles, devem conter, no mínimo, informações que indiquem qual o próximo funcionário na lista. Esse tipo de informação é o que permite o tratamento dos membros da lista e de sua manipulação.

Quando criamos estruturas com funcionalidades semânticas, como listas ordenadas, por exemplo, temos também que criar operações específicas sobre a estrutura. As operações de manipulação incluem a inserção de um novo elemento, a remoção de um elemento e a busca para verificar se um dado elemento está contido na lista. A combinação entre os operadores sobre a estrutura e a estrutura propriamente dita gera o que chamamos de **Tipos Abstratos de Dados** (TAD ou ADT, da sigla em inglês). Os TADs são uma das peças fundamentais dentro do conceito de POO (programação orientada a objetos), sendo também muito úteis na especificação de algoritmos para problemas complexos. O uso consciente de TADs permite o atendimento extremo dos conceitos de programação estruturada, principalmente da ideia de modularização. Examinaremos brevemente agora como criar uma lista com elementos ordenados.

EXEMPLO

Considere uma estrutura que armazene os nomes de frutas, além de seu peso médio, sabor e cor. Uma possível estrutura seria:

```
struct fruta {
    char nome[20];
    int sabor; // 1=doce, 2=azedo, 3=amargo, 4=neutro
    int cor; // 1=amarelo, 2=vermelho, 3=verde, ....
    float peso;
} lista[1000];
```

Ao inserirmos alguns tipos de frutas no vetor *lista* pode ocorrer de inserirmos *uva* antes de *goiaba* e esta antes de *abacate*. Se pretendemos imprimir a lista de frutas com seus pesos médios em ordem alfabética, temos antes que ordenar as frutas dentro do vetor *lista*.

Uma possível solução é o uso do **algoritmo da inserção** (*insertion sort*), em que no primeiro passo comparamos o primeiro elemento com os demais da lista e, a cada vez que o primeiro elemento for lexicograficamente posterior ao elemento comparado, deve-se trocá-los de posição. Isso se repete para cada uma das demais posições na lista.

Assim, o algoritmo da inserção permitiria a ordenação de forma bastante simplificada. O problema desse algoritmo é que a cada comparação pode ocorrer a troca dos elementos comparados, o que o torna bastante lento. No caso da lista de frutas a troca de elementos da estrutura tem que envolver a troca de todos os seus elementos. Para determinadas estruturas, envolvendo declarações estáticas de vetores internos, isso deve ser feito de forma individual para cada campo, o que é bastante trabalhoso. Em estruturas simples, como a declarada para as frutas, isso pode ocorrer de forma mais simples, através da troca direta dos valores de duas posições da lista, como aparece no exemplo a seguir (figura 7.4), que assume que a lista de frutas foi lida em algum outro ponto do programa:

```
void ordenaLista (struct fruta *list, int tam)
{int i, j, menor;
 struct fruta aux;  // usado para fazer a troca dos elementos do vetor

  for (i=0; i<tam-1; i++)
  { menor = i;
    for (j=i+1; j<tam; j++)
    { if (strcmp(list[menor].nome,list[j].nome) > 0)
        menor = j;    // troca o menor se ordem estiver invertida
    }

    if (menor != i) // atualiza posições das frutas se necessário
    { aux = list[i];
      list[i] = list[menor];
      list[menor] = aux;
    }
  }
}
```

Figura 7.4: Ordenação de elementos num vetor de estruturas heterogêneas

Essa função parte do princípio de que, inicialmente, a lista com as frutas vem em qualquer ordem e que em cada iteração do primeiro `for` a fruta com menor valor lexicográfico ficará na posição indexada pela variável *i*.

O que ocorre em cada comando `for` pode ser resumido da seguinte forma, considerando-se que “menor” significa aparecer antes no dicionário:

1. No `for` externo atribui-se inicialmente como menor fruta aquela indicada pela posição *i* do vetor;

2. Dentro do `for` interno, busca-se pela menor fruta ainda não classificada, sendo que para isso busca-se entre as frutas localizadas a partir da posição $i + 1$ do vetor;
3. Após identificar a menor fruta, então troca-se a posição da mesma com a da fruta que aparece na posição i da lista;
4. O processo continua até testarem-se todas as posições da lista (na realidade para-se após identificar a penúltima fruta, pois nesse caso a última fruta já estará em sua posição correta na lista).

EXERCÍCIOS

1. Escreva um programa que manipule as notas dos alunos de uma faculdade, usando registros, em que para cada aluno existam as seguintes informações: nome completo, data de nascimento, ano de ingresso, nomes das disciplinas cursadas, quantidade de créditos de cada uma delas, a nota obtida e o coeficiente de rendimento do aluno, dado pela fórmula $CR = \frac{\sum(Nota_i * NCred_i)}{\sum NCred_i}$
2. Escreva um programa para o cálculo do salário de n funcionários, onde as informações sobre os funcionários são nome, número de dependentes, salário por hora e número de horas trabalhadas. Faça os cálculos de desconto de INSS e imposto de renda, usando as seguintes condições:

Salario bruto :

 salario/hora * horas trabalhadas + R\$ 0,58 por dependente

INSS : 10% se salario bruto for menor que R\$ 800,00,
 R\$ 80,00 caso contrario

IR : isento se (salario bruto - INSS) for menor ou igual a R\$ 750,00
 10% se for maior que isso e menor ou igual a R\$ 2500,00
 25% se for maior que isso

Para cada funcionário informe o nome, salário por hora, horas trabalhadas, salário bruto, desconto de INSS, desconto de imposto de renda e salário líquido.

3. Defina estruturas para armazenar informações sobre livros numa biblioteca. Considere todas as informações cabíveis para os mesmos, tais como empréstimos, reservas, estado de conservação, etc.
 4. Escreva funções e procedimentos para manipular dados sobre livros de uma biblioteca. Considere as estruturas definidas no exercício anterior.
 5. Defina estruturas para a manipulação de números complexos.
 6. Escreva procedimentos para fazer operações sobre números complexos usando as estruturas definidas no exercício anterior.
-

7.3 Arquivos de dados

Arquivos de dados são instrumentos para se fazer o armazenamento mais permanente de informações. Arquivos ficam armazenados fora da memória, mas apesar disso podem ser (e são) manipulados por programas. Um arquivo é uma entidade lógica que ocupa espaço em dispositivos de armazenamento secundários (discos rígidos, discos flexíveis, discos óticos, fitas magnéticas, etc.) e que ao ser aberto por um programa passa a permitir leituras e escritas sobre seu conteúdo.

As operações que podem ser realizadas sobre um arquivo envolvem, de forma simplificada, sua abertura, seu fechamento e operações de leitura e escrita de conteúdo. A eficiência de um programa que necessite de acesso a arquivos depende, fundamentalmente, da eficiência dessas operações. Aqui ainda não nos preocuparemos em como obter técnicas eficientes de acesso aos dados dos arquivos (o que envolveria o exame de técnicas relativamente sofisticadas para busca e ordenação de informações). Assim, nas próximas páginas examinaremos as formas mais simples de leitura, escrita e demais operações sobre arquivos.

7.3.1 Leitura e escrita

As operações de leitura e escrita são em quase tudo semelhantes às de leitura e escrita examinadas até agora (teclado e vídeo). Uma diferença importante é de que um arquivo possui final, isto é, as informações nele armazenadas são finitas, enquanto a entrada de dados pelo teclado pode prosseguir indefinidamente.

Outra diferença está na forma de acesso aos dados. Enquanto no teclado os dados são obrigatoriamente lidos em sequência, num arquivo o acesso aos dados pode ocorrer de forma sequencial, indexada ou aleatória. Essa variedade de formas de acesso surgiu porque o custo (em termos de tempo) de acesso aos arquivos armazenados em dispositivos secundários de memória é extremamente alto em relação aos tempos de acesso à memória e aos registradores da CPU (na prática falamos de tempos na ordem de nanossegundos para registradores, dezenas de nanossegundos para memória e milissegundos para discos). Assim, organizar os dados nos arquivos de forma eficiente passou a ser um problema importante em computação, gerando muitas pesquisas na área de organização e recuperação de informações.

Exceto pelas diferenças mencionadas no parágrafo anterior, a leitura ou escrita de dados em arquivos ocorre de forma igual à de teclado ou vídeo. Na prática, em algumas linguagens usa-se exatamente os mesmos comandos para as operações de entrada e saída de dados, independente do dispositivo usado. Claro que nessas situações deve aparecer no próprio comando alguma forma de identificação do destino ou origem da operação, o que se chama direcionamento de entrada/saída. Alguns sistemas operacionais ainda permitem um redirecionamento dessa operação, permitindo por exemplo que se leia dados de um arquivo embora eles fossem esperados a partir do teclado. Isso, entretanto, está fora dos objetivos deste capítulo.

7.3.2 Abertura

A operação de abertura de um arquivo resulta em uma série de atividades a serem cumpridas pelo sistema operacional do computador que estiver executando o programa. Cronologicamente essas atividades incluem:

1. Busca no sistema de arquivos do computador pelo arquivo que foi solicitado, sendo que se a operação for de leitura é obrigatória a existência prévia do arquivo, ocorrendo falha de execução caso isso não ocorra, e se for de escrita ainda deve-se levar em consideração o tipo de acesso a ser feito (escrita, sobrescrita ou anexação);
2. Registro do arquivo aberto na memória do computador, trazendo-o parcialmente para espaços da memória, caso o arquivo já exista, ou apenas reservando espaço na memória em caso contrário (neste caso apenas se for aberto para escrita);
3. Notificação ao programa sobre a abertura do arquivo e criação de um marcador para o início desse arquivo (esse marcador será usado pelo programa para poder “caminhar” através do conteúdo do arquivo).

Ao final dessas atividades, portanto, o programa recebe um marcador (tipicamente um ponteiro) para o início do arquivo. Esse marcador deve ser usado então para cumprir as atividades de leitura e/ou escrita sobre o arquivo, sendo atualizado a cada comando de leitura/escrita realizado, de forma a ficar sempre posicionado sobre o próximo *byte* a ser acessado no arquivo.

7.3.3 Fechamento

No fechamento de um arquivo o sistema operacional acaba realizando mais uma vez uma série de tarefas, dentre as quais a atualização final dos dados do arquivo no disco. Dentre essas atividades a mais importante é a liberação do espaço que o arquivo estava ocupando na memória. Uma observação importante é de que, após fechado, um arquivo apenas pode ser acessado novamente pelo programa caso seja aberto mais uma vez. Assim, podemos definir o escopo de um arquivo como sendo o período entre sua abertura e o seu fechamento pelo programa.

7.3.4 Arquivos em C

Um arquivo é manipulado em C através de um ponteiro para o seu conteúdo. Embora isso possa parecer estranho, acaba por facilitar bastante o tratamento de arquivos ao trata-los como uma sequência de endereços em disco.

A declaração de um ponteiro para um arquivo é feita declarando-se um ponteiro do tipo `FILE`, como visto logo abaixo. O conteúdo desse ponteiro é um endereço na memória correspondente ao local onde está armazenada a próxima informação a ser lida ou escrita no arquivo.

```
FILE *pont_arq;
```

As manipulações sobre os arquivos são realizadas por funções bastante semelhantes às que examinamos para leitura e escrita padrão (teclado e monitor). As diferenças que surgem são a inclusão do ponteiro direcionador como parâmetro dessas funções e o acréscimo da letra ‘f’ antes de seus nomes, como em *fputs* em vez de *puts* por exemplo. Os principais comandos para manipulação de arquivos aparecem a seguir:

Tabela 7.1: Tabela de funções para manipulação de arquivos

COMANDO	DESCRIÇÃO
<i>FILE</i> * <i>pont</i> ;	→ declara o ponteiro <i>pont</i> como sendo um marcador de um arquivo
<i>pont</i> = <i>fopen</i> (<i>nome</i> , <i>op</i>);	→ abre um arquivo chamado <i>nome</i> , para realizar operações de <i>op</i> , retornando o ponteiro <i>pont</i> como marcador do arquivo, caso a operação de abertura seja bem sucedida <i>op</i> assume, entre outros, um dos seguintes valores: "r" para leitura, "w" para escrita, "a" para anexar
<i>fclose</i> (<i>pont</i>);	→ fecha o arquivo que tenha <i>pont</i> como seu marcador
<i>fputs</i> (<i>texto</i> , <i>pont</i>);	→ equivalente ao <i>puts</i> , porém operando sobre o arquivo marcado por <i>pont</i>
<i>fscanf</i> (<i>pont</i> , <i>formato</i> , <i>lista</i>);	→ armazena, nas variáveis que fazem parte de <i>lista</i> , segundo a formatação apresentada por <i>formato</i> , os valores lidos do arquivo apontado por <i>pont</i>
<i>fprintf</i> (<i>pont</i> , <i>formato</i> , <i>lista</i>);	→ grava os conteúdos das variáveis em <i>lista</i> , segundo a formatação apresentada por <i>formato</i> , no arquivo apontado por <i>pont</i>
<i>feof</i> (<i>pont</i>);	→ verifica se chegou ao final do arquivo apontado por <i>pont</i> , retornando 1 se for verdade ou 0 se isso for falso

O uso destes comandos é feito de forma similar ao que se faz com os comandos para entrada e saída padrão. O próximo exemplo ilustra claramente que o uso de arquivos dentro de um programa é algo bastante simples de ser feito, bastando para isso que se siga os procedimentos naturais de especificar um bom algoritmo e, a partir dele, fazer a implementação usando os comandos adequados em cada situação.

Uma observação importante a fazer é que na abertura de um arquivo o comando *fopen* pode resultar em erro, quando a abertura for para leitura e o arquivo não existir. Nesse caso o valor de retorno da função *fopen* é NULL. Esse valor de retorno permite que o programa faça o tratamento de erro de abertura do arquivo, como apresentado através do comando a seguir:

```
if (fp = fopen(arquivo,"r") == NULL)
{ puts ("Erro na abertura do arquivo");
  exit(0);
}
```

Exemplo

Um problema bastante comum em computação é o da conversão de padrões entre dois códigos pré-determinados, em que os dados são lidos a partir de um arquivo e escritos em outro após a aplicação das transformações necessárias. Considere então que um certo programa deve ler uma tabela em que cada linha contém os seguintes dados:

```
inteiro1 string1 inteiro2 string2 double1 double2 double3
```

Como resultado de sua execução o programa deve gerar um novo arquivo de dados, em que cada linha conterá:

```
(inteiro1 + inteiro2) string1 (double1 + double2)/double3 string2
```

Um possível algoritmo para esse programa aparece na figura 7.5. Nele o que temos de diferente em relação aos programas apresentados até aqui é exatamente o uso explícito de arquivos, tanto para a leitura de dados quanto para a escrita dos resultados da transformação.

Deve-se lembrar ainda que, diferente do que ocorre nesse algoritmo, as operações de leitura e escrita sobre arquivos podem ser feitas sobre qualquer quantidade de variáveis, desde que sejam devidamente especificadas como parâmetros das funções de manipulação de arquivos. Outro aspecto a observar é que pela definição de como funcionam as funções para essa manipulação, temos que seus marcadores são atualizados a cada operação sobre o arquivo. Isso é que permite que o marcador sobre o arquivo de entrada parta do início do arquivo e chegue até o seu final, quando isso for necessário.

```
DECLARE inteiros a, b, c
DECLARE reais x, y, w, z
DECLARE strings n1, n2
DECLARE ponteiros de arquivos arq1, arq2

ABRIR arquivo de entrada, iniciando ponteiro arq1
ABRIR arquivo de saída, iniciando ponteiro arq2

ENQUANTO arq1 não estiver no final do arquivo FAÇA
  LER um inteiro a partir de arq1 e armazene na variável a
  LER um string a partir de arq1 e armazene na variável n1
  LER um inteiro a partir de arq1 e armazene na variável b
  LER um string a partir de arq1 e armazene na variável n2
  LER um real a partir de arq1 e armazene na variável x
  LER um real a partir de arq1 e armazene na variável y
  LER um real a partir de arq1 e armazene na variável w
    FAÇA  $c = a + b$ 
    FAÇA  $z = (x + y) / w$ 
  ESCREVER a partir de arq2 os valores de c, n1, z e n2
FIM ENQUANTO

FECHAR arquivo de entrada, liberando arq1
FECHAR arquivo de saída, liberando arq2
```

Figura 7.5: Algoritmo de conversão de dados

```
#include "stdio.h"

main()
{ int a, b, c;
  char n1[20], n2[20];
  double x, y, w, z;
  FILE *arq1, *arq2;

  arq1 = fopen("arquivo.in","r");
  arq2 = fopen("arquivo.out","w");
  fscanf(arq1,"%d",&a);
  while (! feof(arq1))
  { fscanf(arq1,"%s",n1);      fscanf(arq1,"%d",&b);
    fscanf(arq1,"%s",n2);      fscanf(arq1,"%lf",&x);
    fscanf(arq1,"%lf",&y);      fscanf(arq1,"%lf",&w);
    c = a+b;
    z = (x+y)/w;
    fprintf(arq2,"%d %s %lf %s\n",c,n1,z,n2);
    fscanf(arq1,"%d",&a);
  }
  fclose(arq1);
  fclose(arq2);
}
```

Figura 7.6: Código C para o programa de conversão de dados

O algoritmo apresentado na figura 7.5 leva ao programa mostrado na figura 7.6. Nesse programa mantivemos a estrutura das operações sobre arquivos exatamente como foram descritas no algoritmo apenas para ilustrar como usar os comandos de leitura e escrita sobre arquivos. Num programa real poderíamos agrupar várias operações de leitura (ou escrita quando fosse o caso) em um único comando em C. Um exemplo disso seria a substituição das três leituras de números reais por um único *fscanf*, como o que aparece a seguir:

```
fscanf ("%lf %lf %lf", &x, &y, &w);
```

EXERCÍCIOS

1. Reescreva o programa para o exercício 3 do final do capítulo 2, considerando que os dados dos alunos e disciplinas serão lidos de arquivos.
2. Faça o mesmo para os exercícios 3, 4 e 6 do final do capítulo 6.
3. Faça o mesmo para os exercícios 1, 2 e 4 do final da seção 7.2 deste capítulo.